

Trilhas da cultura e das artes

DOSSIÊ MÚSICA:
formação,
gestão e
difusão



Entrevista com o professor
Sólton de Albuquerque
Mendes da UFBR,
coordenador do projeto
de extensão: Novos
Cachoeiranos

Como água em pedra
dura: mostra de música
negra no Instituto Federal
Do Rio Grande Do Sul

Produzindo cultura
e formação: relato a
partir da experiência
na Oficina de Produção
Cultural (Faculdade de
Comunicação – UFBA)

Revista Extensão. 23ª edição, vol. 1 (março, 2023) - Cruz das Almas, BA:
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2023
Semestral

ISSN: 2236-6784

e-ISSN: 2764-5878

1. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

CDD 378.81

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que
sejam citadas as fontes.

Allows reproduction in published information, provided that
sources are cited.

Pede-se permuta./ We ask for exchange.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
RUA RUI BARBOSA, 710, CENTRO, CRUZ DAS ALMAS - 44.380-000, BAHIA, BRASIL

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Tatiana Ribeiro Velloso

COORDENADORIA DE CULTURA E UNIVERSIDADE (CCU)

Paula Alice Baptista Borges

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS (NUEDAC)

Daiane Loreto de Vargas

Tábata Figueiredo Dourado

Míriam da Silva Ferreira

EDITORAS-CHEFES

Daiane Loreto de Vargas, Dra. (UFRB)

Paula Alice Baptista Borges, Dra. (UFRB)

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Dra. (UFRB)

EDITORA EXECUTIVA

Míriam da Silva Ferreira, Esp. (UFRB)

EDITORES DO DOSSIÊ “MÚSICA: GESTÃO, DIFUSÃO E TRABALHO”

Daniele Pereira Canedo, Dra. (CECULT/UFRB)

Danillo Barata, Dr. (CECULT/UFRB)

Cláudio Manoel D. de Souza, Dr. (CECULT/UFRB)

COMITÊ EXECUTIVO

Míriam da Silva Ferreira, Esp. (UFRB)

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

Daiane Loreto de Vargas, Dra. (UFRB)

Maria da Conceição de Menezes Soglia, Dra. (UFRB)

Paula Alice Baptista Borges, Dra. (UFRB)

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Dra. (UFRB)

ESTAGIÁRIA

Jessica de Souza Pedreira, discente do CCS/UFRB. (NUEDAC/UFRB)

CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Tatiana Ribeiro Velloso, Dra. (UFRB)

Ana Rita Santiago, Dra. (UFRB)

Custódia Martins, Dra. (UMINHO/Portugal)

Juan A. C. Rodriguez, Dr. (UACH/México)

José Alberto Pereira, Dr. (IPB/Portugal)

Odette Gonsález Aportela, Dra. (UH/Cuba)

EDITORIA DE ÁREAS TEMÁTICAS

II- Cultura e Artes

Ana Urpia (CECULT/UFRB)

Daniel Moura (UFS)

IV- Educação

Eniel do Espírito Santo (CETEC/UFRB)

Sara Dias Trindade (Universidade de Coimbra)

V- Meio Ambiente

Marielen Kaufman (UDESC)

VI- Saúde

Diana Anunciação (CCS/ UFRB)

Tatiane Muniz (IFBA)

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

EDITORAÇÃO

Míriam da Silva Ferreira, Esp. (UFRB)

CAPA

Casa Grida

PROJETO GRÁFICO

Renata Machado Gomes, Esp. (ASCOM/UFRB)

EDITORES/REVISORES DE TEXTO

Rafael dos Reis Ferreira, Dr. (UFRB)

Rogelma Maria da Silva Ferreira, Dra. (UFRB)

AVALIADORES AD HOC DA 23ª EDIÇÃO, ANO 2022.2

Adriana Barni Truccolo (UERGS/ RS)

Aisiane Cedraz Morais (UEFS/ BA)

Carla Alves Barbosa (UFSM/ RS)

Christiane Andrade Regis Tavares (UNEB/ BA)

Cristiane Maria Medeiros Laia (UFJF/ MG)

Daniel Lemos Cerqueira (UFMA/ MA)

Edir Figueiredo de Oliveira Teixeira de Mello (UERJ/ RJ)

Elizabete Bastos da Silva (SEDUC - SEE/ BA)

Evandro Hallyson Dantas Pereira (UFRN/RN)

Fabiana Ribeiro Marques (UFRB/BA)

Fabio Paiva de Souza (UFRJ/ RJ)

Fabício Tonetto Londero (UFN/ RS)

Frederico Júnior Gomes da Silveira (UFRB/ BA)

Helena Moraes Cortes (UFRB/ BA)

Henrique Luis da Silva Santos (UESB/ BA)

Ilda Cristiana Lima de Sousa (ESE/ Portugal)

Isabela Fernanda Azevedo Silveira (UFBA/ BA)

João Soares de Oliveira Neto (UFRB/ BA)

Juliana Diniz Gutierrez Borges (IFRS/ RS)

Letícia Cunha da Hungria (UFRA/ PA)

Marcelo Alves Brazil (UFS/ SE)

Marina Mapurunga de Miranda Ferreira (UFRB/ BA)

Maycon Silva Aguiar (UFRJ/ RJ)

Nicole Palucci Marziale (USP/ SP)

Patrícia Pizzigatti Klein (UFRJ/ RJ)

Raimundo João Matos Costa Neto (UEMA/ MA)

Sergio Leal (UNESP/ SP)

Sérgio Ricardo Oliveira Martins (UFRB/ BA)

Tábata Figueiredo Dourado (UFRB/ BA)

Tales Douglas Moreira Nogueira (UNIFAL /MG)

Teófanos de Assis Santos (UFBA/ BA)

Tiago da Silva Bezerra (UFMG/ MG)

ÍNDICE

- 7** EDITORIAL
- 8** ENTREVISTA

MÚSICA: FORMAÇÃO, GESTÃO E DIFUSÃO

- 11** COMO ÁGUA EM PEDRA DURA: MOSTRA DE MÚSICA NEGRA NO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
- 18** O BERIMBAU CÓSMICO NA PRAÇA NANÁ VASCONCELOS

ARTIGOS

- 28** DIREITO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AO LAZER, ESPORTE E ATIVIDADES ARTÍSTICAS
- 41** WEB ARTE: A BIBLIOTECA P5.JS E O ESTUDO DE CASO DO PROJETO CÁPSULAS SONORAS

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- 52** A AGROECOLOGIA VIVENCIADA NO MEIO URBANO E NO MEIO RURAL
- 58** PRODUZINDO CULTURA E FORMAÇÃO: RELATO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NA OFICINA DE PRODUÇÃO CULTURAL (FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - UFBA)
- 65** CONHECIMENTO INTERCAPS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA (CICAPEF): A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE GRADUANDOS E PROFESSORES CONECTADOS COM A SOCIEDADE ATUAL
- 72** ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO E DIREITOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DO IFRS - CAMPUS RESTINGA
- 77** ENSINANDO E APRENDENDO ONTOLOGIA PELAS HQS: CURSO DE EXTENSÃO GEOLITERATURA E NONA ARTE, DIÁLOGOS FENOMENOLÓGICOS

EDITORIAL

A Revista Extensão da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da UFRB saúda os leitores da sua 23 edição, celebrando o marco da inserção da Cultura na sigla de uma pró-reitoria que sempre a teve como centralidade, antes marcada pela existência da CCU - Coordenação de Cultura e Universidade e suas múltiplas ações e, agora, trazendo esse protagonismo para o nome.

Celebrar a Cultura adere bastante a esta edição denominada: Trilhas da cultura e das artes, que promove o Dossiê Música: formação, gestão e difusão, voltado para a discussão no campo da música, através de relatos de experiência que trazem distintas abordagens para o pensamento em torno da extensão no Brasil: do processo de pesquisa e construção da Praça Sonora Naná Vasconcelos, em Teixeira de Freitas (BA), projeto de extensão ligado ao Bacharelado Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia, à realização de uma Mostra de Música Negra vinculada ao NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas) e ao Curso Técnico em Instrumento Musical do IFRS, o que vemos é a pulsão, no campo das artes, por reencontro e reconexão, com a comunidade e outros setores da sociedade. O dossiê faz parte das atividades previstas pelo Música e Educação - Programa de Promoção da Música do Recôncavo da Bahia, parceria entre a UFRB e FUNARTE, realizada através da PROEXT e do Cecult.

A entrevista desta edição contou com a interlocução do convidado Prof. Dr. Sólon Mendes, docente ligado à área de arranjo e composição, do CECULT/UFRB, que contou um pouco sobre a sua trajetória junto à extensão, marcada pela criação de importantes projetos, como o coletivo Novos Cachoeiranos, premiada orquestra contemporânea formada por discentes, docentes e membros da comunidade externa de cidades como Santo Amaro e Cachoeira.

No tocante às áreas temáticas, a novidade fica por conta da criação de uma editoria própria que preza pelo diálogo entre as áreas específicas e professores-as doutores-as, internos e externos à UFRB, especialistas em cada um dos segmentos.

Assim, a edição 23 contempla quatro áreas temáticas: cultura e artes; direito humanos e justiça; meio ambiente e educação, através de dois artigos e sete relatos de experiências que cruzam assuntos como: música, arte, cultura, literatura, direitos humanos, acessibilidade, inclusão, educação, formação de professores e agroecologia.

Espera-se que os trabalhos aqui reunidos possam inspirar novas pesquisas, projetos, ações de extensão, análises e reflexões sobre a transversalidade e a multiplicidade das diversas formas de arte, cultura, música, educação e inclusão, reforçando a relevância destas abordagens na comunidade acadêmica, seja no âmbito do ensino, da pesquisa ou da extensão.

Desejamos uma ótima leitura!

Paula Alice Baptista Borges
(Coordenação de Cultura e Universidade)

Daiane Loreto de Vargas
(Chefia do Núcleo de Educação e Ações Comunitárias - NUEDAC)

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins
(Chefia do Núcleo de Cultura e Territórios - NUCULTER)



Sólton de Albuquerque Mendes é Professor de Arranjo e Composição do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da UFRB. Foto: Sandrine Souza

ENTREVISTA

EXPERIMENTAÇÃO MUSICAL E PEDAGÓGICA MISTURA AS SONORIDADES DAS FILARMÔNICAS, DO CANDOMBLÉ E DO SAMBA DE RODA COM O POP MUNDIAL

Por Sandrine Souza

O Coletivo Xaréu e o Coletivo Novos Cachoeiranos, grupos musicais do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT/UFRB) que se aglutinam entre os centros de Cachoeira e Santo Amaro, consolidam-se como experimentação em música e educação, atravessados por atividades de ensino, pesquisa e extensão. Os resultados artísticos e sociais são bonitos de se ver e ouvir.

Formados por discentes, docentes e membros da comunidade externa de cidades do Recôncavo, os coletivos guardam algumas diferenças, mas se assemelham na forma de pensar o relacionamento com a sociedade: horizontal e dialogado. Os projetos têm resultados musicais e acadêmicos, a partir da interação da riqueza artística e cultural do Recôncavo com a música urbana e os saberes acadêmicos. A vivência dos ogans do candomblé, o repertório secular das filarmônicas, a sofrência e o pagode baiano, por exemplo, garantem a pluralidade na estética sonora. As composições e os arranjos são autorais, frutos dos laboratórios que colocam toda esta diversidade em interação nos ensaios.

Para conhecer mais sobre essa experimentação da UFRB no campo da música e da educação, confira a entrevista do Prof. Dr. Sólon Mendes, docente de arranjo e composição do CECULT/UFRB e maestro do Coletivo Xaréu e do Coletivo Novos Cachoeiranos. Possui graduação em Composição e Regência pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2009), graduação em Música - Bacharelado em Instrumento pela Universidade Federal de Santa Maria (2002), mestrado em Teoria e Criação - UFPR (2009) e doutorado em composição musical pela UFBA (2014). Estudou composição com importantes compositores como Dimitri Cervo, Harry Crowl, Maurício Dottori, Arrigo Barnabé, Rodolfo Coelho, Paulo Costa Lima, e arranjo com Daniel Morales, Ian Guest e Alfredo Moura.

Para conferir a entrevista de Sólon Mendes no
youtube da Proexc - UFRB, [clique aqui](#) ou
aponte a câmera para o QR Code ao lado!



Trilhas da cultura e das artes

DOSSIÊ MÚSICA:
formação,
gestão e
difusão



Capa da edição: Casa Grida

MÚSICA: FORMAÇÃO, GESTÃO E DIFUSÃO

COMO ÁGUA EM PEDRA DURA: MOSTRA DE MÚSICA NEGRA NO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ROCKIN' IN A HARD PLACE: BLACK MUSIC SHOW AT INSTITUTO FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Walter Mello Ferreira

Músico – IFRS - waltermelloferreira@gmail.com

Cláudia Schreiner

Musicista – mestra – IFRS - claudia.schreiner@poa.ifrs.edu.br

Mateus Berger Kuschick

Músico – doutor – IFRS – mateusbk@hotmail.com

RESUMO

A partir da experiência na produção e realização de uma Mostra de Música Negra vinculada ao NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas) e ao Curso Técnico em Instrumento Musical do IFRS - campus Porto Alegre, a equipe apresenta uma série de reflexões decorrentes do vivenciado, desde a submissão do projeto junto ao edital de Auxílio Institucional à Extensão Ações Afirmativas 2021 até a sua prestação de contas e encerramento. Serão abordados aspectos referentes à visibilidade, ao alcance, ao impacto, ao ineditismo da iniciativa bem como às dificuldades de viabilidade e ao descompasso entre itens do edital. Busca também dar destaque a determinados modos de funcionamento das instituições de ensino que de alguma forma reproduzem, reforçam, atualizam o chamado racismo estrutural, mesmo que nos últimos anos muito se tenha avançado. Ao final, aponta sugestões, renova convicções, procura diálogo com pares e fomenta esperança.

Palavras-Chave: Música popular. Relações etnicorraciais. Ações afirmativas. Cultura.

ABSTRACT

Based on the experience in the production and realization of a Black Music Show linked to NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas) and to the IFRS Musical Instrument Technical Course – Porto Alegre campus, the team presents a series of reflections arising from the experienced from the submission of the project with the call for Institutional Aid to the Affirmative Actions Extension 2021 until its accountability and closure. Aspects related to visibility, scope, impact, the originality of the feasibility difficulties and the mismatch between items in the public notice. It also seeks to highlight certain modes of functioning of educational institutions that somehow reproduce, reinforce, update the so-called structural racism, even though much progress has been made in recent years. In the end, it points out suggestions, renews convictions, seeks dialogue with peers and fosters hope.

Keywords: Popular Music. Ethnic-racial relations. Affirmative actions. Culture.

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) oferece uma série de cursos técnicos, cursos de graduação e pós-graduação distribuídos em 17 campi. Em Porto Alegre oferece o curso técnico em instrumento musical, do qual fazemos parte. Além de nosso vínculo musical em comum, também integramos o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do campus Porto Alegre. Ao recebermos a divulgação da abertura de edital para submissão de propostas de projetos de extensão na área de “Ações Afirmativas”, resolvemos elaborar uma Mostra de Música Negra do NEABI. Portanto, ainda no primeiro semestre de 2021 foi necessário começar a formatar a equipe e o projeto em si.

Nossa equipe desde o início do projeto contou com uma professora efetiva, um professor substituto e um aluno, cada um(a) com vivências singulares em relação ao contato com o repertório da cena musical de artistas negros e negras do Rio Grande do Sul. Walter Mello Ferreira, conhecido como Pingo Borel, é aluno do IFRS e ele próprio um expoente da música negra do RS, atuando como percussionista e educador, integrante do grupo Alabê Oni e filho de uma das personalidades mais respeitadas da cultura negra nacional, da música e das religiões de matriz africana, Mestre Borel. Cláudia Schreiner é professora efetiva do curso, com experiência como extensionista no IFRS e atuação nas áreas de flauta doce, flauta transversa e história da música; Mateus Berger Kuschick é professor substituto, atua na área de etnomusicologia/música popular com pesquisas acadêmicas ligadas às musicalidades negras urbanas do Rio Grande do Sul. Além de nós três, contamos com o apoio da coordenação do NEABI, das coordenadoras Cinara dos Santos Costa e Aline Ferraz da Silva que também acompanharam algumas reuniões de concepção do projeto.

É preciso lembrar que estávamos sem nenhuma atividade presencial ainda, devido à

pandemia do COVID-19 e que já havíamos adquirido alguma experiência com atividades remotas, desde março de 2020. De posse das ferramentas necessárias para desenvolver a atividade que idealizamos, formalizamos os objetivos da Mostra de Música Negra do NEABI: promover a fruição musical; ampliar a visibilidade de artistas negros(as); perceber a variedade de manifestações musicais negras no Rio Grande do Sul; promover o conhecimento sobre a música e a história da música negra no Rio Grande do Sul; promover o conhecimento e o reconhecimento de artistas negros no Rio Grande do Sul; promover a reflexão e o conhecimento sobre origens e influências de artistas em seus processos artísticos em geral e, mais especificamente, sobre esta rede de referências na música negra do Rio Grande do Sul; promover a compreensão mais ampla das diversas músicas gaúchas, em suas especificidades e intersecções; divulgar artistas negros junto à comunidade do IFRS; ampliar o diálogo e redes de contato do NEABI com a comunidade.

Após algumas reuniões virtuais, chegamos ao formato definitivo da proposta, que consistiu na elaboração de um material em vídeo para ficar disponível no canal do youtube do NEABI-RS em que cinco artistas negros do Rio Grande do Sul faziam uma breve apresentação de si e de sua participação na cena musical e ao final indicavam um(a) artista que lhes inspirou no passado e um(a) artista da nova geração que recomendavam. Ainda, no vídeo seria disponibilizado o link de um videoclipe de um(a) artista participante da Mostra. Como parte do encerramento da Mostra, foi programada uma roda de conversa / live reunindo @s 5 artistas com mediação de Pingo Borel, membro da equipe executora, e com participação da audiência através de interação via chat. Como introdução à mostra e com a intenção de focar nas atividades de educação musical desenvolvidas no Campus Porto Alegre, foi programada uma palestra sobre a música negra no Rio Grande do Sul ministrada por Pingo Borel.

Importante registrar que o Brasil é um país racista, e o estado do Rio Grande do Sul

ocupa a vergonhosa posição de o estado que concentra 68% dos casos denunciados de racismo e injúria racial. Atitudes que reproduzem uma lógica racista acabam disseminados nos ambientes sociais, e as instituições de ensino vêm de alguns anos para cá apresentando medidas que buscam reequilibrar, reequalizar uma defasagem nas práticas de ensino que em geral não contemplavam expressões, linguagens, saberes da população negra e indígena. Como exemplo, podemos citar a própria existência de um edital de Auxílio Institucional a Ações Afirmativas e a própria existência da Lei 10.639, que instituiu a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Contudo, é preciso reconhecer os entraves e dificuldades na implementação: escassez de material didático, de referências bibliográficas, lacunas na formação dos atuais professores, reprodução de padrões e modos de funcionamento da academia. A Mostra de Música Negra do NEABI do IFRS - campus Porto Alegre foi inscrita no edital de Ações Afirmativas nº 57/2020 e contemplada para que se realizasse entre os meses de julho de 2021 a janeiro de 2022.

METODOLOGIA

Optamos por conceber o projeto de modo que a própria escolha dos nomes dos artistas já integrasse o mesmo antes da submissão da proposta ao edital em questão. Desta forma, dividimos a execução do projeto nas seguintes etapas:

1. curadoria: pesquisa e audição da produção musical de artistas negros gaúchos. Realizamos reuniões e fomentamos um debate produtivo sobre quais seriam os cinco nomes contemplados nesse panorama da música negra do Rio Grande do Sul, abrangendo variados estilos, gêneros e idades. Chegamos aos seguintes nomes: Tutti Rodrigues, Marietti Fialho, Alessandra Amaral, Marco Farias e Dessa Ferreira. Além disso, estabelecemos qual seria a palestra introdutória à Mostra e quais seriam os fios con-

dutores da roda de conversa de encerramento da Mostra.

2. produção: contato com os artistas convidados; produção dos vídeos de apresentação e preparação da palestra e da roda de conversa; definição das datas de realização.

3. veiculação dos vídeos e realização da roda de conversa: para a definição do cronograma, tínhamos inicialmente a expectativa de evitar o mês de setembro, muito ocupado por eventos ligados à cultura gaúcha em função do feriado estadual de 20 de setembro, e o mês de novembro, em que estão concentradas, via de regra, atividades ligadas ao mês da consciência negra. Pensamos que atividades da cultura negra são atividades da cultura brasileira e devem ser produzidas em todos os meses do ano. No entanto, por adequações ao calendário da instituição, a Mostra de Música Negra do NEABI IFRS, ocorreu de 27 a 30/11/2021 e em 1º e 2/12/2021. Os vídeos são permanentes e estão disponíveis no canal do youtube do NEABI, também como uma possível fonte de consulta para atividades de ensino que abordem a musicalidade negra do Rio Grande do Sul.

Vale destacar um ponto fundamental da concepção do projeto. Qual seja, propor perspectivas que apontassem para passado, presente e futuro: para o passado, através da indicação de referências pessoais e artísticas por parte de cada artista participante, como reverência e reconhecimento aos mais velhos, elemento permanente de culturas de matriz africana; para o presente, através da produção audiovisual dos próprios artistas da mostra e de um depoimento em que cada um trouxe um resumo de sua trajetória, e para o futuro, por meio do destaque a novos valores da cena musical contemporânea afro-gaúcha.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O evento com todos os seus “produtos” (palestra de abertura em 16/11, estreia dos ví-

deos de 27/11 a 01/12 e roda de conversa em 2/12) ocorreu como esperávamos, cumprindo com nossa expectativa de, além de estimular o debate e dar ênfase à produção cultural da população negra no ambiente acadêmico, produzir um material permanente que possa servir a outros projetos didáticos.

Figura 1: cartaz de divulgação da palestra de abertura



Fonte: Schreiner (2021).

Figura 2: sala da palestra de abertura da Mostra



Fonte: Kuschick (2021).

Os vídeos de cada artista e a roda de conversa foram acessados via youtube, ao contrário da palestra de abertura, realizada via google meet. A escolha do espaço de realização da palestra foi uma medida de prevenção à onda de ataques racistas a eventos ligados à cultura negra que se acentuaram na pandemia pela maneira anônima que esses ataques poderiam ocorrer. Por isso, e também porque prevíamos a presença de

um público de adolescentes participantes do Projeto Prelúdio, ligado ao nosso curso técnico em instrumento musical, optamos por realizar na plataforma googlemeet a palestra de abertura. Para os vídeos da Mostra e a roda de conversa, fizemos a transmissão e veiculação através da plataforma youtube buscando tomar medidas de proteção a eventuais ataques.

Figura 3: cartaz de divulgação da roda de conversa



Fonte: Schreiner (2021).

Figura 4: live da Roda de Conversa da Mostra de Música Negra NEABI



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-d-kKDrWFQQ&t=1087s>

Outras dificuldades que podem ser trazidas para discussão foram as encontradas na estrutura do edital de Ações Afirmativas, que apesar de conter uma proposta de abertura para contemplar uma comunidade extra-acadêmica (ainda temos um perfil de alunos

majoritariamente branco no ensino técnico e superior público no Brasil) ainda carrega na sua estrutura regras que dificultam a entrada dessa população. Por exemplo, a exigência de orçamentos e notas fiscais dos participantes, em se tratando de um edital que busca destacar inovação e saberes populares. Ou seja, apesar da intenção de inovação e de estímulo a ações afirmativas, a estrutura do edital não corresponde. Ora, se o projeto justamente propunha a realização de um produto novo, a saber, o depoimento artístico em vídeo, uma tendência que cresceu no período pandêmico, como cada artista apresentaria três notas fiscais relativas ao mesmo serviço prestado a outras instituições? Também, ainda que @s 5 artist@s da mostra tivessem nota fiscal própria ou de instituição que coordenam, foi impossível para a equipe não pensar nos tantos mestres e mestras de culturas populares e tradições orais que não têm a formalização de uma empresa ou CNPJ próprios. Ainda que o pagamento por RPA fosse permitido, acarretaria em desconto de parte do valor pago. A discussão, a reflexão e a busca por alternativas a estas questões demandou muitas horas de trabalho da equipe. A solução encontrada foi a de apresentar justificativas para a ausência de algumas notas fiscais. É importante registrar que a prestação de contas foi aprovada, mas é igualmente importante pontuar a importância de repensar regulamentações excludentes e contrárias ao discurso de ações afirmativas, para que haja uma boa comunicação entre a burocracia que movimenta a engrenagem dos espaços acadêmicos e que presta um serviço importante para o bom andamento da mesma e as transformações necessárias que estão em curso nesses mesmos espaços desde que a lei federal de cotas 12.711/2012, foi implementada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após 10 anos de transformações no perfil de alunos e alunas ingressantes e egressos das universidades e cursos técnicos, no

perfil das grades curriculares, nos currículos e de um lento movimento de mudança no perfil de professores, o desafio continua enorme. É decisivo para a continuidade das pequenas conquistas dos últimos 10 anos nas universidades, que a Lei de Cotas seja renovada no senado federal.

As conquistas que obtivemos como grupo de trabalho, se refletem na aprovação da prestação de contas do evento de 2021 e na confirmação da Mostra Música Negra do NEABI 2022, com o título “Quicumbis e Pagamento de Promessa: registro audiovisual”. Contudo, dessa vez o projeto foi inscrito e aprovado no edital Arte e Cultura, pois o edital de Ações Afirmativas não contemplava bolsa. Acredita-se que a Mostra de Música Negra NEABI 2021 contribuiu para o conhecimento e difusão da música negra do Rio Grande do Sul e cumpriu com os objetivos listados anteriormente. Além disso, estimulou a reflexão sobre o papel de uma instituição como o IFRS na difusão de conhecimentos e saberes, no combate ao racismo e nos fez pensar sobre estruturas excludentes ainda arraigadas nas instituições de ensino público e, por consequência, na sociedade brasileira.

Acredita-se que a Mostra de Música Negra do NEABI em 2021 pôde mostrar um pouco da riqueza de parte da música negra do Rio Grande do Sul e contribuir para a difusão não apenas de música, mas também de conhecimento a respeito da música produzida atualmente, da história da música local, das intersecções e abrangências da música negra e suas influências na música brasileira de modo geral. Além dos aspectos musicais da mostra, vale mencionar a riqueza de temas debatidos na palestra e, especialmente, na Roda de Conversa. Destacam-se alguns: cultura negra, racismo, relações de gênero, machismo e racismo na música, aspectos financeiros da difusão musical, a importância da ocupação de espaços, a importância da representatividade, da divulgação e da mostra de trabalhos, músicas e ideias, dentre outros. Como já afirmamos, o permanente acesso ao material produzido pela Mostra de Música Negra do NEABI-IFRS será útil como fonte de pesquisa, fruição, consulta e

como material didático tanto para a equipe executora quanto para o público-alvo do projeto.

LINKS PERMANENTES DA MOSTRA DE MÚSICA NEGRA DO NEABI-IFRS NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2021:

Mostra de Música Negra do NEABI apresenta **Tuti Rodrigues:**

<https://www.youtube.com/watch?v=OqI-JPeLMrxY&t=13s>

Mostra de Música Negra do NEABI apresenta **Alexsandra Amaral:**

<https://www.youtube.com/watch?v=m-Pu-VkWw9hc&t=9s>

Mostra de Música Negra do NEABI apresenta **Marietti Filho:**

<https://www.youtube.com/watch?v=Pco96X-fzXMg&t=10s>

Mostra de Música Negra do NEABI apresenta **Marco Farias:**

https://www.youtube.com/watch?v=gJ_Ne-DWECRI&t=3s

Mostra de Música Negra do NEABI apresenta **Dessa Ferreira:**

<https://www.youtube.com/watch?v=ZZzd-FxAn0HQ&list=PLmO-RewJXsjQQ6nYw9wtIHeiFXIBCNGI&index=9>

Palestra de Pingo Borel: Música(s) de Matriz Africana no Rio Grande do Sul com Pingo Borel (novembro de 2020)

<https://www.youtube.com/watch?v=SZwkb-vT6tSc&t=1606s>

Roda de Conversa da Mostra de Música Negra do NEABI-IFRS:

<https://www.youtube.com/watch?v=-d-kkDrsWFQQ&list=PLmO-RewJXsjQQ6nYw9wtIHeiFXIBCNGI&index=11>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Um Mar da Cor da Terra:** raça, cultura e política da modernidade. Oeiras: Celta, 2000.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Mario de. **Aspectos da Música Brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 (1939).

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai:** a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (1ª edição em 1992).

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro:** modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed.34, 2001. (1993).

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Encuentro con el Otro**. Barcelona: Anagrama, 2007.

NETTO, Michel Nicolau. **O Discurso da Diversidade e a World Music**. São Paulo: Anablume-FAPESP, 2014.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço Decente**: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SANTO, Spirito. **Do Samba ao Funk do Jorjão**: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil. Rio de Janeiro: KBR, 2011.

SERRARIA, Richard. Sopaporiki. Porto Alegre: Ed. Escola de Poesia, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o Dono do Corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Ed.34, 1998.

TROTTA, Felipe. **O Samba e suas Fronteiras**: “pagode romântico” e samba de raiz” nos anos 1990. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

ULHÔA, Martha T. A Análise da Música Brasileira Popular. **Cadernos de Colóquio**, n.1, (Rio de Janeiro) p.61-68, 1999.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (1995).

O BERIMBAU CÓSMICO NA PRAÇA NANÁ VASCONCELOS

THE COSMIC BERIMBAU AT NANÁ VASCONCELOS SQUARE.

Marcus Vinícius Campos Matraca

Doutor em Ensino de Ciências, professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB/CCS), matraca@ufrb.ed.br

Ananda da Luz Ferreira

Doutoranda em Difusão do Conhecimento (DMMDC-UFBA/IFBA/UNEB), professora n'A Casa Tombada, anandaluzananda@gmail.com

RESUMO

Neste relato descrevemos o processo de pesquisa e construção da Praça Sonora Naná Vasconcelos, projeto de extensão que nos proporcionou uma experiência dialógica, cooperativa e coletiva com alunos que participaram do componente curricular Modos de Escuta e Criação Sonora, oferecido pelo Bacharelado Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia no campus Paulo Freire em Teixeira de Freitas-BA/Brasil.

Palavras-chave: Naná Vasconcelos. Extensão Universitária. Interdisciplinaridade. Música Brasileira. Educação.

ABSTRACT

In this report we describe the process of research and construction of Square Sound Naná Vasconcelos, an extension project that provided us with a dialogic, cooperative and collective experience with students who participated in the curricular component Modes de Listening and Sound Creation, offered by the Interdisciplinary Bachelor of Arts from the Federal University of Southern Bahia at the Paulo Freire campus in Teixeira de Freitas-BA/Brazil.

Keywords: Naná Vasconcelos. University Extension. Interdisciplinary. Brazilian Music. Education.

MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA

Descrevemos, neste relato de experiência, o processo de pesquisa e construção da Praça Sonora Naná Vasconcelos. Uma experiência coletiva realizada com os estudantes que participaram do Componente curricular (Cc.) Modos de Escuta e Criação Sonora, oferecido pelo Bacharelado Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), no campus Paulo Freire em Teixeira de Freitas-BA.

Nessa gira coletiva, do pesquisar e do fazer, referenciamos o professor Paulo Freire (2010) que nos orienta a refletir como ninguém educa sozinho; o processo concretiza-se, neste caso, na relação de diálogo entre educando e educador para a construção de um projeto coletivo que envolva todos. Ainda porque faz-se importante reconhecer o diálogo como manifestação humana capaz de transformar o mundo na dimensão da ação e reflexão como premissa. É por intermédio do diálogo que o ser humano transforma a si e ao outro, agindo

diretamente em seu espaço.

"(...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco, tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (...) É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro" (Freire, 2010, p. 91).

Apoiado nessa reflexão, o Cc. objetiva promover possibilidades criativas e expressivas como apreciação, prática e sensibilização das diversas paisagens sonoras que um curso de sessenta horas, oferecido no período noturno, pode propiciar. Apesar do Cc. apresentar a escuta e a criação sonoras, como seu nome sugere, cabe ressaltar que não cogita formar músicos profissionais e sim ampliar as diversas possibilidades que a música, quanto linguagem artística, pode proporcionar, indo além da escuta e execução musical (UFSB, 2016). A proposta do Cc. é ampliar o repertório musical dos estudantes, afetar para o fazer artístico, de modo a construir diálogos com as expressões artísticas e culturais na linguagem musical. Caldas et al. (2017) aponta que as diferentes linguagens artísticas nos espaços educativos contribuem para desenvolver, de forma sensível, o saber estético e outros modos de ver o mundo, dialogando diretamente com o que há de mais humano. O acesso às linguagens artísticas pode ser compreendido como direito humano por diferentes autores. Santos (2009, p. 341) afirma que "Defender a arte como um direito humano foi a maneira encontrada para difundir a ideia de que mais e mais pessoas devem poder criar e ter acesso à arte". Ao compreendermos que os direitos humanos passam por acesso aos direitos previstos com base no respeito a dignidade humana, como nos apresentam Bobbio (2004) e Comparato (2003), é possível interpretar a arte como tal. Além disso, é importante não ignorarmos o debate histórico sobre direitos humanos ocorrido com a Organização das Nações Unidas (ONU), após a Segunda Guerra Mundial, no qual houve uma discussão acerca dos direitos individuais e coletivos e os direitos culturais,

os quais foram amplamente defendidos com uma intensa repercussão em diversas constituições pelo mundo. Filho et al. (2018, p. 28), constata, em seus estudos, que o debate da ONU inspirou o movimento constitucionalismo cultural "em face do qual, inseriram-se nas constituições nacionais tão fartas prescrições sobre cultura e direitos culturais, ao ponto de desnortear os que almejam entendê-los". No nosso país é perceptível, na Constituição Federal, o reverberar do debate, pois no artigo 215 explicita que o Estado garantirá a todo cidadão brasileiro "pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" (BRASIL, 1998). No ano de 2005, com a ementa Constitucional n.º 48, intensifica-se o debate ao estabelecer o Plano Nacional de Cultura, o investimento na defesa da valorização do patrimônio cultural brasileiro, a democratização do acesso aos bens de cultura, a valorização da diversidade étnica e regional, entre outras ações que visam o desenvolvimento cultural do país (BRASIL, 1998).

Ao assimilar a arte como esse direito humano que afeta, a partir das experiências, a si mesmo e ao outro ao ponto de construir transformações sociais, torna-se inevitável que as artes estejam presentes em todos os níveis do processo educativo; da educação básica ao ensino superior, como Cc. e/ou dialogando com todos os outros Ccs. (SANTOS, 2009). Diante do exposto, constatamos a importância de refletir sobre a interdisciplinaridade no processo de aprendizagem da educação universitária, pois, exercer esta prática requer profundas mudanças na vida acadêmica, com a exigência de uma revisão dos currículos e, essencialmente, com a modificação do papel do docente no contexto educativo. Porém, é importante reforçar que não basta um currículo formulado de maneira integrada, é preciso vivenciar essa integração (FAVARÃO e ARAÚJO, 2004).

Um ponto relevante do Cc. apoia-se no fato de não exigir pré-requisitos, o que contribui para construção de turmas heterogêneas. A referida turma foi composta por vinte e seis discentes matriculados: dezoito do bacharelado interdisciplinar em saúde, quatro do bacharelado interdisciplinar em artes, dois discentes

do bacharelado interdisciplinar em humanidades, um da licenciatura em humanidades e um discente na licenciatura em matemática; o que configurou um cenário rico por sua diversidade. Nesse contexto, iniciamos o quadrimestre onde foi apresentado, pelo docente, o conteúdo programático que visou, coletivamente, construir um projeto integrado entre discentes e docente sobre a temática abordada. O objetivo não foi efetuar somente as leituras dos textos acadêmicos, mas realizar a audiência de obras sonoras que os estudantes nunca tiveram acesso. A escuta sensível proporcionou, aos, estudantes, percepções sobre a música e sobre o artista que a executa de maneira mais abrangente.

Concomitantemente aos estudos teóricos e às audições musicais, lançamo-nos nas pesquisas das diferentes formas que os projetos com músicas se materializam nos territórios. Neste processo, Freire (1997, p. 79) nos conduziu: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”; diante disso, assimilando que o caminho só se faz caminhando, tecemos a relação entre o processo prático e teórico na construção de saberes. Nessa perspectiva, iniciamos nossas pesquisas sobre o tema que adotamos para a construção do projeto coletivo e chegamos nas praças ou parques científicos projetados para o público infantojuvenil. Esses parques buscam promover a difusão do conhecimento científico, como, por exemplo, os espelhos sonoros e tubos musicais no Parque da Ciência no Museu da Vida - FioCruz/RJ. Os espaços proporcionam ambientes interativos, artísticos, educativos, brincantes e inclusivos. Inspirada nesta pesquisa, a turma propôs a construção de uma praça sonora no campus universitário utilizando materiais descartados por uma obra existente na instituição. A ideia pautou-se no aproveitamento do material para a construção da praça e de todos os seus instrumentos musicais que trariam a materialidade sonora ao espaço. Outra questão esbarrou a turma, o fato de que toda praça precisa de um nome e, por isso, no processo de pesquisa, chegamos no educador musical Naná Vasconcelos, nosso homenageado por ser um emissor e amplificador de paisagens sonoras. Na

sua trajetória como músico e educador, Naná Vasconcelos, dedicou-se a fortalecer e divulgar a música brasileira pelo mundo; tornou-se um músico-educador cujo princípio era compartilhar a sua produção musical e, junto a ela, todas as suas influências culturais e, particularmente, as paisagens sonoras.

Cada território carrega sua própria paisagem sonora, sendo uma característica própria de cada lugar ao ser constituída por diferentes eventos ouvidos, transformáveis e possíveis de serem aperfeiçoados (SCHAFER, 2001). A possibilidade da praça sonora não limita que tipo e quem pode produzir o som no ambiente, ou seja, qualquer pessoa pode expressar a sua musicalidade, experienciando no espaço público, de forma livre e diversificada, e a produção de sonoridades.

O FAZER CÓSMICO COM O BERIMBAU

Berimbau é um instrumento musical composto geralmente por uma madeira chamada biritaba no formato de arco envergado por um cabo de arame que possui em sua base uma cabaça, fruto da planta cucurbita. A cabaça possui a função de ecoar o som como uma caixa de ressonância. O instrumento também é composto por um caxixi, pequeno cesto contendo sementes em seu interior, uma baqueta, uma pedra ou pedaço de metal popularmente chamado de bordão com a qual se percute o arame. O instrumentista, em geral, segura o berimbau e o bordão com a mão esquerda e com a mão direita manipula a baqueta e o caxixi, ampliando assim a sonoridade do monocórdio (KANDUS, 2006).

A cabaça, peça fundamental na construção do instrumento, possui diversos usos na nossa cultura, tanto para construir instrumentos musicais como também possui propriedades medicinais e serventia para construção de diversos artesanatos. Outro uso da cabaça diz respeito a religiosidades de influências africanas que recorrem ao fruto para ritos de cura e conexão com os orixás. Por exemplo, é recipiente para preparação de ervas e, como Silva (2019, p. 16) afirma, é na cabaça que “o orixá

Osanyñ, [...], reservava os preparados de ervas que serviam para as curas das doenças". Ao confabular com a religiosidade, encontramos outro mito, o de Oxum, que concebe a cabaça como útero, lugar de crescimento da humanidade na terra (ayê, em iorubá). É a orixá das águas doces, Oxum, que "sustenta as nossas existências até a hora de deixar a cabaça-útero para nossa experiência no ayê" (NETO, 2020, p.115). Ao interpretar o interior da cabaça como um território de segredos, mistérios e fé que transbordam quando trazem outras percepções de mundo e a relação com ele, Silva (2019) nos provoca a refletir o quanto tudo dialoga com a fé e o cosmo mágico. Tomemos cosmo mágico, como a autora nos apresenta, representações culturais e religiosas que nos trazem entendimentos.

Assim, compreendendo esse cosmo como representação cultural, mas sem ignorar a origem e usabilidade tradicional desta palavra, designada para se referir ao universo, apresentamos o cósmico para descrever esse berimbau e toda a amplitude da ação de Naná Vasconcelos com o monocórdio. Os trabalhos do músico são amplos, dialogam com muitos mundos, suas atividades musicais se entrelaçam a de educador e com toda a religiosidade que o acompanhou desde o nascimento. Assim, no ecoar da frequência harmônica do berimbau cósmico, nasceu em Recife, no dia 2 de agosto de 1944, Juvenal de Holanda Vasconcelos, o terceiro filho de cinco irmãos. Sua mãe, a Senhora Petrolina, conectada à religião Xangô de Pernambuco, carinhosamente o chama de Naná, o apelido tem origem na língua iorubá: Nanan Buruku, que significa Orixá da Sabedoria. O apelido dado por sua mãe é incorporado como nome por Juvenal, ainda criança, quando pede para grafá-lo em seu primeiro instrumento musical que ganhou do seu pai, Senhor Pierre, aos oito anos. O bongô foi um presente de aniversário, mas principalmente reconhecimento do talento do filho. Senhor Pierre era músico e ao perceber a habilidade do filho o convida para uma parceria musical em seu conjunto os Batutas de São José, com isso, Juvenal vira Naná músico aos 12 anos e se torna percussionista ao tocar maracas e bongô ao lado de seu pai. Já o seu sobrenome, Vasconcelos, incorpora-se ao Naná no final dos anos

60, quando o músico se muda para Paris, na França, e incorpora o sobrenome para se distinguir de outros artistas contemporâneos, sendo conhecido, até hoje, como Naná Vasconcelos (DEMENECK, 2013).

O berimbau foi o instrumento escolhido por ele para dedicar-se, por toda sua vida, pois acreditava em sua dimensão cósmica, de conexão cultural com diversos universos, e das infinitas sonoridades que o monocórdio com cabaça emite. Essa relação fica evidente na sua participação durante o programa Ensaio, mediado por Fernando Faro, no dia 10 de março de 2016, na TV Cultura. Durante a atração, Naná Vasconcelos, com sua brasilidade, fala sobre suas raízes no continente africano. O artista contou, também, sobre suas principais influências: o Heitor Villa-Lobos que, para Naná Vasconcelos, transformou a cultura do Brasil e sua diversidade em música e ainda pontuou a genialidade da guitarra de Jimmy Hendrix, que se incorpora na sua forma de tocar Berimbau. Durante o programa deixou evidente como essas influências musicais transparecem na sua diversidade, produção e criatividade sonora. Outro ponto relevante da entrevista, é quando questionado qual era sua religião, Naná responde ser o Berimbau e a música, além de reafirmar que nada descobriu sobre o instrumento, deixando evidente, o quanto para ele, o berimbau era mágico. O músico fazia questão de assegurar que o instrumento sempre esteve disponível para ser tocado e harmonizado, bastava ampliar os olhares e as escutas para ele.

Ancorado em sua sensibilidade musical e em suas pesquisas sobre a música brasileira, Naná Vasconcelos gravou seu primeiro disco solo Africadeus em 1973, uma suíte de três músicas composta para Berimbau, registrado na gravadora Saravah em Paris. Desde então, o Mestre do monocórdio conquista o mundo com seu corpo musical. Ganhou oito prêmios Grammy e foi considerado o melhor percussionista do mundo oito vezes pela conceituada revista Downbeat. O artista, por onde passava, carregava admiração de outros importantes músicos e críticos de arte, tanto pelo seu talento quase que alquímico quanto pelo estudo que fazia da música. Reflexo disso se consagra em inúmeras participações e gravações com

diversos músicos do Brasil e do mundo (CHAGAS, 2016).

Em entrevista ao jornal G1 (2013) o Mestre do Berimbau diz: “Sou um Brasil que o Brasil não conhece. As pessoas aqui me conhecem só como o cara que faz a abertura do carnaval, maracatu, essas coisas. Ninguém sabe de mim aqui”. Infelizmente, sua fala tem veracidade, visto que sua prática transcende seus instrumentos musicais. Patrícia Vasconcelos, sua esposa e companheira de jornada, também curadora do seu acervo, em diálogo com os estudantes do projeto, relatou que Naná era um artista de múltiplas manifestações. Ela também contou que dentre tantas manifestações que formavam o músico, a educação tinha seu espaço garantido. Naná Vasconcelos desenvolvia o projeto Língua Mãe que reunia crianças brasileiras, portuguesas e de diversos países do continente africano em um trabalho percussivo que deu origem ao espetáculo ABC Musical. O projeto teve como objetivo introduzir crianças entre sete e doze anos, de vários países, ao ensino musical:

Coisas assim me interessam fazer, pois são coisas que vão ficar. Fui a Portugal, África, Brasil, peguei crianças, que nunca vão se esquecer disso. Me sinto útil assim, porque peguei o que sei fazer, a música, para dar cidadania, identidade para elas (VASCONCELOS apud MARKMAN, 2013).

Podemos classificar de Boniteza, como Freire (2021) orienta, as ações educativas realizadas por Naná Vasconcelos, visto o cuidado ético e estético nas realizações de seus projetos. Nesta perspectiva, o homenageado da praça, músico, cidadão do mundo, educador e o que mais suas expressões artísticas puderam manifestar se materializou na Praça Sonora Naná Vasconcelos. A vida do músico despertou o interesse de todos os estudantes a cada pesquisa realizada, aprofundada e compartilhada, resultando em uma indicação unânime sobre o nome do nosso projeto. Assim, Naná Vasconcelos se corporifica como praça nesse cósmico, por meio desse universo de representação cultural, sonoro e de conexão com toda a sua memória. Ainda porque não há como ignorar

que seu corpo era voz, ecoava e reverberava em muitos outros corpos, construindo epistemologias outras no ensino e na composição musical e, como Martins (2021, p. 23) nos provoca reflexionar, “o que no corpo e na voz se repete é também uma episteme” .

A PRAÇA SONORA

O projeto da praça sonora transbordou a sala de aula e transformou-se em uma extensão. Dividimos os estudantes em quatro Grupos de Trabalho (GT): o GT1 realizou a pesquisa mais detalhada sobre a vida e obra do nosso homenageado; o GT2 buscou o melhor lugar e condições no campus universitário para a construção da praça; o GT3 pesquisou sobre os instrumentos musicais que a praça teria; e o GT4 ficou responsável pela execução da linguagem visual do projeto, como a construção do *blog*¹ e um perfil no *Instagram*² como ferramenta de registro e divulgação do projeto. As aulas ocorriam uma vez por semana e tinha como dinâmica inicial compartilhamento dos resultados das pesquisas realizadas por cada GT. Com isso, possibilitava uma participação maior de todos os estudantes envolvidos no projeto, sendo que os GT's não eram fechados e qualquer estudante poderia transitar em outro GT para construir coletivamente.

É importante evidenciar que, concomitante a construção da praça realizamos a escuta coletiva das obras do músico, embora seja compreendida e decodificada individualmente, a música admirada em âmbito coletivo não isenta expressão da sua singularidade. A interação que a música desenvolve com quem a recebe é extremamente subjetiva, dependendo muito dos valores culturais que cada indivíduo possui (ZAIATZ et al, 2015). Ao compartilhar valores culturais, os grupos se estruturam em determinados espaços e a partir da interação, outros coletivos podem ser formados. Sendo assim, os elementos contidos no território são de grande valia para a construção deste espaço musical que reunirá diversos grupos.

Outro ponto que vale ressaltar foi a participa-

¹ <https://modosdeescutaecria.wixsite.com/escutacriacao sonora>

² https://www.instagram.com/praca_nana_vasconcelos/

ção da Patrícia Vasconcelos ao aceitar realizar uma roda de conversa virtual direto de Nova York (EUA), cidade que mora atualmente, com nossos estudantes em Teixeira de Freitas-BA (Brasil). A roda de conversa contou um pouco sobre a vida, as obras do nosso homenageado e enfatizou a multiplicidade do artista. Reforçou, algumas vezes, que Naná Vasconcelos era um ser composto por inúmeras expressões artísticas e culturais que se conectavam, sem perder as suas identidades individuais. Um dos exemplos foi sua ação na educação, ou na pesquisa e tocando ritmos afro-latino, jazz e música de orquestra, dentre outras tantas expressões que este mestre do berimbau desenvolveu em diversos países.

Depois da realização das pesquisas e da conversa com a curadora do acervo de Naná Vasconcelos, partimos para a construção coletiva da praça. Esta etapa durou seis semanas e contou com parceria com o projeto Extensão Universitária Popular: diálogos de saberes e práticas agroecológicas no Extremo Sul da Bahia (BENINCÁ e NEVES, 2020). O projeto de extensão já atuava no espaço com encontros sobre agroecologia, feira de agricultura familiar, atividades educativas com educação básica e palestras que trouxessem a temática agroecológica. Intencionalmente, por receber público diverso com regularidade, escolhemos construir a praça Naná Vasconcelos no mesmo espaço do projeto de extensão.

Como o projeto deu origem a uma praça sonora, a turma realizou pesquisa e construção dos instrumentos musicais que para fazer parte do espaço escolhido no campus universitário. Foram utilizados materiais reciclados como canos de pvc para construção do chinelofone, instrumento inspirado no xilofone feito com canos de diferentes tamanhos, tocado com uma sandália de borracha. Os estudantes também arrecadaram canos de ferro para construir o carrilhão de tubos, garrafa de plástico para construção do xilofone e painéis de diversos tamanhos para serem os instrumentos percussivos. Outro fator preponderante que direcionou o grupo na escolha de tais instrumentos, foi a pesquisa sobre o acervo de instrumentos musicais do nosso homenageado, onde foi identificado o carrilhão, xilofone e painéis nas suas apresentações. Cada sonoridade

de musical, cada encontro individual e coletivo é uma elaborada paisagem sonora e a Praça Naná Vasconcelos se acopla neste cenário. Principalmente, porque compreendemos, a partir de Schafer (2001), que paisagem sonora é qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos.

Figura 1: Logo da Praça Naná Vasconcelos.



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2019.

Figura 2: Praça Naná Vasconcelos.



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2019.

TOQUE FINAL

O desenvolvimento desse projeto coletivo deu origem a um espaço de encontros e vivências sensoriais na universidade e para toda a sociedade teixeirense, pois a Praça Naná Vasconcelos, a partir de sua inauguração, está aberto para qualquer pessoa acessar como um espaço de lazer. Há também as ações mensais do projeto Extensão Universitária Popular com a feira agroecológica que promove interação direta com a praça e suas manifestações sonoras entre todos os visitantes da feira e os próprios feirantes. Além da construção da praça que envolveu o tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão, os estudantes puderam ampliar suas percepções na construção de paisagens sonoras e ampliação do repertório musical com as audições de diversos gêneros musicais. Debateram a linguagem artística da música e conheceram os contextos históricos envolvendo cada gênero que acessaram.

Faz-se relevante destacar que o comprometimento da turma em desenvolver o projeto

consolidou uma relação de afeto com a praça, frequentando-a posteriormente o projeto. Principalmente por sua forma interdisciplinar de gestão e gestação da praça, o presente aprendizado da extensão universitária, proporcionou-nos uma vivência dialógica e cooperativa. Outro ponto significativo: compartilhar saberes é uma das colunas do espaço acadêmico e suas linguagens podem ser diversas como a nossa que materializou um pouco dos conhecimentos do Naná Vasconcelos.

É importante a história desse artista ecoar e para isso ela precisa ser contada. Naná Vasconcelos é um ancestral da música brasileira e carrega em seu corpo e sua voz conhecimentos que precisam ser ouvidos e disseminados. Em vida, as epistemologias produzidas pelo seu corpo e por sua voz ecoaram por vários territórios. Cabe, agora, outros projetos, em todo o país, manter viva a memória desse artista que teve sua importância na cultura e história brasileira. Para isso, é relevante que surjam estudos, extensões, praças, livros, memoriais, homenagens, músicas, museus e tudo mais que possa divulgar este patrimônio mundial.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C.N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENICÁ, D. e NEVES, F.M. Extensão universitária popular: diálogos de saberes e práticas agroecológicas no Extremo Sul da Bahia. **Conectadas Revista Interdisciplinar de Extensão e Cultura da Universidade Federal do ABC**. n.02. Santo André, jun2020. Disponível em: https://conectadas.proec.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Revista-Conectadas_E2_V6.pdf. Acesso em: 8jul2022.

BENTO, E. Naná Vasconcelos deve ganhar Cátedra na UFRPE após apelo de viúva. **JC - UOL**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2022/01/14935288-apos-apelo-de-viuva-nana-vasconcelos-deve-ganhar-catedra-na-ufrpe.html>. Acesso em: 8jul2022.

BOBBIO, N. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Artigo 2015. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_215.pdf Acesso em: 25nov2022.

CALDAS, F. R.; HOLZER, D. C.; POPI, J. A. A Interdisciplinaridade em Arte – desafios em sala de aula. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 160-171, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/9839>. Acesso em: 8jul2022.

CHAGAS, P.H.B.S. **O Berimbau de Naná Vasconcelos na música contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Música da Universidade de Évora. Évora, p1-79, 2016. Disponível em: <http://rdpc.uevora.pt/handle/10174/20710>. Acesso em: 08jul2022.

COMPARATO, F.K.. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

DEMENECK, B.-H. Naná Vasconcelos - o berimbau global. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 160–173, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18883>. Acesso em: 08jul2022.

FAVARÃO, N. R. L e ARAÚJO, C. S. A Importância da interdisciplinaridade no ensino superior. **Revista da Educação**, p. 103-115, vol. 4, n.2, jul./dez., 2004. Disponível em: Acesso em: 8jul2022.

FILHO, F.H.C.; BOTELHO, I.; e SEVERINO, J.R. Direitos Culturais: centenário mas ainda desconhecidos. In: FILHO, Francisco Humberto Cunha; BOTELHO, Isaura; e SEVERINO, José Roberto (Orgs.) **Direitos Culturais**. Volume 01. Salvador: EDUFBA, 2018.

FREIRE, A.M.A.F. (Org.). **A palavra Boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. 1ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 49 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2010.

KANDUS, A; GUTMANN, F.W.; e CASTILHO, C.M.C. A física das oscilações mecânicas em instrumentos musicais: exemplo do berimbau. Artigos Gerais, **Rev. Bras. Ensino Fís.** 28 (4), 2006.

MARKMAN, L. 'Sou um Brasil que o Brasil não conhece', diz Naná Vasconcelos. **G1 - Globo**. 09jan2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2013/noticia/2013/01/sou-um-brasil-que-o-brasil-nao-conhece-diz-nana-vasconcelos.html>. Acesso em 08jul2022.

MARTINS, L.M. **Performances do tempo espiralar: poética do corpo-tela**. Encruzilhada. 1ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NETO, J.A.R. Pensar-Viver-Água em Oxum para (Re)Encantar o Mundo. **Revista Calundu**. Vol.04. n.2. jul-dez 2020. DOI 10.26512/revistacalundu.v4i2.34344. UNB. Publicada em 04-01-2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34344> Acesso em 25out2022.

SANTOS, B.C. Arte como processo cultural: por uma ampliação do humano. **Revista científica del Grupo Interdisciplinario de Estudios en Comunicación, Política y Cambio Social**. Universidad de Sevilla: setembro, 2009. Disponível em: <https://compolitic.org/redes/pdf/redes5/24.pdf>. Acesso em: 08jul2022.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente, a paisagem sonora. Tradução Marisa Trench Fonterrada. 2ed. São Paulo: UNESP, 2001.

SILVA, G.C.G. **A Cabaça do Segredo: religiosidade e concepções populares de cura no Rio de Janeiro**, C. 1889-1927. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/tese-glicia-caldas#:~:text=Caba%C3%A7a%20%C3%A9%20o%20fruto%20da,para%20as%20curas%20das%20doen%C3%A7as>. Acesso em: 29out2022.

UFSB. **Projeto Pedagógico de Curso Bacharelado Interdisciplinar em Artes.** Itabuna/BA, Porto Seguro/BA, Teixeira de Freitas/BA: novembro, 2016. Disponível em: https://www.ufsb.edu.br/ihaac/images/Bacharelados/Artes_/CPF/Documentos/PPC-BI-Artes-2016.pdf Acesso em: 8jul2022.

ZAIATZ, L.L; CARDOSO, J.R; SALMITO, R. R. Praça musical: Uma análise da relação das tribos urbanas com o espaço público e as paisagens sonoras. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Natal - RN – 2 a 4/07/2015. Disponível: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2490-1.pdf> Acesso em: 8jul2022.



Registro dos integrantes do Coral da UFRB no encerramento do RECONCITEC. O programa Canto Coral integra a Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFRB. Foto: Sandrine Souza. Conheça mais em: <https://www2.ufrb.edu.br/cantocoral/>

ARTIGOS

DIREITO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AO LAZER, ESPORTE E ATIVIDADES ARTÍSTICAS

INCLUSION IN ARTISTIC ACTIVITIES: RIGHTS OF PEOPLE WITH DISABILITIES

Murilo Moura Lima

Graduando, Discente UFRB, mumoura11@gmail.com

Nelma de Cássia Silva Sandes Galvão

Doutorado, Docente UFRB, nelma.galvao@ufrb.edu.br

Nilmar de Souza

Doutor, Docente UFRB, nilmar@ufrb.edu.br

Rita de Cassia Souza de Jesus

Graduanda, Discente UFRB, ritabesufrb2014@gmail.com

Sabrina Cíntia Pereira Bastos

Graduanda, Discente UFRB, sabrinabastos@aluno.ufrb.edu.br

RESUMO

A garantia do acesso das pessoas com deficiência a todos os ambientes e espaços culturais públicos e privados, bem como a liberdade de poder exercer atividades profissionais no campo das artes e do esporte é o tema deste artigo, sendo abordado através da apresentação e discussão de atividades extensionistas realizadas por comunidade acadêmica do CETENS/UFRB entre os anos de 2019 e 2021, intituladas SARAU INCLUSIVO. Os eventos foram protagonizados por pessoas com deficiência, com apresentações artísticas mescladas por rodas dialógicas sobre as temáticas. O objetivo deste trabalho é investigar a partir da perspectiva da pessoa com deficiência como estão sendo assegurados os seus direitos ao lazer, ao esporte e as atividades artísticas relacionando os achados com o que preconiza a legislação e as publicações científicas da área. Como resultado espera-se conhecer e socializar práticas sociais mais inclusivas.

Palavras-chave: Direitos. Pessoas com deficiência. Lazer inclusivo. Trabalhos artísticos.

ABSTRACT

The guarantee of access for people with disabilities to all public and private cultural environments and spaces, as well as the freedom to exercise professional activities in the field of arts and sports is the subject of this article, being approached through the presentation and discussion of activities extensionists carried out by the academic community of CETENS/UFRB between 2019 and 2021, entitled SARAU INCLUSIVO. The events were led by people with disabilities, with artistic presentations mixed with dialogic circles on the themes. The objective of this work is to investigate from the perspective of people with disabilities how their rights to leisure, sports and artistic activities are being ensured, relating the findings to what is re-

commended by legislation and scientific publications in the area. As a result, it is expected to know and socialize more inclusive social practices.

Keywords: Rights. Disabled people. Inclusive leisure. Artwork.

INTRODUÇÃO

Na atualidade a pessoa com deficiência cidadã brasileira, além dos direitos garantidos pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), tem uma legislação específica, a Lei Brasileira de Inclusão também intitulada como Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015). Estes documentos preconizam sobre o acesso irrisorito deste grupo de pessoas a todos os espaços sociais, servindo esta legislação de orientação para políticas públicas e normativas que regem os diferentes suportes voltados para a garantia da equidade de oportunidade para esta parcela da população brasileira, estimada pelo IBGE na Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, em 17.258 milhões de pessoas, correspondendo a 8,4% da população, considerando-se nestes números apenas as pessoas de 2 anos ou mais de idade, e comprometimento das seguintes funções: visual, auditiva, motora de membros superiores ou inferiores, mental ou intelectual (IBGE, 2019).

Caravage e Oliver (2018, p. 989) analisando as políticas públicas de esporte e lazer voltadas para as pessoas com deficiência salientam que:

[...] as políticas públicas tomam a forma de programas, projetos, leis, campanhas e subsídios governamentais em várias áreas, como: Saúde, Educação, Esporte e Lazer, Cultura, Economia, Meio Ambiente, Emprego e Renda, Segurança, Habitação, Assistência Social, entre outras possibilidades.

Ou seja, uma política pública tem impacto em diferentes contextos da sociedade, servindo para apoiar as práticas sociais destes espaços. Quando ela é criada em uma perspectiva inclusiva, fomenta e garante a permeabilidade da inclusão preconizada na legislação.

A palavra inclusão presente na Lei acima citada (BRASIL, 2015) e também no título deste

artigo, está atravessada ao longo destas duas décadas do Século XXI, por uma polissemia no conceito que acaba por envolver diferentes áreas de conhecimento. Na tentativa de melhor ser definida, autores a relacionam, em um movimento dialético, com o conceito oposto, o da exclusão. Sobre esta dinâmica Sawaia (2001, p. 9) afirma:

[...] a dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Estas subjetividades não podem ser explicadas unicamente por determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferentes de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência

A autora aponta que a legitimação social e individual que envolve a condição de estar incluído ou excluído tem múltiplas facetas, para além do aspecto econômico, envolvem campos subjetivos de construção da identidade, da forma como as pessoas se relacionam entre si e consigo mesma.

Wanderley (2001, p. 17), discutindo sobre a exclusão destaca que diferentes representações do mundo estão envolvidas neste processo, assim as pessoas que estão à margem da sociedade, os excluídos “ não são simplesmente rejeitados física, geograficamente ou materialmente, não apenas do mercado e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural”. Como seres imersos na cultura, estar alijado destas vivências certamente tem importantes reflexos na construção da identidade individual e coletiva de cada pessoa.

Beltrame (2022), no seu estudo sobre lazer e pessoa com deficiência discute também sobre a exclusão social, na perspectiva de como estas manifestações nos espaços e ambientes sociais se relacionam com legislação a fa-

vor de práticas inclusivas. O autor (2022, p. 6) afirma que:

Da lei e sua utilização feita na prática, notou-se entendimento que demarca algo caro à pessoa com deficiência: a lei se afasta do seu fim precípua, de resguardar o direito do cidadão. Quando lhes é negado o acesso entra em cena o que pode ser considerado uma marca idiossincrática de participantes dos grupos. A evocação da lei acaba servindo como “moeda de troca” para o ingresso e permanência nos estabelecimentos na medida em que os representantes dos espaços de lazer acabam temendo serem punidos por ela.

Observa-se que, a garantia em adentrar e permanecer em todos os espaços, conforme a lei assegura, favorece a quebra dos padrões conservadores de exclusão, desconstruindo as ideias de que determinados locais não devem ser acessíveis para todos. Mesmo a lei sendo entendida como “moeda de troca”, por medo da punição pelos gestores dos espaços de lazer, as repercussões advindas desta entrada e permanência das pessoas com deficiência nos espaços podem ser positivas. Estando presentes, as pessoas podem reivindicarem os seus direitos, saindo da invisibilidade e marcando a necessidade dos espaços e ambientes de lazer se transformarem em locais acessíveis que possam de fato ser usufruído por todos.

Entende-se como fundamental neste processo de visibilidade, ouvir a própria pessoa com deficiência sobre as suas necessidades de acessibilidade para a garantia da sua plena autonomia e participação nestes espaços. Diante desta problemática surge a seguinte questão: Como os direitos da pessoa com deficiência ao lazer, ao esporte, as atividades artísticas estão sendo assegurados, na perspectiva da pessoa com deficiência?

Aprofundando o estudo desta realidade, este artigo foi construído com o seguinte objetivo: investigar qual a perspectiva da pessoa com deficiência sobre como estão sendo assegurados os seus direitos ao lazer, ao esporte e as atividades artísticas. O universo do estudo tem como recorte a apresentação e discussão das experiências extensionistas de práticas inclusivas vivenciadas e registradas nos anos de 2019 e 2021. As ações envolveram

a realização do SARAU INCLUSIVO, primeira e segunda edição, nos quais ocorreram atividades artísticas e culturais voltadas para a inclusão da Pessoa com Deficiência com ênfase no uso e apropriação da Tecnologia Assistiva (TA) para práticas de esporte e lazer.

METODOLOGIA

Este artigo traz os resultados de uma pesquisa documental, de cunho qualitativa, conforme a orientação de Gil (2022), que explicando os objetivos e obtenção de material deste tipo de pesquisa esclarece: “[...] o material utilizado nas pesquisas documentais pode aparecer sob os mais diversos formatos, tais como fichas, mapas, formulários, cadernetas, documentos pessoais, cartas, bilhetes, fotografias, fitas de vídeo e discos” (GIL, p.88, 2022).

No caso desta pesquisa o material documental para a coleta dos dados foi oriundo dos relatórios escritos parciais e totais dos projetos de extensão SARAU INCLUSIVO e SEGUNDA EDIÇÃO DO SARAU INCLUSIVO E EXPOSIÇÕES VIRTUAIS DE PROJETO DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA e também da análise da gravação que está disponibilizada no youtube, de forma pública, no canal da TV UFRB (UFRBa, 2021; UFRBb, 2021) das rodas dialógicas da SEGUNDA EDIÇÃO DO SARAU INCLUSIVO E EXPOSIÇÕES VIRTUAIS DE PROJETO DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA.

Ambos eventos foram realizados no dia 03 de dezembro, data alusiva ao dia internacional da pessoa com deficiência. A primeira edição em 2019 foi realizada presencialmente, nas dependências do Centro de Ciência de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade, contando com a participação de artistas com e sem deficiência da cidade de Feira de Santana e Membros do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência do mesmo município. A segunda edição foi realizada virtualmente, com convidados de diferentes municípios do Estado da Bahia e de outros Estados da Federação, assumindo um perfil de permeabilidade Nacional, ocorrendo nos na plataforma de vídeos youtube, no canal da TV UFRB (UFRBa, 2021; UFRBb, 2021), no turno matutino e ves-

pertino. O evento ficou gravado com acesso aberto ao público, recebendo crescentes visualizações, as quais continuam ocorrendo até o momento atual da escrita deste artigo. Foram apresentados poesia, canções, pinturas e outros gêneros artísticos, intercalados com conversa com autores e artistas sobre seu percurso pessoal e profissional. Também ocorreram discussões sobre o direito do lazer inclusivo com foco nas atividades desportivas e paraolímpicas, relacionando com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (BRASIL, 2015). Contando, prioritariamente com pessoas com deficiência como palestrantes, criando um fortalecimento de novos padrões culturais pautados na possibilidade e potencialidade e não na ineficiência. Ampliando assim a visão dos seres humanos na sua diversidade plural e complexa nas suas relações e vivências como pessoas que desejam e necessitam de uma cultura inclusiva assertiva.

As etapas da metodologia envolveram também a revisão bibliográfica sobre a temática do direito das pessoas com deficiência as atividades artísticas. As pesquisas foram desenvolvidas na plataforma do CNPQ de acesso a periódicos, tese e dissertações com recorte para os últimos cinco anos. Para a análise dos dados foi utilizado como referência a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011) com a definição das seguintes categorias de análise: perspectiva da pessoa com deficiência sobre o direito ao lazer; perspectiva da pessoa com deficiência sobre o direito ao esporte; perspectiva da pessoa com deficiência sobre o direito a acessibilidade a atividades artísticas.

REFERENCIAL TEÓRICO: CONSTRUINDO PRÁTICAS CULTURAIS INCLUSIVAS

A Teoria histórico-cultural gestada por Lev Vigotski (2007, 2009, 2021) tem nos estudos sobre a atividade humana uma das categorias centrais dos seus fundamentos. Sobre a atividade humana, a forma como ela é aprendida e se constitui, Vigotski (2009) faz algu-

mas considerações, elencando características importantes como: a atividade reprodutiva, que conserva a nossa experiência anterior e a reproduz; e a atividade combinatória ou criadora, que segundo ele é o que permite ao ser humano se projetar para o futuro modificando o seu presente. O autor (2009, p. 14) afirma:

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica, a técnica. Nesse sentido necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

A teoria aponta para a importância da ação do ser humano sobre o mundo, conservando o que já existe e criando novidades na interação com a cultura, no aqui e agora, mas projetando-se para o futuro. Nesta interação com a criação artística, científica, técnica, a pessoa promove a sua aprendizagem e desenvolvimento, se constituindo como sujeito, como ator da sua história coletiva e individual.

Para Vigotski (2007), as vivências na coletividade têm papel fundamental para a construção dos processos superiores de pensamento, salientando que os processos interpessoais são transformados em processos intrapessoais ao longo da aprendizagem e desenvolvimento da pessoa, e quando incorporados vão criando um “novo sistema com suas próprias leis” (2007, p. 58). Ou seja, aprendemos na interação com as experiências vividas fora de nós e depois trazemos para dentro de nós, em um processo contínuo de construção e reconstrução cognitiva. Nesta direção, percebe-se a importância que as vivências coletivas de boas práticas de acessibilidade podem ter para as pessoas, tenham elas deficiência ou não, visto que as experimentações interpessoais podem ser transformadas em conhecimentos intrapessoais, modificando ideias excludentes e capacitistas, contribuindo para a consolidação de práticas sociais inclusivas, como prescritas na lei.

No Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), o Capítulo IX, no artigo 42, trata de

práticas sociais inclusivas como direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer, preconizando:

A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:

I - a bens culturais em formato acessível;

II - a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e

III - a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos.

O que a legislação assegura para a pessoa com deficiência relaciona-se diretamente com as necessidades essenciais de qualquer ser humano, concebido pelos estudiosos do campo das Ciências Humanas como um ser social. No âmbito da Psicologia, por exemplo, Vigotski (2021), ao estudar o desenvolvimento da pessoa com deficiência, afirma que o desafio imposto pela convivência com a diversidade da sociedade impulsiona a pessoa para aquisições futuras, afirmando que: “a orientação para o futuro e todo o processo, em geral, se nos apresenta como um processo único que tende para a frente com uma necessidade objetiva, direcionada para um ponto final, delineado de antemão pelas exigências da existência social”(VIGOSTSKI, 2021, p. 162-163). Projetar-se para a frente, para o futuro é vislumbrar novos papéis sociais, novas aquisições, dessa forma estimula-se a criatividade e novas formas de ser e estar no mundo, para além das formas estigmatizadas e marcadas pela exclusão.

Entretanto, a pessoa com deficiência muitas vezes tem restrição no acesso as vivências culturais, apesar da existência de legislação que assegura esses direitos, como já mencionado (BRASIL, 2015). É importante ressaltar que o poder público precisa ter papel propulsor no fomento da acessibilidade conforme a orientação legal (BRASIL,2015):

Art. 43. O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu pro-

tagonismo, devendo:

I - incentivar a provisão de instrução, de treinamento e de recursos adequados, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;

II - assegurar acessibilidade nos locais de eventos e nos serviços prestados por pessoa ou entidade envolvida na organização das atividades de que trata este artigo; e

III - assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, inclusive no sistema escolar, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Constata-se clareza no que é preconizado na lei, com detalhamento que abrange a ações voltadas para a pessoa com deficiência, ações de acessibilidade nos espaços, ações para a garantir a equidade na participação dos eventos, portanto faz-se necessário disseminar estas informações e exigir que se cumpra, estimulando-se que novos paradigmas possam sustentar as relações sociais de lazer, de trabalho. Os contextos precisam garantir qualidade na execução das atividades humanas, isso para todas as pessoas, instituindo-se no convívio o respeito a pluralidade cultural, étnica, socioeconômica e individual. Neste sentido as políticas públicas precisam garantir que a lei seja de fato alcançada, cumprida, superando a histórica exclusão que esta população tem vivido, sobre esta reflexão Caravage e Oliver (2018, p. 990) afirmam:

As políticas públicas para pessoas com deficiência, historicamente, foram criadas sob os vieses da caridade, do assistencialismo e do protecionismo. Mas, a partir de 1970, com a mobilização desse grupo em torno de seus direitos e da declaração do Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência (1981) pela Organização das Nações Unidas (ONU), as políticas têm sido debatidas sob a ótica dos direitos humanos, da necessidade de acesso à educação, trabalho, saúde, acessibilidade, cultura, esporte e lazer, entre outros âmbitos da vida social

Trazendo para o âmbito da educação, visto que a atividade extensionista que está sendo apresentada e discutida surge no espaço acadêmico, é importante salientar a responsabilidade que a academia tem em fomentar

o respeito e acolhimento da pessoa na sua diversidade, principalmente quando se trata dos alunos com deficiência. Beltrame (2022), traz a seguinte reflexão sobre o campo da educação e a interface que se espera que ocorra com os grupos envolvidos em acompanhamento a pessoas com deficiência. Diz o autor (2022, p. 11):

De outro modo fica evidente a necessidade dos grupos que assistem às pessoas com deficiência buscarem meios de reconhecer, nomear e descrever suas próprias experiências, e de como elas exercem efeitos em suas vidas. A partir de uma audiência social vale destacar que não se busca demarcar linhas entre a deficiência e a não deficiência, mas reconhecer as peculiaridades impostas a um grupo social que enfrenta historicamente a discriminação, a opressão e o silêncio. Posto que haja um desequilíbrio de distribuição de poder evidente, um caminho para a participação social tem ligação com a educação, a ponto de ser aprendida ou ensinada.

Nesta perspectiva as práticas sociais inclusivas são entendidas como ações que podem ser aprendidas ou ensinadas, que pressupõem um planejamento de estratégias, uma organização de ações sistemáticas, persistentes. Pesquisadores do campo da educação apontam a importância do professor na configuração de uma rede que comporte ações inclusivas, Pimentel, Souza e Silva (2020, p. 327) salientam: “[...] os docentes são atores imprescindíveis, flexibilizando os seus planejamentos de aula e modificando o seu fazer pedagógico com vistas a atender todos os alunos”.

Esta flexibilidade que é orientada no fragmento acima, por profissionais do campo da educação, também aparece como critério importante a ser considerado em outros contextos sociais para a garantia de práticas sociais inclusivas, trazendo o conceito de Desenho Universal, que compreende a ideia de que os espaços, ambientes, sejam desde a sua concepção pensados para a inclusão de todas as pessoas. Nesta perspectiva, os estudos no campo da pessoa com deficiência apontam que para eliminar as barreiras que atrapalham a criação de contextos sociais inclusivos é fundamental o trabalho em rede e interdisciplinar, que envolve dentre outros as-

pectos a formação profissional envolvendo da formação inicial a formação continuada (GALVO FILHO, 2022).

Sobre barreiras, o artigo 3º, parágrafo IV, da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146), afirma que corresponde a

[...] qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.

SASSAKI (2009), relaciona as dimensões da acessibilidade com as barreiras, para as quais identifica pelo menos seis tipos barreiras: arquitetônicas, comunicacional, atitudinais, instrumental, programática, metodológicas. Em um processo de interação entre elas, acabam por reforçar-se mutuamente, sendo a barreira atitudinal um dos desafios mais importantes, que alimenta a exclusão, engessando as ações de desconstrução das mesmas, através da naturalização das ideias de menos valia, de impossibilidade, de superproteção, de dependência associadas a identidade das pessoas com deficiência.

Barbosa Rezende e Brito (2020) também identificam que a criação e manutenção de barreiras se relacionam com práticas assistencialistas, que desconstruem a ideia de direito do cidadão e reforçam atitudes capacitistas, que desqualificam a autonomia cidadã da pessoa com deficiência. Dizem os autores (2020, p. 133):

As pessoas com deficiência vivem em uma sociedade em que para acessarem bens e serviços enfrentam barreiras atitudinais como, por exemplo, o preconceito, as ambientais, essa mais associada a questões arquitetônicas e institucionais (discriminações legais) que vem impedindo as mesmas de terem acesso e participação na vida cotidiana. Por isso, é importante pensarmos o lazer para pessoa com deficiência no campo dos direitos humanos e não como algo assistencialista.

Nas falas dos participantes da atividade, que serão apresentadas no próximo tópico, foi possível identificar a presença deste

diálogo exclusão/inclusão nas suas vivências de enfrentamento destas barreiras, apontando para o que Caravage e Oliver (2018, p. 994) sinalizaram nos seus estudos sobre a necessidade de “espaços e programas inclusivos que permitam a participação de pessoas com e sem deficiência são essenciais, reafirmam o direito das pessoas de participarem da vida social e que a deficiência é uma condição que faz parte da diversidade humana”. Para estes autores, os gestores, os profissionais, a sociedade como um todo, ao trabalhar em torno políticas públicas profissionais precisam estimular que as políticas públicas sejam construídas “com base no modelo social de concepção da deficiência, nos marcos legais e nas necessidades gerais e específicas da população”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Serão apresentados e discutidos os dados coletados e registrados sobre as atividades extensionistas. Serão estes: as falas dos palestrantes, que foram transcritas e organizadas a partir das categorias propostas; os relatórios parciais e totais da equipe de docentes, técnicos e discentes envolvidos nos projetos, relacionando-os as categorias de análise; e também as impressões dos participantes deixadas no chat da youtube e registradas em email enviado para cada participante solicitando a sua avaliação sobre a atividade. Os dados foram organizados em 3 categorias de análise, definidas posteriormente após organização dos dados. Segue a apresentação e discussão das mesmas

PERSPECTIVA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

SOBRE O DIREITO AO LAZER

Os relatórios da equipe e as impressões de avaliação dos participantes trazem a surpresa pela constatação de poucos espaços de lazer inclusivos existentes na cidade de Feira

de Santana. E como esta realidade de barreira arquitetônicas que impedem o acesso aos espaços de lazer se repetem em diversas cidades do país. Constata-se nas falas que o direito ao lazer é violado de forma visível em diversos espaços.

O palestrante Lucas Aribé, jornalista, vereador por oito anos da cidade de Sergipe, criador do projeto Aracajú Acessível que se trata de uma semana pautada justamente no direito à cultura, esporte, turismo e lazer, como garante o artigo 42 da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (BRASIL, 2015) explicita a necessidade da garantia efetiva de igualdade de oportunidades para as diversas pessoas, acessibilidade para romper as barreiras sociais, arquitetônicas, no mobiliário urbano, na comunicação, e na atitude. A lei impulsiona a discussão, porém não garante ainda o cumprimento das suas medidas.

Ednilson Sacramento, jornalista, afirma que muitas dessas barreiras arquitetônicas que impedem o direito ao lazer podem e devem ser demolidas com ajustes, com as adaptações, com obras e isso muitas vezes não acontece, isso vale para a nossa permanência e a posse do nosso acesso aos os espaços culturais, jardins, cinemas, teatros e auditórios. E ele afirma: “apesar de termos uma legislação que nos ampara, nos garante esse direito, ainda temos pessoas e instituições que teimam em não garantir esse acesso e nós sabemos como base no Estatuto da Pessoa com deficiência, com base na Convenção Internacional sobre os direitos da pessoa com deficiência que isso é um direito. Mas não basta sabermos que isso é um direito, não basta vermos isso escrito na Legislação. É preciso que tenhamos antes de mais nada, pessoas para fazerem valer esse direito e essas pessoas somos nós, essas pessoas são os juízes e juízas, são os políticos, os administradores ou gestores”.

Observa-se nestas falas a concretização do que foi apontado por Sasaki (2009) sobre como estas barreiras se relacionam e se retroalimentam, sendo a atitude, a barreira atitudinal, um importante motor para manter esta desigualdade no acesso as práticas artísticas, seja no âmbito profissional ou pessoal.

PERSPECTIVA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

SOBRE O DIREITO AO ESPORTE

Os relatórios da equipe e as impressões de avaliação dos participantes sinalizam que as paraolimpíadas são uma vitrine positiva para as práticas inclusivas. O rigor, a exigência dos treinamentos dos paratletas trazem à tona o compromisso com a qualidade. Ao mesmo tempo as dificuldades relatadas pelos palestrantes, evidenciam o descaso e pouco investimento público. Outro dado que apareceu de forma frequente nos registros foi o fato dos recursos de tecnologia assistiva para esta área demandarem mais investimento que possam atualizar e baratear estes recursos, tornando-os acessíveis a mais paratletas. As políticas públicas são identificadas como ações que não representam o direito ao esporte como assegurado na legislação.

Alexandre Baroni, traz a importância do esporte discutindo o projeto da Bocha Adaptada. Ele afirma que o esporte é algo que agrega e que sempre gostou muito de esportes. Após o acidente que causou a sua tetraplegia, ele passou a buscar uma atividade que fosse, não só lúdica, mas também atividade competitiva, pois sempre fui muito apaixonado por competição, precisava encontrar um esporte que pudesse praticar com chances reais de ganhar, foi então que conheceu a bocha, nos anos 2000, em um torneio com várias modalidades esportivas, e se encantou. A bocha, segundo o paratleta, talvez seja a modalidade esportiva mais inclusiva de todos, “você pode pegar uma criança de 4 anos, uma pessoa de 90 ou uma de 40 sem deficiência ao lado de uma pessoa com muita limitação e colocar eles para jogar, mas quem vai ganhar? Depende, qualquer um deles pode ganhar”. Como dificuldade para o acesso a esta prática desportiva o atleta relatou a escassez de material, como por exemplo as bolas. Como não tinha aonde comprar, passou a fabricar essas bolas. Agora a dificuldade é com a calha, que ainda não é fabricada no Brasil. Para Alexandre: “Os esportes paralímpicos têm

embarcado nas suas adaptações para atender as pessoas com deficiência através de novas tecnologias. Somando o entusiasmo, com a vontade de fazer, focando em resolver o problema de uma pessoa podemos acabar facilitando a solução para outra pessoa”.

A fala do paratleta, está em consonância com os estudos e sinalizações de Bletrame (2022) quando sinaliza sobre o cuidado que os grupos que trabalham com pessoas com deficiência precisam ter para garantir que a pessoa possa trazer as suas necessidades reais à tona. Alexandre deixa marcado através da sua fala que a necessidade de uma pessoa pode ser de outra também, trazendo o potencial de ressignificação que os espaços de esporte inclusivos apresentam para a população das pessoas com deficiência.

O jornalista Marcelo Moita, influencer digital, criador do site “Futebol paixão cega”, relata que a sua história de vida é marcada por desafios desde o seu nascimento, nasceu em 1996 com 5 meses gestacionais, os cuidados necessários para a sua sobrevivência deixaram como consequência, a deficiência visual, em decorrência de uma doença chamada retinopatia da prematuridade. Aos 5, 6 anos de idade começa a perder a audição. A partir daí passa a explorar novas formas de comunicação com as pessoas, descobrindo o TADOMA - que consiste em colocar a mão na mandíbula de quem está falando e assim através da articulação das palavras consegue entender o que está sendo dito e responder de forma oral ou escrita. Esta forma de comunicação perdurou como sua única forma de acesso até os 9 anos de idade, quando fez o implante coclear e passou a ouvir também. Ele relata que esta barreira de comunicação não impediu que fosse louco por futebol, desde os 12 anos de idade.

Após o Ensino Médio, cursado em escola regular ele passa para o curso de jornalismo e no meio da faculdade cria o canal Paixão Cega em parceria com um amigo. O jovem afirma que encara a própria deficiência com tranquilidade, sempre brincando e tratando como apenas um detalhe, como algo natural. Dificuldades ele diz que sempre teve, desde que nasceu, viveu aquela coisa, “vai, não vai”,

“morre não morre”. Hoje a paixão por futebol só aumenta. Relata que já entrevistou vários nomes do esporte: João Guilherme, André Renner (esporte interativo), Guilherme Bellintani (presidente do Bahia) etc. Além das entrevistas faz comentários sobre os acontecimentos do futebol e prefere o rádio para ouvir os jogos, pois na televisão muitas vezes a informação pode ser perdida. Ainda sobre as suas formas de comunicação ele pondera que não usa muito o braille, por ser lento, demorado e ter um custo maior com a impressão. Utiliza mais as tecnologias do celular e computador, mas isso não significa que desmotiva quem quer aprender braille, pois é muito importante para entender a grafia das palavras. Sobre o seu canal do youtube, ele traz a seguinte reflexão: “Não tenho dados das pessoas que acessam meu canal, mas até prefiro que pessoas que não tenham deficiência acessem para verem que é possível um cara que não enxerga nada comentar sobre futebol como qualquer outra pessoa, ou até melhor, então eu nem faço essa distinção pois quero apresentar conteúdo pra todo mundo.”

Marcelo na sua fala traz concretamente como estar imerso nas experiências o projetou ao longo da sua história para o futuro, em consonância com o que Vigotsky (2007,2009, 2021) aponta como importante para o desenvolvimento dos processos superiores de pensamento. A sua fala valoriza o papel que o aparente hobby pelo esporte, iniciado ainda na infância teve na sua história. A possibilidade que ele encontrou no ambiente, de tornar possível a sua escolha, lhe trouxe motivações para outros campos da sua vida.

PERSPECTIVA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

SOBRE O DIREITO A ACESSIBILIDADE AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS

Os relatórios da equipe e as impressões de avaliação dos participantes foram marcados pela constatação da dificuldade que tem o profissional do campo das artes, para ser reconhecido e receber uma remuneração justa

e reconhecimento social pelo seu trabalho. Os recursos de Tecnologia Assistiva foram identificados com uma função importante para a pessoa com deficiência acessar as atividades artísticas, seja como hobby ou como trabalho. Um outro aspecto de relevância nos achados foi a constatação de que a pessoa com deficiência precisa ser consultada e envolvida nas equipes que desenvolvem estes recursos, o contrário disso pode levar a construção de recursos de TA inúteis.

Lucas Arribé, sugere que a solução para um mundo mais inclusivo será a extinção do capacitismo, o qual nega os devidos direitos à todas as pessoas. No Artigo 42 da LBI, por exemplo, é proibida a recusa de oferta de obra intelectual para exploração tátil, ou seja, uma pessoa com deficiência visual em museu pode tocar, sentir, interpretar as obras, porém isto não ocorre na realidade, descumprindo-se o artigo. O poder público deve adotar todas as ações necessárias para eliminação, redução e superação de barreiras, passando inicialmente pelas adaptações razoáveis que possam promover o acesso de qualquer pessoa. O direito está aí, as leis existem, o que falta é a prática disso, dando protagonismo as pessoas com deficiência.

Esta afirmação caminha na direção das reflexões de Caravage e Oliver (2018), que sinalizam como o assistencialismo marcou a história da pessoa com deficiência, lhe tirando o protagonismo, o direito de ser ouvido e gerenciar a sua vida, com escolhas asseguradas pela lei. Por isso é tão importante visibilizar as conquistas atuais, e fazer cumprir o que a lei garante.

A palestrante Daniela Caburro integrante da Associação dos Pintores com a Boca e os Pés (APBP), teve poliomielite com 8 meses e consequentemente ficou tetraplégica, mas isso não a impediu de ir em busca dos sonhos com apoio da sua rede, a “força e fé da família” foi muito importante para a artista. Conseguiu desenvolver suas potencialidades e há 18 anos é pintora, tendo suas obras reproduzidas ao redor do mundo pela APBP. Tratando a arte como ferramenta de mudança social, quebrando paradigmas e preconceitos, o apoio das pessoas e profissionais ao

seu redor foram de suma importância para sua evolução. Ela ressalta a fundamental ação das adaptações e tecnologias assistivas que deram suporte as suas atividades garantindo autonomia. A artista plástica, salienta que essa consciência social é formadora de mudanças necessárias, gerando o sentimento de pertencimento à comunidade, influenciando rupturas de pensamentos e reestruturando possibilidades, garantindo o acesso e a devolução dos direitos.

Observa-se nesta fala a ideia do trabalho, como atividade motivadora do desenvolvimento humano, conforme refletiu Vigotsky (2009), como uma força com características de reprodução e de criação, que de forma dialética vai promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento, contribuindo para a inserção da pessoa no mundo que a cerca. Também aparece a relação entre as vivências coletivas na formação do que a palestrante chama de consciência social, influenciando para fomentar e manter novas posturas frente a realidade da pessoa com deficiência.

O jornalista cego, Ednilson Sacramento, inicia a sua fala sinalizando sobre a importância da data simbólica que é o dia 3 de dezembro, dia Internacional da Pessoa com Deficiência. Reflete que “ para além de ser uma data de comemorar a pessoa com deficiência é um chamado para a defesa de direitos. Hoje é dia de luta”. Ele sinaliza que existem coisas para serem comemoradas, como por exemplo um momento como o SARAU, no qual uma rede se forma entre as faculdades, entre as instituições, universidades pautando o tema da pessoa com deficiência. Outra coisa que ele considera importante são as pessoas. As pessoas são quem de fato fazem as instituições, as escolas, faculdades, organizações não-governamentais. É preciso que existam pessoas que permitam a prática da alteridade, que se consiga pensar na outra pessoa. No que se refere a arte, cultura e pessoa com deficiência, Ednilson ressalta que a arte move o ser humano e por isso precisa ser acessível para todas as pessoas, ele afirma que normalmente as pessoas veem a deficiência antes da arte, antes da cultura, antes da produção, o que é um dos símbolos do capacitismo, é a percepção que restringe, menospreza e dimi-

nui a pessoa pela deficiência. Ele afirma que as pessoas com deficiência precisam estar atentas não só a acessibilidade com relação a arte e a cultura, mas também com relação à acessibilidade das pessoas que fazem artes, e fazem cultura. A primeira barreira é a da atitude, se a sociedade não compreende que os artistas com deficiência, têm um lugar, merecem um lugar como qualquer outra pessoa para se apresentar, para criar, produzir e para divulgar a sua arte, acaba criando barreira de atitudes fantásticas. Ele cita também outras como por exemplo a barreira arquitetônica. “É difícil você chegar numa sala de aula ainda é mais difícil se você tem mobilidade reduzida se você se locomove através de uma cadeira de rodas. Ou seja, é preciso que as instalações para os artistas sejam acessíveis para esse público, é preciso que a gente tenha camarins acessíveis, é preciso que a gente tenha restaurantes acessíveis que a gente tenha palcos acessíveis”.

O jornalista segue refletindo que “temos é ainda uma herança muito forte de que nós pessoas com deficiência não deveremos ou não deveríamos estar em determinados lugares que não fossem as casas, as instituições de abrigo, etc. então isso ainda paira na cabeça e na consciência de muita gente, então eu me lembro certa vez que eu estava em um seminário e o professor depois na palestra passou os e-mails. Eu disse para o professor, ‘eu quero também o seu e-mail para eu trocar mais informações’. Ele ficou de boca aberta, ele demorou de me dar o e-mail dele, depois eu perguntei para o professor: ‘Por que o senhor hesitou em me dar o e-mail?’ O professor disse. ‘ Eu não sabia que você usava e-mail’. E o e-mail é uma coisa comum? Que hoje está inclusive mais comum ainda. Até em alguns casos sendo superados por outros canais de comunicação. Mas isso revela que muita gente ainda não admite que uma pessoa com deficiência possa pintar um quadro, muita gente ainda não admite que uma pessoa com deficiência possa escrever um livro, possa fazer uma composição, possa dançar profissionalmente como qualquer pessoa. Então em função dessa deficiência que as pessoas têm ainda de compreender o lugar da pessoa com deficiência, nós temos

essas lacunas e são lacunas referentes a toda a questão a do preconceito, são lacunas que dão conta do estado em que nós estamos”.

A fala de Ednilson aponta para a importância de garantir a legislação, o cumprimento dos direitos, a concretização da cidadania da pessoa com deficiência, o abandono de práticas capacitistas, conforme aponta BARBOSA, REZENDE E BRITO (2020). O jornalista traz de forma concreta os impactos que o preconceito, os estigmas podem ter para a vida profissional de uma pessoa com deficiência que trabalha no campo artístico.

A palestrante Natália Pinto começa contando uma história: “Certa vez eu fui em uma biblioteca em São Paulo, eu estava fazendo uma visita em São Paulo, e eu fui com uma amiga, uma pessoa sem deficiência, na pinacoteca. Ela me ajudava no processo de escrever um pouco a obra. A gente ia comentando sobre as obras, sobre as pinturas que a gente estava visualizando. Ela comentou comigo que tinha placa de braille né? Nome da obra e o artista. Eu fui tocar nesta placa. Então uma funcionária do museu disse que isso só seria possível se acompanhada de um funcionário do Museu. Isso deveria ser feito apenas em dois dias por semana com horários específicos”. Então a palestrante relaciona que apesar de muita coisa garantida na legislação o cumprimento da lei é parcial. Ou seja, tem algo que está no meio, o capacitismo, que impregna todas as relações e que também vai estar em nossas relações de trabalho de arte, de lazer, de relacionamento pessoal, afetivo, vai estar na família.

Natália, fala de uma semântica, “que não foi construída agora, mas continua sendo alimentada permanentemente pelas crenças, pelos ideais que nós temos e pelos comportamentos que nós temos e está semântica que vai conceber uma pessoa com deficiência com uma pessoa como incapaz, como uma pessoa faltante, como uma pessoa que tem problema e se um espaço não está acessível e se a minha aula não é acessível e se o meu trabalho, o meu projeto artístico, o meu grupo de dança não é? Eu não dialogo não convivo, não considero e respeito”.

Natália discute que a “simbolicidade de um corpo o problema não tá em mim e na minha escolha, o problema tá naquele corpo que não consegue está ali? E esta semântica ela culpabiliza as pessoas com deficiência pelo modo de existência delas. A palestrante ressalta que a deficiência “é um modo de existência. Porque a minha deficiência visual não é uma bolsa que eu coloco quando eu estou com vontade e quando eu não estou com vontade eu deixo em casa, mas é uma condição, um modo de existência”.

Observa-se que a fala de Natália vai na direção dos demais palestrantes aqui apresentados, sendo marcada pela urgência em garantir espaços de escuta e protagonismo a pessoa com deficiência. Também a palestrante sinaliza como ações inclusivas coexistem com atitudes capacitistas e excludentes, demonstrando que inclusão e exclusão são faces do mesmo fenômeno.

A potência destas falas aqui descritas e analisadas e de outras que ocorreram no evento, podem ser conferidas pelo leitor deste artigo na íntegra na web (UFRB, 2021a; UFRB, 2021b), trazendo para a pauta das discussões outros aspectos para além dos que foram destacados neste texto, no qual constam apenas os recortes que ilustram melhor as questões dos direitos as atividades artísticas, esporte e lazer e a busca pela garantia dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência da atividade extensionista permitiu aos envolvidos, docentes, discentes, técnicos e comunidade interna e externa a UFRB, uma maior aproximação com a temática da acessibilidade ao lazer, ao esporte, as atividades artísticas. Os desafios e possibilidades das pessoas com deficiência diante desta realidade no século XXI foram apresentados de forma concreta e realística pelos protagonistas destas experiências.

A funcionalidade de um membro que pode ser alcançada com recursos tecnológicos de

tecnologia assistiva, apontam para a necessidade de investimentos públicos que garantam o acesso das pessoas com deficiência aos equipamentos que elas precisam para viver de forma autônoma e independente o lazer, o esporte as atividades artísticas.

Os gestores de espaços públicos devem agir com urgência para eliminar as barreiras de acessibilidade e assegurar que a pessoa com deficiência usufrua como profissional ou como usuário os espaços voltados para o lazer, esporte, artes.

Constatou-se também que existem estúdios neste campo do lazer, esporte e artes, sendo necessário dar visibilidade a estas produções a fim de que este campo se fortaleça

cada vez mais, podendo alcançar um número maior de pesquisadores, fomentando a amplitude do estudo no campo da inclusão da pessoa com deficiência ao lazer, esporte e atividades artísticas.

E por fim, ficou evidenciado que é fundamental avançar para novos paradigmas culturais, saindo da ideia assistencialista de favor a pessoa, para a ideia de direito: direito a pesquisa para melhor adequação do espaço; direito a pesquisa para melhores recursos de tecnologia assistiva; direito a escolha pessoal por qual espaço de lazer, de esporte, de atividade artística quer usar e como quer usar, se para hobby ou para trabalho.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. M., REZENDE, E. J. C., & BRITO, C. M. D. de. Pessoas com deficiência e o lazer: uma análise das publicações nas revistas brasileiras licere e rbel. **Revista Brasileira De Estudos Do Lazer**, 7(3), 123–139.2021 Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/20483> Acesso 25.07.22

BARDIN L., **Análise de conteúdo** São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRAME, A. L. N. O lazer e a pessoa com deficiência física usuária de cadeira de rodas: investigando a participação social. **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. e28003, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.113910. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/113910>. Acesso em: 25 jul. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 14 Dez 2021.

_____. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 06 de julho de 2015. Legislação Federal e Marginalia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015/2018/2015/lei/13146.htm. Acessado em 18 de agosto de 2021.

CARAVAGE, A.; OLIVER, F. C. Políticas públicas de esporte e lazer para pessoas com deficiência. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 987–1000, 2018. DOI: 10.22456/1982-8918.73957. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/73957>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GALVÃO FILHO, T. **Tecnologia Assistiva: um itinerário da construção da área no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2022.

IBGE. **Pesquisa nacional de saúde: 2019: ciclos de vida: Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento**. - Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

PIMENTEL S.C. SOUZA M.F. A SILVA R. L Práticas inclusivas na Educação Superior: condições para a acessibilidade curricular. In: RIBEIRO S.L DUBOC M.J.O. SOUZA L.R. **Políticas e práticas da educação inclusiva**, Feira de Santana, UEFS Editora, 2020.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, mar/abr., 2009, p. 10-16.

SAWAIA, Bader. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão** - Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001.

II Edição do Sarau Inclusivo e exposições virtuais de projeto de popularização da Ciência – Manhã. **TV UFRB**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k4iMHfPKZVs>. Acesso em: 25.07.22

II Edição do Sarau Inclusivo e exposições virtuais de projeto de popularização da Ciência – Tarde. **TV UFRB**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SF8Rd_Qbhh8. Acesso em: 25.07.22

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes 2007.

____ **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; Tradução Zoia Prestes, São Paulo: Atica, 2009

____ **Problemas de defectologia** v.1. Organização, edição, revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1 edc. São Paulo: Expressão Popular, 2021PNS, Pesquisa nacional de saúde: 2019: ciclos de vida: Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

WANDERLEY M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão** - Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001.

WEB ARTE: A BIBLIOTECA P5.JS E O ESTUDO DE CASO DO PROJETO CÁPSULAS SONORAS

WEB ART: THE P5.JS LIBRARY AND
THE CASE STUDY OF THE SOUND CAPSULES PROJECT

Daniele dos Santos Costa

FATEC BAIXADA SANTISTA (SP) / UFRB (BA)
santoscostadaniele@gmail.com

Profa. Dra. Vanina Carrara Sigrist

FATEC BAIXADA SANTISTA (SP)
vanina.sigrist01@fatec.sp.gov.br

RESUMO

Este artigo pretende estimular o debate sobre as produções artísticas chamadas de web arte ao mostrar a união da área de computação, através da biblioteca p5.js (2013), com artistas sonoros. Para tanto, será desenvolvido um estudo de caso da obra “Cápsulas Sonoras”, do ano de 2021. A revisão bibliográfica compreende principalmente a literatura de Nunes (2011; 2016), Oakim (2015), McCarthy, Reas e Fry (2015). O resultado busca abranger a pesquisa de trabalhos que unem arte e internet.

Palavras-chave: Web arte. P5.js. Cápsulas Sonoras.

ABSTRACT

This article intends to stimulate the debate about the artistic productions called web art by showing the association between the computing area, through the p5.js library (2013), with sound artists. To this end, a case study of the work “Cápsulas Sonoras”, from 2021, will be developed. The literature review comprises mainly the literature of Nunes (2011/2016), Oakim (2015), McCarthy, Reas and Fry (2015). The result seeks to encompass the search for works that unite art and the internet.

Keywords: Web art. P5.js. Cápsulas Sonoras.

INTRODUÇÃO

Diante das grandes possibilidades que a internet proporciona, uma delas se chama web arte, internet arte ou também net arte. A expressão surgiu em meados dos anos 1990 e denomina as obras artísticas expostas na rede web. Esses trabalhos nascem com o uso

dos registros em HTML e CSS, que conduzem e documentam as páginas da internet, junto com linguagens de programação, navegadores (browsers) e plugins.

A temática dessas obras artísticas dentro da web compreende desde produções que aludem a uma estética computacional, como nas obras do grupo JODI (1995; 2008), a criações de cunho político e social em trabalhos como

Tumba (2020) e InMemoriam (2020; 2021). Em obras desse tipo, as tecnologias ajudam no funcionamento da web, que vive em constantes mudanças e atualizações, algumas ferramentas surgem e outras são descontinuidas, alterando o processo de existência das criações artísticas nas plataformas digitais. Isso faz com que algumas dessas propostas deixem de existir, por conta de tecnologias obsoletas. É possível identificar em obras de web arte a variedade de assuntos, estéticas e recursos tecnológicos.

Nessa gama de alternativas, este trabalho destaca uma ferramenta que existe desde 2013, o chamado p5.js. Trata-se de uma biblioteca que se alicerça na linguagem de programação JavaScript e tem como objetivo o desenvolvimento do processo criativo dentro da web a fim de facilitar o aprendizado na programação digital. Essa ferramenta surge dentro de um projeto intitulado Processing, software de código aberto e ambiente de desenvolvimento integrado, baseado na linguagem Java.

Tomando como referência a biblioteca do p5.js, propõe-se o estudo de caso da obra Cápsulas Sonoras, produzida no ano de 2021 pelo grupo SONatório – Laboratório de Pesquisa, Prática e Experimentação Sonora, projeto de extensão e pesquisa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. O intuito da pesquisa é fomentar o debate sobre as produções da internet chamadas de web arte, observando como a web, para além das suas possibilidades, também serve de suporte de expressão artística e tecnológica.

O presente artigo é uma pesquisa aplicada com abordagem qualitativa, exploratória e com realização de um estudo de caso da obra Cápsulas Sonoras. A análise descreve a obra e seus processos criativos e técnicos. Para os embasamentos teóricos, são usados os extensos trabalhos do pesquisador e artista Nunes (2011; 2016), uma das referências brasileiras sobre o tema web arte, abrangendo conteúdos textuais e audiovisuais, incluindo entrevistas e obras próprias. Também fazem parte do referencial adotado Oakim (2015), com os estudos sobre o Processing, e McCarthy, Reas e Fry (2015), com o estudo sobre o p5.js.

DEFINIÇÕES DE WEB ARTE E EXEMPLOS DE OBRAS ARTÍSTICAS NA WEB

Os computadores para uso pessoal começaram a ser utilizados nos anos 1960 e, desde então, a tecnologia computacional tem sido lugar de criação para artistas, os quais Oakim (2015) denomina artistas-programadores, que utilizam do algoritmo da arte computacional para compor suas obras. Com a consolidação da internet, em meados da década de 1990, surgiram trabalhos para web unindo a produção artística e a área de computação, as chamadas web arte, internet arte ou net arte (BEM WEB ARTE, 2021). Ampliando essas nomenclaturas, emergem termos como ciberarte, arte telemática e poéticas das redes (LEÃO, 2004).

Segundo Leão (2004), o termo webarte refere-se aos protocolos da World Wide Web (WWW) ou rede de alcance mundial, que guarda grandes quantidades de conteúdos de informações online, de onde fazem parte os navegadores (browsers) e o Hypertext Transfer Protocol Secure (HTTPS, ou Protocolo de Transferência de Hipertexto Seguro).

Conforme Nunes (2011), a internet chega às universidades públicas brasileiras em 1991 e, no ano de 1994, as primeiras experiências ao acesso comercial à rede começam a serem feitas. Nesse momento, os chamados internautas navegam em um espaço ainda desconhecido, e as criações artísticas experimentam esse universo totalmente novo.

Em “Falas da Web Arte no Brasil” (FABIOFON [dot]COM, 2020), Tania Fraga descreve sua obra criada junto aos artistas Diana Domingues, Gilberto Prado e Suzete Venturelli, datada de 1996 e intitulada Netlung (Rede Pulmão). A obra havia sido feita com a linguagem de marcação de texto HTML1, e procurava experimentar as disponibilidades tanto da linguagem, que naquele momento era muito voltada para textos e links, quanto da poética de cada artista.

Torres (2018) destaca que o uso do HTML, a princípio, teve como objetivo possibilitar a troca de informações entre cientistas e universidades. Sua primeira versão, de meados de 1990, detinha funcionalidades simples e limitadas, e a segunda só seria implementada cinco anos depois, o chamado HTML2. Vale ressaltar que o HTML5 é a versão mais atualizada e mais utilizada dentro da internet hoje, comparada a versões anteriores, e possibilita o uso de mídias, como imagens, vídeos, sons e funcionalidades com imensos recursos.

Um dos sites pioneiros e mais importantes para a história da web arte é o JODI, nome do coletivo artístico belga-holandês formado por Joan Heemskerk e Dirk Paesmans. Criado em 1995, trata-se de uma das referências nas pesquisas de arte na web. Esteticamente, é um site que se relaciona com falhas e erros computacionais. JODI fogia dos padrões do que se entendia sobre as funcionalidades dos sites nos anos 1990. As páginas que o grupo cria trazem visualizações do código-fonte, navegação não linear, ícones, imagens, janelas e elementos usados de forma mais “anárquica” ao que se via na web naquele momento, contrapondo-se aos sites comerciais da época (NUNES, 2016)

Figura 1 – Tela inicial do JODI



Fonte: JODI (2022).

Outro trabalho da dupla é Geo Goo, do ano de 2008, que usa referência do Google Street View para criar imagens. Segundo Bulhões (2021, p. 73), “O trabalho possibilita uma reflexão sobre as relações de construção de representação e as diferenças entre o mundo físico e o mundo geopolítico a partir da internet.”

Outra obra muito conhecida e importante na história da web arte é o site “My Boyfriend Came Back From the War” (1996), da artista

rusa Olya Lialina. Conforme descrito por Bulhões (2021, p. 30), a obra “apresenta a história de dois amantes que se reúnem após um conflito militar.” A navegação se dá a partir de links, por meio dos quais o usuário interage com o site: a cada clique, textos e imagens são apresentados. A intenção é que, cada vez que o internauta clique nos hiperlinks, reconstrua uma nova narrativa. Desse modo, o hipertexto, nessa obra, serve como desfecho e percurso das multiplicidades da história. Além disso, a estética do site traz as cores preto e branco, referenciando o cinema clássico (BEM WEB ARTE, 2021).

Passando para trabalhos mais atuais, Tumba (2020), das artistas brasileiras Paula Trojany e Garu, foi criado no contexto da pandemia de COVID-19. Desenvolvida em um ambiente virtual 3D, a obra explora as angústias que a humanidade enfrenta, como o luto, a volta da ancestralidade e a morte como estado de transição e superação do corpo, questionando também o extermínio de comunidades brasileiras, como das populações negras, indígenas, periféricas e trans, que muito antes da pandemia já lutavam pela sobrevivência dos seus corpos (BEM WEB ARTE, 2021).

Partindo do mesmo contexto, destaca-se a obra InMemoriam, criada entre 2020 e 2021, pelo Grupo Realidades, composto por artistas e pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP). Essa obra lida com a exibição de dados das pessoas atingidas por esse longo e devastador período de pandemia, prestando homenagem às vítimas e construindo, através dela, sua crítica aos direitos institucionais brasileiros, representados, na página do projeto, pela seção dos direitos e garantias fundamentais da Constituição Federal Brasileira.

Figura 2 - Tela inicial da obra InMemoriam



Fonte: InMemoriam (2022).

Minus (2021) é uma obra de web arte usada como rede social, criada pelo norte-americano Ben Grosser, onde usuários têm um limite de 100 mensagens para serem postadas até o fim de suas vidas, trazendo um questionamento acerca da quantidade de conteúdos postados diariamente pelos usuários da internet nessas plataformas de socialização. A página, inclusive, curiosamente não exibe número de visualizações, curtidas e seguidores.

A obra *Female Extension* (1997), da alemã Cornelia Sollfrank, questiona o lugar das mulheres nos circuitos das artes, criando perfis fakes para inscrições em eventos de arte que, na sua maioria, são preenchidas por homens. A artista utilizou um programa de computador que criava conteúdos extraídos da própria rede para as intervenções artísticas.

[...] se constituiu na inscrição de mais de 200 supostas artistas da rede para a participação em um concurso de web arte, cada uma com diferentes nomes, nacionalidades, e-mails e trabalhos submetidos. Cabe contextualizar que este não seria qualquer concurso, mas, sim, o primeiro concurso de gênero no mundo, organizado pelo Museu de Arte de Hamburgo, na Alemanha. O concurso tinha o apoio da revista alemã *Der Spiegel* e da empresa Philips e o seu nome era “Extensão”, de onde o título da ação se deriva. Cabe situar que no final dos anos 1990, a criação para a rede Internet seria uma novidade capaz de sensibilizar especialistas e o sistema de arte, surgindo algumas sugestões: como inseri-la no mercado? Como expor? Qual seu público? Quem são seus realizadores? (NUNES, 2016, p. 106)

Todas essas perguntas permitem vislumbrar o cenário de desigualdade de gênero enfrentado pelas mulheres no ramo não só da web arte, mas também no das ciências exatas e tecnológicas, onde muitas se identificavam para a escolha da formação acadêmica e da atuação profissional, resistindo a uma lógica machista secularmente construída. Conforme Schiebinger (2001, apud SCHWARTS, 2006, p. 24), “subjetividade, cooperação, sentimento e empatia” subestimam o caráter tido como feminino, condenando mulheres a escolherem profissões, projetos e artes que pareçam não priorizar o raciocínio lógico, a exatidão, a sistematicidade. No contexto histórico da arte

em específico, Machado (2009 apud OAKIM, 2015, p. 45) coloca que “no romantismo, a arte passou a se referir à subjetividade e à vida interior, enquanto a técnica passou a ser percebida como mecânica e objetiva”. Depreende-se dessa dicotomia simplista que a sinergia entre arte e técnica seria incompreendida e mal interpretada.

A exemplo das produções citadas, é possível perceber que esse tipo de proposta de web arte não se limita apenas a um senso estético, como toda arte, aliás, mas carrega também sentido político, subversivo e questionador. Cabe observar também que, como a internet vive em constantes atualizações e mudanças, algumas obras sofrem limitações técnicas devido à indisponibilidade de uso em um dispositivo móvel, ou por não ter recursos no computador para a visualização da produção.

Um exemplo disso é a criação *rache12.com*, da dupla de artistas brasileiros Rachelmauricio Castro, que não pode ser mais vista nos navegadores devido à descontinuidade do plugin Flash. A ferramenta, que permitia a criação de conteúdos interativos e animações, existiu por mais de 20 anos, porém teve sua disponibilidade retirada dos navegadores no ano de 2020 (FALAS DA WEB ARTE NO BRASIL, 2022).

A BIBLIOTECA P5.JS

O *p5.js* é um framework, uma biblioteca que possui funcionalidades para a programação dentro da web, e se desenvolve a partir de um projeto chamado Processing:

O Processing surgiu no Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT) em 2001. Ele foi criado por Casey Reas e Ben Fry, na época alunos de doutorado da instituição, com o objetivo de facilitar a programação de designer e artistas visuais. No Processing, computação e arte se encontram de uma maneira diferente do que havia acontecido anteriormente, pois não se trata de uma linguagem de programação comum. É uma linguagem concebida especificamente para as

artes visuais. Assim como diferentes materiais possibilitam diferentes resultados artísticos na escultura, na pintura ou na música, também na arte computacional diferentes linguagens de programação permitem diferentes resultados estéticos (REAS; MCWILLIAMS, 2010, apud OAKIM, 2015, p. 14).

No ano de 2012, surgiu o Processing Foundation, que possibilitou a ampliação da linguagem Processing à linguagem JavaScript. Como menciona Oakim (2015), o projeto oferece suporte e incentivo financeiro para extensão da linguagem, com a intenção de promover a alfabetização em programação dentro das artes visuais e no campo da tecnologia. Segundo o site da fundação, sua missão é

[...] promover a alfabetização de software nas artes visuais e a alfabetização visual nos campos relacionados à tecnologia – e tornar esses campos acessíveis a diversas comunidades. Nosso objetivo é capacitar pessoas de todos os interesses e origens para aprender a programar e fazer trabalhos criativos com código, especialmente aqueles que, de outra forma, não teriam acesso a essas ferramentas e recursos (PROCESSING FOUNDATION, 2022, tradução nossa).

A biblioteca foi criada a partir do questionamento de como seria o Processing se estivesse na web, de modo que o objetivo do projeto tem como princípio os mesmos do Processing, ou seja, possibilitar o acesso aos códigos criativos para artistas, designers, educadores e iniciantes (MCCARTHY; REAS; FRY, 2015), mas enquanto o Processing utiliza a base da linguagem de programação Java, o p5.js se desenvolve voltada para a linguagem JavaScript.

Na definição de Flanagan (2013), JavaScript é voltada para programação web, e usada na maioria dos sites e navegadores modernos. Compõe uma tríade para o desenvolvimento das páginas para internet possibilitando o comportamento do site, interagindo com o HTML, que reúne o conteúdo, e ao CSS, que trata da apresentação estética dessas páginas.

HTML, abreviação para linguagem de marcação hipertextual (HyperText Markup Language), é a base para a construção do que se vê nos navegadores da web, organizando

o conteúdo da página e anexando outras extensões a ele, apelidado algumas vezes de “esqueleto”, na forma figurativa de explicar seu funcionamento. Já o CSS (Cascade Style Sheets) é a “roupa” que veste o HTML, possibilitando a estilização de cores, tipografia e formatação de seus elementos.

O p5.js apresenta uma sintaxe bem parecida com o JavaScript, mas proporciona um acesso mais fácil aos recursos do HTML5 adicionando personalizações no código. A primeira versão beta foi lançada em 2014, e atualmente no site do projeto, encontra-se um link para o editor online, no qual qualquer pessoa através do navegador pode criar seus códigos e visualizá-los no próprio browser (MCCARTHY; REAS; FRY, 2015). O uso da biblioteca visa a inclusão para a codificação criativa de artistas, programadores ou iniciantes na área. Elas operam desvios na ordem de como funcionam as linguagens mais tradicionais da programação, ao serem agregadas as artes, sejam elas sonoras, visuais ou textuais.

Assim como acontece em outras linguagens, o p5.js tem comunidades que ajudam com documentação, tutoriais, vídeos, compartilhamento de código fonte, relatos de erros encontrados, discussões e ideias para a linguagem. Comunidades como essas possibilitam a divulgação de novos(as) programadores(as) e instigam a experimentação e a liberdade de criação.

No site OpenProcessing, é possível visualizar trabalhos feitos na sua própria plataforma utilizando os códigos em Processing e p5.js. Nas palavras de Oakim (2015, p. 84), “Na comunidade online OpenProcessing, uma comunidade de artistas, designers e educadores que utilizam Processing, existe uma funcionalidade que permite reutilizar o código de uma outra pessoa.” Isso quer dizer, que dentro das possibilidades do open source ou software livre, é possível um(a) programador(a) utilizar um código que já existe e modificá-lo a partir de outro objetivo.

O site oficial p5js.org é uma comunidade que explora a criação de arte e design com tecnologia e tem como política promover o acesso ao aprendizado e agregar pessoas de todas as identidades e expressões de gênero, orien-

tação sexual, raça, etnia, idioma, neuro-tipo, tamanho, habilidade, classe, religião, cultura, subcultura, opinião política, idade, ocupação e histórico (P5.JS, 2022). No desenvolvimento dos trabalhos, o GitHub, plataforma de hospedagem de código-fonte e arquivos com controle de versão usando o Git, é o principal local onde os códigos são coletados, podendo encontrar documentações e discussões sobre trabalhos realizados.

Outro espaço dentro da internet que serve de referência e aprendizado da biblioteca p5.js é o site e o canal do YouTube The Coding Train, que apresentam conteúdos de vídeos com tutoriais para o aprendizado da codificação criativa, feito por Daniel Shiffman, programador, professor e um dos responsáveis pelo Processing Foundation.

Em 2021, a comunidade abriu submissão de trabalhos vindos do mundo todo, para o Showcase: “The Love Ethic”, baseado na autora bell hooks. Nessas criações, por meio do p5.js, encontra-se uma variedade de interpretações sobre a ética do amor, buscando discutir valores enraizados na justiça social e na acessibilidade, ratificando os objetivos do projeto de ampliar o interesse pela criação de arte com tecnologia, de promover a inclusão e a capacitação das pessoas e de colaborar para o crescimento mútuo dentro da comunidade.

ESTUDO DE CASO – CÁPSULAS SONORAS

Cápsulas Sonoras é uma obra de arte sonora e web arte, idealizada em 2021 pelo SONatório, grupo de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, coordenado por Marina Mapurunga. Na definição do grupo:

Cápsulas Sonoras é uma obra de arte sonora e web arte realizada em um ambiente virtual onde o/a interator/a navega em um espaço em que se depara com cápsulas sonoras de universos paralelos e tempos distintos do Planeta Terra. Este é um trabalho inédito realizado co-

letivamente pelos e pelas integrantes do grupo. Cápsulas Sonoras é inspirada na literatura de ficção científica (Ursula K. Le Guin, Octavia Butler, George Orwell) e em textos de Ailton Krenak (Ideias para adiar o fim do mundo, O amanhã não está à venda e A vida não é útil). As cápsulas são carregadas de memórias afetivas; elas partem de mensagens de nanofios de silício implantados no corpo humano, de gravadores obsoletos ou de gravações de campo de universos paralelos em anos passados e futuros. Que outras configurações da Terra seriam/ são possíveis? Se continuarmos vivendo como estamos, desmatando florestas, poluindo mares, rios e lagoas, criando cada vez mais ambientes e alimentos artificiais, como sobreviveremos? Como podemos adiar o fim do mundo? Estas são algumas das indagações motivadoras para a criação das cápsulas sonoras. Cápsulas Sonoras procuram trazer uma reflexão sobre nosso modo de vida, sobre formas de sobrevivência e resistência (SONATÓRIO, 2021).

Os sons foram produzidos pelos integrantes: Gabriel Amarante, Girlan Tavares, Joanne Labixa, José Brito, Laíse Gaspar, Lina Cirino, Marina Mapurunga, Stephanie Sobral e Victor Brasileiro. Distribuídos nos temas: Relatos – narrativas (gravação de voz), gravação de campo (sons ambientes), abstratos (tema aberto). Coordenado por Marina Mapurunga. Ambientados virtualmente por Daniele Costa. Esses trabalhos são produzidos em um contexto de cápsulas sonoras distribuídas em hiperlinks nas páginas da web arte.

A obra foi construída a partir de três linguagens: a Linguagem de Marcação de Hipertexto (HTML), para a construção de textos, hiperlinks e indexação das outras páginas; a Folha de Estilo em Cascata (CSS), na estilização das páginas e JavaScript, representada pela biblioteca p5.js, indexada no head do HTML, trazendo as possibilidades de ouvir os sons e visualização de elementos gráficos e interativos.

Cápsulas Sonoras baseou sua construção no trabalho chamado SoundViz, disponível no site Openprocessing. Segundo Paul (2009, p. 349) “Tecnologias digitais e redes abriram novos espaços para produtores autônomos e para a cultura do “faça-você-mesmo” - por meio do processo de copiar, compartilhar e remixar [...]”.

Ao analisar a página inicial da obra, é possível ver um fundo (background) estrelado que tem possibilidade de velocidade a partir da interação do(a) interlocutor(a) com o mouse, arrastando-o do lado direito da tela para o lado esquerdo. Na parte superior do site, após os títulos, é possível visualizar um botão que se assemelha a um play, que leva o(a) interlocutor(a) à ambientação das “Cápsulas Sonoras”. Nessa mesma página de apresentação, vê-se uma parte textual, descrevendo um pouco do conceito criado pelo grupo SONatório, com links abaixo desse texto, que levam respectivamente a página de créditos, a página do creativecommons e a página oficial do grupo.

Figura 3 – Tela inicial da obra Cápsulas Sonoras



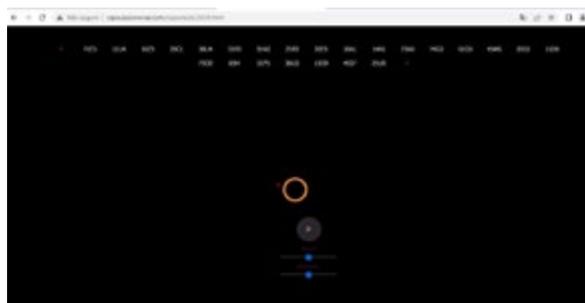
Fonte: Cápsulas Sonoras (2022).

O direcionamento do botão (play) leva à página de interações com hiperlinks, que trazem as cápsulas nomeadas de forma aleatória, mas que carregam uma ordem numérica de 1 a 24 dentro do HTML, e pode ser observada também na URL, nome que se dá ao conjunto de caracteres que guia a página no navegador. A interação do(a) usuário(a) com as cápsulas se dá através de controles (inputs) de volume e velocidade, que interferem na configuração dos efeitos de som e efeitos visuais.

Nos efeitos visuais, foram usadas formas como: linha, ponto, retângulo e círculo, que nas propriedades da biblioteca p5.js representam line (x1, y1, x2, y2), point (x, y, [z]), rect (x, y, w, [h], [tl], [tr], [br], [bl]) e ellipse (x, y, w, [h]). (P5.JS, 2022). Em relação às cores, foram determinadas por escolha de cada participante do som ou do web artista, a partir de uma paleta pré-definida em hexadecimal dentro

do código, no qual cada forma se encaixa em uma cor.

Figura 4 – Tela de apresentação das “Cápsulas Sonoras”



Fonte: Cápsulas Sonoras (2022)

A idealização dos inputs do tipo range faz com que os usuários interajam além do evento clicar no play, e possam ter uma interação de poder aumentar ou diminuir os sons e gráficos na navegação dessa web arte. Analisando um pouco mais dessa relação entre artista e usuário, Kluszczynki (2009, p.233) descreve que

[...] A tarefa do artista é agora a criação desse artefato: um sistema/como seu significado. O receptor não é mais um simples intérprete do significado pronto que espera pela compreensão, ou um sujeito que percebe uma obra de arte material finalizada; é de sua atividade e criatividade que depende a estrutura da experiência estética renovada. Portanto, reafirmemos que tanto a estrutura do trabalho como os significados evocados são cocriados pelo receptor, que se torna assim um cocriador.

As outras páginas que compõem a obra são as partes que apresentam a produção e cooperação dos envolvidos na divulgação do projeto e a parte de créditos com todos os nomes dos participantes.

Figura 5 – Tela de apresentação da produção e cooperação do projeto Cápsulas Sonoras



Fonte: Cápsulas Sonoras (2022).

RESULTADO E DISCUSSÃO

A obra descrita foi apresentada no festival *topia, evento online que ocorreu entre os dias 13 e 27 de novembro de 2021, e exibiu trabalhos e debates de artistas de Alemanha, Brasil, Inglaterra e Turquia. Um dos grupos artísticos escolhidos foi o SONatório, com Cápsulas Sonoras. A disponibilização do site e a apresentação em vídeo de sua manipulação, assim como a entrevista com seus criadores no ano de 2021, exibida no dia do festival, podem ser visualizados nos links que se encontram nas referências deste artigo, tal como o vídeo do festival completo.

O grupo SONatório visa promover reflexões nos processos criativos envolvendo experimentações sonoras e audiovisuais, além de desenvolver oficinas de som para a comunidade do Recôncavo Baiano. A obra aqui mencionada é a primeira no gênero web arte realizada pelo grupo, porém, na área de artes digitais e tecnologia, encontram-se outros projetos dos participantes, como no álbum digital Pandemix Vol. 1 e Vol. 2 (2020), e em trabalhos com a OlapSo – Orquestra de Laptop do SONatório, em A Voz do Brasil (2016), Passagens (2016) e Memória err0 (2017), entre outros.

É possível observar que a World Wide Web

pode funcionar como um amplo espaço ubíquo de informação, mídias, socialização, bem como de criação artística, a chamada web arte. Projetos dessa natureza propõem reflexão acerca dessa produção que pertence ao ciberespaço tanto quanto outros materiais estéticos, políticos, educativos, incidindo, muitas vezes, sobre todos eles, ao questionar as práticas, os costumes e os padrões sociais ou ao apresentar de perspectivas diferenciadas os dilemas contemporâneos, como aqueles intensificados durante a mais recente pandemia pela qual o mundo passou nos últimos anos.

Destacam-se, nesse panorama, as linguagens para programação criativa, que utilizam a web para possibilitar projetos artísticos, como a biblioteca p5.js, que apresenta uma interdisciplinaridade entre arte e codificação e um ensino mais lúdico e acessível em projetos para internet, fomentando conhecimento, expertise e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet oferece variados meios de comunicação, produção e socialização, essenciais, desde sua invenção, para as sociedades globalizadas, fato evidenciado durante os tempos sombrios de distanciamento social e de enfrentamento da insegurança mundial na pandemia de COVID-19. Proliferaram, nesse ínterim, os serviços de informação, cultura e entretenimento, e, nesse conjunto, as obras de web arte que permitiram aos artistas e aos desenvolvedores prosseguirem em seus projetos criativos ou mesmo iniciá-los motivados pelo novo cenário.

O escopo nesta pesquisa é ressaltar que tais trabalhos em web arte mostram que o campo da computação oferta inúmeras possibilidades gratuitas e colaborativas para que artistas desenvolvam suas poéticas, por meio de possibilidades tecnológicas abertas a exploração, para, por exem-

plo, resgatar a memória e ponderar sobre o futuro.

O estudo de caso da obra de web arte Cápsulas Sonoras abordou seu processo criativo, realizado coletivamente pelo SO-Natório durante a pandemia. As perspectivas futuras do grupo voltam-se, passado esse momento, às reuniões presenciais e

à continuação dos projetos orientados à performance, estudos sonoros e outras possibilidades colocadas pelos seus integrantes no decorrer dos encontros. Um aspecto importante do grupo é sempre voltar-se para pesquisas e temas contemporâneos agregando artes e tecnologia.

REFERÊNCIAS

BULHÕES, Maria Amélia. **Web arte e poéticas do território [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: Zouk, 2021.

CÁPSULAS SONORAS. **Cápsulas Sonoras**. Disponível em: <https://capsulassonoras.com/>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

EDITOR P5.JS. **Editor p5.js**. Disponível em: <https://editor.p5js.org/>. Acesso em: 22 de março de 2022.

FABIOFON[dot]COM. **Bem Web Arte** [Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UrAdj-kmKII&list=PLyKe8JvKHSUq8NYHUwfRXTDUZhSi2V3bO>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

FABIOFON[dot]COM. **Falas da Web Arte no Brasil** [Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLyKe8JvKHSUowgufOyesEZBAUjtTzm0Sd>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

FLANAGAN, David. **JavaScript: o guia definitivo**. Tradução de João Eduardo Nóbrega Tortello, 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GEO GOO. **Geo Goo**. Disponível em: <https://www.geogoo.net/>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

INMEMORIAM. **InMemoriam**. Disponível em: <https://emmeio13.medialab.unb.br/inmemorian/>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

JODI. **JODI**. Disponível em: <http://www.jodi.org/> [Site]. Acesso em: 23 de março de 2022.

KLUSZCZYNSKI, R. W. Do filme à arte interativa: transformações na artemídia. In: Domingues, Diana (Org.). Tradução de Flávia Gisele Saretta et al., tradutores. **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 219-237.

LEÃO, Lucia. Uma cartografia das poéticas do ciberespaço. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Vol. 3, N° 6, 2004. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/76>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

MCCARTHY, L.; REAS, C.; FRY, B. **Make: Getting Started with p5.js**. Published by Maker Media. San Francisco, 2015.

MINUS. **Minus – Rede Social**. Disponível em: <https://minus.social/>. Acesso em: 24 de abril de 2022.

MY BOYFRIEND CAME BACK FROM THE WAR. **My Boyfriend Came Back From the War**. [Site]. Disponível em: <http://myboyfriendcamebackfromth.ewar.ru>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

NUNES, F. O. **Mentira de artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo**.

São Paulo: Cosmogonias Elétricas, 2016.

OAKIM, Patricia Bandeira de Mello. **Arte e programação na linguagem Processing**. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Mídias Digitais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18199/>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

SCHWARTZ, J. et al. Mulheres na Informática: quem foram as pioneiras? **Cadernos Pagu** (27), julho-dezembro de 2006: pp.255-278.

SONATÓRIO. **SONatório**. Disponível em: <https://sonatorio.org>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

SOUNDVIZ. **SoundViz**. Disponível em: <https://openprocessing.org/sketch/1011726>. Acesso em 23 de março de 2022.

Showcase. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.** ShowCase.p5js.org/#/. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

OLIVEIRA NUNES, F. (2011). Reflexões sobre a web arte em novos contextos. PORTO ARTE: **Revista De Artes Visuais**, 17(28). Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.18791>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

OPENPROCESSING. **OpenProcessing** [Site]. Disponível em: <https://www.openprocessing.org/>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

P5.JS. **p5.js** [Site]. Disponível em: <https://p5.js.org>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

PAUL, Christiane. O Mito da imaterialidade: apresentar e preservar novas mídias. In: DOMINGUES, Diana (Org.); Flávia Gisele Saretta et al., tradutores. **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 345-366

PROCESSING. **Processing** [Site]. Disponível em: <https://processing.org>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

PROCESSING FOUNDATION. **Processing Foundation** [Site]. Disponível em: <https://processing-foundation.org/>. Acesso em 26 de abril de 2022.

THE CODING TRAIN. **The Coding Train** [Site]. Disponível em: <https://thecodingtrain.com/>. Acesso em 25 de abril de 2022.

The Coding Train. **1.1: Introduction – p5.js Tutorial** [Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8j0UDiN7my4>. Acesso em 20 de outubro de 2022.

TOPIA SOUND ART FESTIVAL. **Topia Sound Art Festival** Disponível em: https://www.dystopie-festival.net/2021_B/. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

TORRES, V. M. HTML e seus Componentes. **Revista Ada Lovelace**, [S. l.], v. 2, p. 99–101, 2018. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/adalovelace/article/view/4652>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

TUMBA. **Tumba – Ambiente virtual 3D**. Disponível em: <https://tumba.hotglue.me/>. Acesso em: 24 de abril de 2022.

Vídeo de exibição da web arte Cápsulas Sonoras – **Sound Capsules**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tjp517VZgGQ&t=7s>. Acesso em: 24 de abril de 2022.

Vídeo do *TOPIA SOUND ART FESTIVAL – **Artists Presentations Cloudtopia II**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2XOrerS604>. Acesso em: 24 de abril de 2022.



Coletivo Novos Cachoeiranos, projeto de extensão desenvolvido no CECULT/UFRB. **Foto:** acervo do site do projeto. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/Impb/projetos-de-extensao/coletivo-novos-cachoeiranos>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A AGROECOLOGIA VIVENCIADA NO MEIO URBANO E NO MEIO RURAL

AGROECOLOGY EXPERIENCED IN URBAN AND RURAL AREAS

Maria Selma dos Santos Silva

Graduada em Tecnologia em Agroecologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
selmasantos@aluno.ufrb.edu.br

Matheus Pires Quintela

Professor/Doutor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
matheus.quintela@ufrb.edu.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência vivenciado na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente da cidade de Cruz das Almas - BA, tendo como objetivo apresentar técnicas e práticas sustentáveis desenvolvidas no meio urbano e no meio rural. A vivência foi realizada no período de 19 de julho a 17 de agosto de 2021. A metodologia foi baseada na aplicação de técnicas de cultivo visando a conservação e práticas sustentáveis do meio ambiente para auxiliar a comunidade urbana e rural. Dentre as práticas podemos citar: cultivo e cuidado de plantas arbóreas destinadas para urbanização, reflorestamento e recuperação de nascentes; implementação de uma horta medicinal com finalidade de levar informação para o agricultor e comunidade em geral sobre a importância do cultivo e uso; reutilização de caixinhas de leite longa vida para produção de mudas; implementação de um SAF (Sistema Agroflorestal); paisagismo em áreas públicas, como a revitalização da área frontal da delegacia da cidade; visita técnica com extensionistas às comunidades rurais para detectar e diagnosticar possíveis problemas como pragas, doenças e mau uso do solo, entre outros problemas. As atividades vivenciadas são de grande importância para formação profissional que poderão colocar em prática técnicas sustentáveis desenvolvidas sob o enfoque da Agroecologia.

Palavras-chave: Horta medicinal. Meio Ambiente. Práticas sustentáveis.

ABSTRACT

The present paper presents an experience at the Department of Agriculture and Environment of the city of Cruz das Almas - BA, aiming to present sustainable techniques and practices developed in urban and rural areas. The experience was held from July 19 to August 17, 2021. The methodology was based on the application of cultivation techniques aimed at the conservation and sustainable practices of the environment to help the urban and rural community. Among the practices we can mention: cultivation and care of tree plants destined for urbanization, reforestation and recovery of springs; implementation of a medicinal garden with the purpose of bringing information to the farmer and the community in general about the importance of cultivation use; reuse of long-life milk cartons for seedling production; implementation of an AFS (Agroforestry System); landscaping in urban public areas, such as the revitalization of the city's precinct front area; technical visit with extensionists to rural communities to detect and diagnose possible problems such as pests, diseases and misuse of soil, and other problems. The activities experienced are of great

importance for professional training that will be able to put into practice sustainable techniques developed under the focus of Agroecology.

Keywords: Medicinal garden. Environment. Sustainable practices.

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado visa relatar as experiências vivenciadas na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente (SEAMA), na cidade de Cruz das Almas - BA, para ser apresentada à disciplina CCA 538 - Vivência e Práticas em Agroecologia. Componente obrigatório e de grande importância para o curso de Tecnologia em Agroecologia, onde os discentes poderão vivenciar as técnicas utilizadas no âmbito profissional, unindo teoria e prática, podendo se preparar para o mercado de trabalho.

As atividades praticadas pela equipe da SEAMA visam melhorias e desenvolvimentos das áreas urbanas e rurais. A experiência aqui vivenciada servirá para podermos nos preparar para o nosso futuro profissional, e como tecnólogos em agroecologia, podermos utilizar as práticas que respeitem a natureza e que não prejudiquem o meio ambiente na totalidade. Para Altieri (2006 p.7), "A Agroecologia oferece conhecimentos e as metodologias necessárias para desenvolver uma agricultura que seja, por um lado, ambientalmente adequada e, por outro, altamente produtiva, socialmente equitativa e economicamente viável". E para a construção básica da agricultura sustentável, os desafios poderão ser superados se forem aplicados os princípios da Agroecologia.

A Agroecologia, além de ter a preocupação ambiental, com a redução dos impactos negativos sobre os recursos naturais, ainda visa o bem-estar social dos envolvidos, tornando-os também responsáveis, pois estabelece que, ao mesmo tempo, em que produzem alimentos e matéria-prima para sua subsistência, conservem o meio em que vivem, contribuindo para a sustentabilidade (GÓIS; GÓIS, 2008).

Na Agroecologia, utilizam-se técnicas que visam impactar o mínimo possível o meio ambiente. A conservação e preservação ambiental são muito importantes para a sobrevivência

de todos os seres do planeta.

Todas as atividades são de grande importância na vivência, principalmente dos extensionistas no momento das visitas técnicas, observam se na propriedade existe algum problema como pragas, doenças e o mau uso do solo, caso encontre algum problema, eles também sugerem solução. Nessa vivência pode-se observar se as técnicas estão de encontro com os princípios agroecológicos, podendo haver intervenção se for solicitada, e assim experimentando como se portar frente a possíveis problemas que poderão encontrar como profissionais.

METODOLOGIA

A vivência foi conduzida na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente do município de Cruz das Almas - BA, no período de 19 de julho a 17 de agosto de 2021. Realizada como requisito da disciplina CCA 538 – Vivência e Práticas em Agroecologia, do curso Tecnólogo em Agroecologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Partes das atividades foram feitas no Departamento de Meio Ambiente e parte no Departamento de Desenvolvimento Rural. Dessa forma, os funcionários dos respectivos Departamentos puderam nos orientar e nos mostrar um pouco de seu trabalho e de suas experiências. Dentre as atividades realizadas estão:

- Cultivo de plantas arbóreas, como a Palmeira-real (*Archontophoenix cunnichamiana*). As mudas ficam sob um telado e recebem todos os cuidados diários a exemplo da rega, limpeza das mudas, onde se é retirada as plantas espontâneas para não interferirem no desenvolvimento da planta principal;
- Paisagismo em áreas públicas da zona urbana, como exemplo a revitalização de

um jardim na área frontal da delegacia da cidade, com plantio de ixora vermelha (*Ixora chinensis*), tomando todos os cuidados para recuperar a grama já existente, colocação da fita de jardinagem para delimitar a área das mudas e fazendo uma cobertura com cascas de pinho, dando o acabamento nessa área;

- Implementação de uma horta medicinal, com sugestão da autora do relato, utilizar o modelo de relógio do corpo humano, como feito na cidade de Putinga-RS de acordo com Veloso; Wermann e Fusiger (2005). Numa área de 9x9 metros, houve o levantamento de 12 leiras no formato similar de fatias de pizza, cada leira possui 2,40m de comprimento, com a largura de 1,50m no topo e 0,40 m na base e altura de 40cm. Tendo um espaço de 0,59 cm entre uma e outra, servindo de rua. O solo local foi misturado com terra vegetal. Ao final, dando origem ao formato de um relógio, sendo que cada leira representa um órgão do corpo humano e onde serão plantadas duas espécies de ervas medicinais que deverão ser utilizadas nos horários específicos para tratar as enfermidades de cada órgão. Com a finalidade de levar informação ao agricultor e comunidade em geral sobre a importância do cultivo e consumo das ervas medicinais, servindo de modelo para poderem replicar, caso desejem;
- Reutilização de caixinhas de leite longa vida para produção de mudas, como consta no artigo de Félix (2013), uma sugestão da autora do relato para diminuir o custo com os saquinhos de polietileno e ampliar a vida útil das caixinhas. As caixinhas foram cortadas na parte de cima, higienizadas e furadas antes de colocar a muda;
- Plantio de aipim (*Manihot esculenta*) numa área que será implementada um SAF (Sistema Agroflorestal), plantio de mudas de mastruz (*Dysphania ambrosioides*) que serão transplantadas para a horta medicinal, plantio de sementes de Palmeira-real (*Archontophoenix cunnichamiana*) no viveiro de mudas e plantio de mudas de ixora vermelha (*Ixora chinensis*) no jardim da delegacia da cidade;

- Visita técnica com extensionistas às comunidades rurais para preenchimento de documentos de cadastro, além de detectar e diagnosticar possíveis problemas como pragas, doenças e mau uso do solo.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS DESENVOLVIDAS

As atividades, realizadas pela equipe da SEAMA, foram desempenhadas visando à sustentabilidade ambiental tanto do meio urbano quanto do meio rural, como também o bem-estar dos envolvidos. As atividades foram:

- Cultivo de plantas arbóreas, sendo estas de grande importância para reflorestamento, recuperação de nascentes e sombreamento urbano. Algumas mudas cultivadas na Secretaria são doadas aos produtores rurais, para que eles possam reflorestar e recuperar as nascentes, sendo estas atividades importantes. Segundo Ribeiro et al. (2012), é preciso ter o cuidado com a mata ciliar, e o plantio de mudas de arbóreas, é uma das técnicas indicadas, além de ser bastante eficiente, principalmente se plantadas na época de chuva, para cobrir o solo rápido evitando a erosão e assoreamento das nascentes. E as outras mudas são doadas a comunidade com o intuito de ornamentar e sombrear a cidade, outra atividade importante. As árvores plantadas na zona urbana têm muitas vantagens, pois estas podem diminuir a incidência da luz em mais de 90%, e ainda reduzir a temperatura e a luz direta nas pessoas que andam ou praticam exercícios físicos sob elas (BUCKERIDGE, 2015). Ainda conforme Buckeridge (2015), as árvores através de sua madeira, sequestram o carbono do ambiente, deixando o ar da cidade menos poluído, mais úmido e mais fresco.

Figura 1: Área do viveiro sendo cuidada.



Fonte: Arquivo próprio

- Paisagismo e jardinagem - O setor de Gestão Ambiental cuida para que a cidade fique mais agradável, e bonita. Foi feita a revitalização na área externa da Delegacia da cidade. O paisagismo melhora a qualidade ambiental e contribui para diminuir as temperaturas, a erosão, como pode aumentar a umidade e retenção de água (GENGO; HENKES, 2013). O autor ainda cita a importância do verde no meio urbano, que não importa o tamanho do espaço, mas que é possível integrar o homem e o meio ambiente.

Figura 2: Revitalização do jardim da delegacia de Cruz das Almas - BA.



Fonte: Arquivo próprio

- Implementação de uma Horta medicinal - Como modelo da horta foi sugerido pela autora o modelo do “Relógio do corpo humano” - a equipe da SEAMA, estava com um projeto para implementar uma horta medicinal, e aceitou a sugestão. Esse modelo é feito a partir de uma técnica chinesa em que cultivam as plantas medicinais em cada parte (leira) do relógio, representando cada parte do corpo humano, utilizado em horário específico do dia, ajudando a combater as enfermidades de cada órgão (VELOSO; WERMANN; FUSIGER, 2005). Cada órgão absorve melhor o princípio ativo das ervas nos horários específicos.

Figura 3: Horta medicinal (Relógio do Corpo Humano)



Fonte: Arquivo próprio

- Reutilização de caixinha de leite longa vida (sugestão da autora) - as caixinhas de leite longa vida, que poderiam ir para o lixo, foram reaproveitadas. Felix (2013), menciona que através da educação socioambiental pode deixar de descartar alguns resíduos, como a caixinha de leite, podendo servir para produção de mudas. A utilização das caixinhas diminui o custo com os saquinhos de polietileno, o que já gera uma economia para os agricultores.

- Plantio de culturas como o aipim (Manihot esculenta) na área que está iniciando um SAF. Nessa área já foram plantadas espécies como milho (Zea mays), mamão (Carica papaya), quiabo (Abelmoschus esculentus), jiló (Gilo

Group), tomate (*Solanum lycopersicum*), rabanete (*Raphanus sativus* L) entre outras. O sistema agroflorestal é uma prática agroecológica, pois além de utilizar técnicas como a consorciação de culturas, ainda tem um melhor aproveitamento da área. Nesse sistema, o produtor além de ter retorno financeiro, ainda aumenta a matéria orgânica do solo, gerando vários benefícios para o mesmo (COSTA, 2018). Toda produção cultivada na SEAMA, é destinada para doação. Ainda teve o plantio de semente de palmeira real (*Archontophoenix cunnichamiana*) e mastruz (*Dysphania ambrosioides*) na área do viveiro de mudas.

Figura 4: Área do SAF, plantio de aipim e cultivo de quiabo.



Fonte: Arquivo próprio.

- Visita técnica extensionista - os extensionistas têm um papel muito importante, servindo de mediador entre o agricultor e órgão para quem trabalha. O Ater (Assistente Técnico em Extensão Rural) é o profissional que auxilia os agricultores a utilizar técnicas e práticas que sejam eficientes na produção agropecuária

(CASTRO; PEREIRA, 1990). Os extensionista da SEAMA em suas visitas nas técnicas, cadastram, ouvem os agricultores, e visitam a área de produção tentando detectar alguma praga ou doença, e como está feito o manejo do solo. Eles tentam solucionar os problemas de modo que os agricultores tenham uma melhor produção e melhorar sua qualidade de vida. Em uma das propriedades visitadas foi detectada a presença da mosca negra dos citros (*Aleurocanthus woglumi* Ashby) na produção de limão (*Citrus limon*), causando fumagina. Essas são pragas que causam grande preocupação aos produtores, pois comprometem a produção, mas também foi detectada a presença da *Aschersonia* (*Aschersonia aleyrodis*). De acordo com Mendonça et al. (2015), a *Aschersonia* é o predador da mosca negra, fazendo assim um controle biológico, porém se o agricultor utilizar agrotóxico, compromete a eficiência desse controle, acabando com o predador.

Figura 5: Visita técnica de extensão rural.



Fonte: Arquivo próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades praticadas durante o período de vivência contribuíram para ampliar os conhecimentos adquiridos no curso de Tecnologia em Agroecologia. Nas atividades que nos foi possível realizar alguma intervenção ou sugestão, principalmente na reutilização das caixinhas

de leite longa vida e na implementação da horta medicinal com o modelo de relógio do corpo humano, foram muito bem aceitas por todos da SEAMA. Isso serviu para ser possível colocar em prática nossa experiência, nos preparando para a vida profissional como Tecnólogo em Agroecologia.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI. O desenvolvimento rural como forma de aplicação dos direitos no campo: Princípios e tecnologias** (MOURA, E.G. e AGUIAR, A. C. F., São Luís, UEMA, 2006. pp. 83 – 99). Brasília, 11 de novembro de 2006. Disponível em: <http://reformaagrariaemdadosorg.br>. Acesso em 15 Ago. 2021.
- BUCKERIDGE, M.S. Árvores urbanas em São Paulo: planejamento, economia e água. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 85-101, 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142015000200006> > DOI: 10.1590/S0103-40142015000200006.
- CASTRO, C. N.de; PEREIRA, C. N. Agricultura familiar, assistência técnica e extensão rural e a política de Ater. **Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.**- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990.
- COSTA, A. C. **Uso de sistemas agroflorestais na recuperação de áreas degradadas.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Paraná. Curitiba - PR, 2018.
- FELIX, R. A. Z. UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS NA GERMINAÇÃO DE SEMENTES. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 25, 2013. DOI: 10.14295/re-mea. v25i0.3511. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/re-mea/article/view/3511>. Acesso em: 8 set. 2021.
- GENGO, R. C.; HENKES, J. A. A utilização do paisagismo como ferramenta na preservação e melhoria ambiental em área urbana. **R. gest. sust. ambient.**, Florianópolis, v.1, n. 2, p.55 - 81, out. 2012/mar 2013.
- GOIS, J. F. de; GÓIS, P. H. Agroecologia: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável. **Synergismus scyentifica UTFPR**, Pato Branco, 03 (1) . 2008
- MENDONÇA, M. C.; OLIVEIRA, D. M.; SANTOS, T. S.; SILVA, L. M. S.; TEODORO, A. V. Manejo fitossanitário da mosca-negra-dos-citros *Aleurocanthus woglumi* em Sergipe. **Comunicado técnico.** Embrapa. Aracaju - SE, dez. 2015.
- RIBEIRO, P. R. C. C.; RIBEIRO, J. J.; SANTOS NETO, A. R.; ROCHA, J. R. P.; CORTE, I. S. Métodos de recuperação de mata ciliar como proposta de recuperação de nascentes no cerrado. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.8. 15; p. 2012.
- VELOSO, C. C.; WERMANN, A. M.; FUSIGER, T. B. **Relógio do Corpo Humano**, EMATER RS, Putinga/RS. 2005.

PRODUZINDO CULTURA E FORMAÇÃO: RELATO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NA OFICINA DE PRODUÇÃO CULTURAL (FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - UFBA)

PRODUCING CULTURE AND TRAINING: REPORT FROM THE EXPERIENCE AT THE CULTURAL PRODUCTION WORKSHOP (FACULTY OF COMMUNICATION - UFBA)

Leonardo Costa

Professor da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA. E-mail: leocosta@ufba.br

Mateus Anjos

Estudante de Graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, UFBA. E-mail: mateus.anjos0101@gmail.com

Jaiane Eloy

Estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Artes, UFBA. E-mail: jaielloy@gmail.com

Janayna Moradillo

Estudante de Graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, UFBA. E-mail: janaynamoradillo9@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência busca apresentar a ação extensionista da disciplina Oficina de Produção Cultural e discutir alguns dos projetos culminados por ela, a partir da reflexão de conceitos como projeto cultural e financiamento à cultura. A ideia aqui é relacionar tais conceitos, à medida que discutimos os eventos e sua relação com a construção do componente curricular e sua relação com os estudantes que passaram por ela, tendo a extensão como uma etapa fundamental para a formação de futuros produtores culturais.

Palavras-chave: Produção cultural. Planejamento. Financiamento.

ABSTRACT

This experience report seeks to present the extensionist action of the Cultural Production Workshop and discuss some of the projects culminated by it, from the reflection of concepts such as cultural project and funding for culture. The idea here is to relate these concepts, as we discuss the events and their relationship with the construction of the curricular component and its relationship with the students who went through it, having the extension as a fundamental step for the formation of future cultural producers.

Keywords: Cultural production. Planning. Funding.

INTRODUÇÃO

A Oficina de Produção Cultural é um componente curricular obrigatório da graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, vinculado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Oferecido desde o ano de 1996, de forma pioneira no Brasil, o curso propunha tratar dos enlaces entre a comunicação e a cultura na conformação dessa nova área, considerando tanto as relações entre as mídias e a cultura (cultura midiática) quanto das mídias com a cultura dita não midiática (UFBA 1995).

No processo formativo, as Oficinas para o curso de graduação constituem o momento de consolidação das experiências práticas em produção. Essa modalidade foi implementada desde a criação do currículo e teria como resultado final um produto elaborado pelos estudantes, estipulado nas ementas, a partir de conteúdos específicos com a finalidade de, não só aproximar o estudante das possibilidades de linguagens a serem exploradas, como também apresentar metodologias que podem vir a serem aplicadas no mercado de trabalho. Assim, entendendo-se que “quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis” (FREIRE, 2003, p. 11) e, sendo uma ação modificadora da realidade, tais componentes são oferecidos desde os semestres iniciais, buscando romper com uma tradição de segregação entre os conteúdos teóricos e práticos dos cursos de graduação. Nessa modalidade se evidencia o protagonismo do estudante em iniciativas desenvolvidas em um espaço privilegiado para o exercício da aprendizagem e para interação junto à comunidade externa. Desse modo buscamos alinhar a relação do ensino com a extensão.

Compreende-se como extensão a participação em atividades institucionais que permitam a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social, voltadas às comunidades externas, desenvolvidos sob a orientação

de um professor ou responsável.

No curso de Produção em Comunicação e Cultura, a Oficina de Produção Cultural¹ é, sem dúvidas, um dos pontos de culminância das experimentações nesse campo de atuação. Por meio da realização de um Projeto Cultural, pretende-se desenvolver a capacidade dos estudantes de realizar ações culturais na prática, promovendo a iniciação em sua futura área profissional. A disciplina tem uma oferta de, no máximo, 30 vagas, tendo em vista o seu caráter prático. Deste modo, o presente relato tem por objetivo discutir o processo de formação dos futuros produtores nesse componente curricular, a partir do olhar sobre o financiamento à cultura aplicado a uma experiência presencial antes da pandemia de COVID-19: Pocando de Rir (2019.2); e duas remotas realizadas durante o período da pandemia: Quem faz literatura na Bahia (2020.2), e Faz.com/CulturaDigital (2021.2).

Para um projeto acontecer, é preciso dos agentes e, para os agentes se formarem, é necessário entender a produção cultural. Esse debate precisa ser basilar não somente neste componente, mas em todos do curso que dialoguem diretamente com a área. Isso por conta da (ainda presente) dificuldade em entender o setor: (a) por dentro: seja para quem está chegando agora na formação; ou (b) por fora: onde se entende a comunicação além do jornalismo como uma coisa só. Ambas visões vão sendo apresentadas a bibliografias e experiências que ultrapassam noções deslocadas sobre a produção cultural. Assim, nos valem bem quando Linda Rubim (2005, p. 14) a partir de Antonio Gramsci coloca os produtores e gestores culturais como o terceiro tipo de intelectuais: aqueles que organizam a cultura. Deste modo, a produção cultural pode ser entendida como o trabalho no qual se organiza atividades culturais em sua completude e os seus agentes são os profissionais capazes de fazer acontecer tal organização.

A iniciativa de um projeto cultural pode focar uma determinada área artística ou temática, a partir das discussões e deliberações conjuntas.

¹ Vale ressaltar que a disciplina pode ser cursada por outros cursos da UFBA. Citamos aqui outros cursos nos quais já tivemos algum estudante matriculado: Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Dança, Teatro, Música, Administração, Gastronomia e Biotecnologia.

Mas antes de tudo, é preciso consolidar no estudante o que é, diante de tantas variedades e formatações, um projeto cultural. Através das reflexões trazidas na obra “Projetos Culturais – Técnicas de modelagem” do autor brasileiro Hermano Thiry-Cherques, pode-se perceber que um projeto pode ser definido a partir de cinco termos-chave:

Objetivo: um objetivo, um projeto. Essa é uma regra básica. O projeto deve ter um, e somente um, objetivo [...]; Transitório: um projeto tem um ciclo de vida predeterminado, com começo e fim. Extingue-se quando seu objetivo é atingido; Produto: entende-se por “produto” de um projeto qualquer classe de bens, tangíveis ou intangíveis, desde bens materiais até serviços, ou mesmo ideias. Singularidade: um projeto é um empreendimento único, e qualquer alteração de conteúdo ou de contexto corresponde, necessariamente, à modificação do projeto; Complexidade: um projeto é um compósito articulado de ações — as atividades do projeto —, que se dão tanto linearmente quanto em paralelo. Só faz sentido modelar um projeto quando as atividades necessárias para se alcançar o objetivo pretendido não podem ser ordenadas ou avaliadas de imediato. (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 13)

Ainda que seja visível, à primeira vista, uma postura rígida do autor em relação ao objetivo de um projeto, deve-se levar em consideração o cunho exequível de um projeto num espaço delimitado de tempo. Noção essa que é trazida de forma mais flexível para os momentos de debates em sala, visto que os projetos podem ser drasticamente diferentes uns dos outros. O importante, na verdade, é que a percepção enquanto fomentador de culturas seja evidenciada e, que naquele espaço é possível pensar a estrutura de execução e aplicá-la. Assim, entendendo que um projeto cultural é em parte fomento (trazer uma linguagem a luz) e parte organização (saber como essa luz pode ser acendida).

Em relação às temáticas, foram abordadas diferentes linguagens artísticas nos semestres: artes integradas, música, artes cênicas, artes visuais, audiovisual, gastronomia, humor e design. Alguns projetos trouxeram importantes questões identitárias na contemporaneidade, como a cultura LGBTQIA+ e a cultura negra.

Os eventos têm duração variada, sendo realizados de um até 40 dias². A programação costuma ser diversificada, envolvendo ações de difusão, formação e circulação.

De todo modo, independente da linguagem escolhida pelos estudantes, tecer o conhecimento de como é possível organizar um projeto cultural é insuficiente para trazê-lo à vida sem que haja recurso financeiro para arcar com as suas escolhas, seus convidados, estrutura e afins. Sendo assim, um segundo pilar na formação é entender a importância e os tipos de financiamento de um projeto cultural.

Ao longo dos anos, teve-se projetos distintos nos quais as buscas por formas de realizá-los foram igualmente diferentes a partir da disposição dos estudantes em função das oportunidades vigentes no momento, como editais ou financiamento coletivo. É verdade que, por mais brilhante que seja uma ideia de projeto, sua execução dependerá de quanto capital aqueles produtores têm ou poderão ter em mãos. Reflexões como essas estão presentes em bibliografias ofertadas na disciplina, como *Cultura neoliberal: leis de incentivo como política pública de cultura* de Cristiane Garcia Olivieri, que traz logo no seu primeiro capítulo, *Fontes de custeio das produções culturais no Brasil*, a seguinte passagem:

[...] para que se garanta o acesso e a produção da cultura não se pode contar apenas com a receita direta. Ou melhor, não se pode reduzir a produção cultural àquelas sustentáveis pela sua receita direta. Parte dela deverá buscar soluções de financiamento externas à sua própria produção. Estes financiamentos externos são materializados, fundamentalmente, por meio da política cultural do Estado, pela benemerência dos amantes das artes, ou pelos patrocínios efetivados em função do marketing cultural. (OLIVIERI, 2004, p. 29)

A partir do trecho, toma-se que quando se pensa em efetivar qualquer tipo de projeto cultural, precisa-se ter em mente as diferentes formas dele ser financiado, já que nem sempre se pode contar somente com a receita direta. E para além disto, é entendendo o mecanismo desta tarefa fundamental que os novíços produtores começam a pensar na sua própria

² Tal como ocorreu num evento que teve exposições na área das artes visuais.

receita e como chegar aos agentes financiadores. Assim, implementando estratégias para movimentar o setor. A partir desses dois conceitos, podemos partir para entender as atualizações dentro da disciplina e suas implicações na vida profissional daqueles que passaram por ela.

METODOLOGIA: FERRAMENTAS, ATUALIZAÇÕES E ADAPTAÇÕES AO LONGO DA INSERÇÃO DO CENÁRIO PANDÊMICO

Uma disciplina que acontece há décadas precisa de adaptações e atualizações quanto às ferramentas que utilizam, visto que o próprio mercado da produção cultural esteve crescendo e se complexificando mais. Sendo assim, com o passar do tempo, novidades foram trazidas pelos estudantes e pelo próprio professor do componente. Desde a criação de grupos de e-mail até a criação de grupos no Facebook, foram testadas diversas plataformas e mídias sociais nas quais os estudantes estivessem mais conectados naquele momento. A partir do primeiro semestre de 2013, com o projeto “Circolando”, outras ferramentas online foram adotadas para a gestão dos processos na disciplina. Foi criado um modelo de planejamento, contendo um Plano de Ação e um Orçamento, a ser preenchido ao longo do semestre. Esse modelo foi feito em planilhas do Google Drive³, facilitando o acesso remoto e simultâneo aos estudantes.

Parte da avaliação do semestre também começou a ser realizada no Google Drive, desta vez com a criação de um formulário. Além dos relatórios por equipe, no qual cada grupo precisa descrever e analisar as ações e tomadas de decisão realizadas no semestre, foi introduzido uma avaliação individual em formulário específico, no qual através de perguntas fechadas e abertas são avaliadas a performance do estudante e dos diferentes grupos. O instru-

mento também visa obter a avaliação dos estudantes quanto à metodologia empregada na disciplina, a fim de auxiliar na reflexão docente e na possível atualização dos conteúdos.

No primeiro semestre de 2017 o Trello⁴ foi incluído no planejamento do projeto. Sem descartar o Google Drive, o Trello auxiliou o gerenciamento dos projetos, tendo em vista as funcionalidades oferecidas pela ferramenta. Um exemplo é a criação do quadro geral, em que cada equipe aparece em uma lista, nas quais são enumeradas ações diversas, a serem criadas e alteradas a depender das demandas da fase do planejamento. Nas ações, é possível criar check-lists, determinar prazos, marcar os responsáveis - que serão notificados automaticamente pelo aplicativo, bem como anexar arquivos, fazer comentários, dentre outras funções. No segundo semestre de 2018, foi adotado o Google Classroom para a gestão da comunicação, bem como para o ordenamento do calendário e dos textos acadêmicos que são discutidos ao longo do semestre.

Como já foi mencionado, os estudantes são divididos em equipes, desde a pré-produção até a pós-produção dos projetos. A equipe de coordenação pode ser destacada ou colegiada, composta pelos coordenadores das outras equipes; de comunicação; de captação e administração financeira; e de produção de cada área do projeto, o que normalmente varia em cada semestre. Como a proposta é criada pelos próprios estudantes a cada novo semestre, não temos como prever quais serão as equipes e possíveis divisões antes de iniciar o trabalho de forma coletiva.

A fim de subsidiar o processo de construção, são abordados em aulas expositivas o processo de elaboração de uma ação cultural; o financiamento à cultura no Brasil; bem como são apresentados todos os projetos já realizados nesta disciplina desde o ano de 2004. Por fim, é feito um brainstorm sobre o que cada um gostaria de realizar ou teria maior afinidade para construção, a fim de discutir qual seria o projeto cultural que os estudantes gostariam de propor e executar no semestre corrente.

³ Nuvem de arquivos do Google, espaço para armazenar arquivos digitalizados. Disponível em: <https://drive.google.com/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

⁴ Ferramenta de gestão de equipes online. Disponível em: <https://trello.com/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

A partir das propostas individuais, vão se formando pequenos grupos para burilar possíveis propostas, no intuito de estimular uma construção coletiva. Após a apresentação desse conjunto de propostas busca-se, através do diálogo e da sustentação de argumentos e ideias, um consenso sobre qual será o projeto que iremos seguir. Dada esta reflexão, os projetos a seguir foram escolhidos para comparar as formas de financiamento em cenários distintos.

POCANDO DE RIR

A idealização do projeto partiu da iniciativa da turma de 2019.2 e contou com a realização do Festival Pocando de Rir em três dias, sendo eles 20, 27 e 29 de novembro de 2019. No dia 29, voltado para a produção de conhecimento no tema, tivemos uma roda de conversa sobre mulheres na comédia, trazendo convidadas que atuam na cena e/ou que desenvolvem pesquisas na área. Além disso, oficinas variadas foram organizadas e ministradas por profissionais qualificados.

Nos dias 20 e 27, foi produzido um espetáculo das 19h às 22h. Em ambas sessões, a programação foi iniciada com uma apresentação de comedy queen de Malayka SN, a mestre de cerimônia. Feita a abertura, pequenos shows individuais com artistas mais conhecidos do cenário baiano. Entre as performances, ainda tivemos dois instantes de open mic, para que o público pudesse arriscar seus textos, e um quadro de filas de piadas improvisadas com os comediantes convidados.

A produção teve uma equipe de comunicação que produziu um teaser para divulgação nas mídias sociais, bem como folders, flyers e cartazes e spots para rádio. Também foram criados perfis no Facebook e Instagram, a fim de estabelecer um contato direto com o público. O objetivo deste projeto consistiu na reunião de artistas consagrados pelo público, bem como revelações do gênero, produtores culturais, imprensa, estudiosos de humor, articulando a inserção do gênero no circuito cul-

tural de Salvador. As apresentações, debates e oficinas presentes na programação do festival passaram por uma curadoria com a pretensão de abrir espaços para os novos talentos e para o humor sem ofensas, mostrando as diversas possibilidades inseridas no gênero. O evento conseguiu ser realizado através da captação de recursos por meio do *crowdfunding*⁵, ainda que houvesse a possibilidade de realizá-lo apenas com os recursos do componente.

QUEM FAZ LITERATURA NA BAHIA

O projeto cultural “Quem faz literatura na Bahia” foi o primeiro a ser elaborado totalmente de forma remota por conta do início da pandemia. Realizado no período de 27 a 29 de novembro de 2020, no chamado “Semestre Letivo Suplementar” (SLS), e foi dividido em três lives. Uma para cada eixo de atuação na literatura escolhido pela turma, sendo eles: Prosa ficcional, Poesia e Performance, com duração de uma hora e sendo transmitido através do YouTube, pelo canal da própria Faculdade de Comunicação da UFBA.

Contando com sua divulgação através de redes sociais como o Facebook e o Instagram, onde em ambas as redes o alcance chegou a ultrapassar aproximadamente mais de cinco mil contas, um número bastante expressivo e animador, visto as condições no qual estava sendo realizado, o projeto contou com participações de diversos nomes da literatura baiana correspondente aos eixos temáticos propostos pelos alunos, além dos sorteios de obras literárias relacionadas aos mesmos eixos temáticos.

Diferentemente dos projetos citados anteriormente, este não havia a possibilidade dos estudantes se deslocarem ou transitarem pela cidade livremente, nem para correr atrás de espaços, e ou apoios para o projeto por eles proposto, fazendo com que, naquele momento, o seu meio de fomento/financiamento fosse justamente o recurso destinado para a disciplina.

⁵ Financiamento coletivo através da plataforma Benfeitoria. Disponível em: <https://benfeitoria.com/projeto/pocandoderir?lang=en>. Acesso em: 01 abr. 2022.

FAZ.COM/CULTURADIGITAL

O projeto Faz.com/CulturaDigital é o terceiro produto cultural em formato remoto e parte da iniciativa da turma de 2021.2 do componente curricular Oficina de Produção em Cultura. O festival propôs a discussão acerca das transformações tecnológicas que influenciam a cultura digital inicialmente pensado para ocorrer entre os dias 26 de novembro e 04 de dezembro de 2021. A programação abrangeu mesas, palestra e workshop com nomes renomados do mercado, como o diretor e crítico de cinema Pablo Villaça e a cineasta e youtuber Luisa Clasen, popularmente conhecida como Lully de Verdade. No entanto, pela baixa adesão das programações que tinham inscrição prévia, o evento precisou passar por reajustes, como o cancelamento do “Memeando” - que seria o primeiro concurso de memes na Bahia. Com isso, o projeto se encerrou antes do previsto, no dia 03 de dezembro de 2021.

Diferente das experiências presenciais, onde a captação de recursos podia acontecer e os estudantes saíam em busca de capital para executar a obra, nas experiências remotas esta atividade sofreu bastante. A impossibilidade de fazer da maneira tradicional e uma ajuda de custo já organizada pela instituição para a disciplina deixaram a turma confortável em não procurar novas possibilidades. Desta forma, o projeto contou com poucos esforços para fazer acontecer financeiramente as ambições daqueles estudantes, que foram diminuindo com o passar do semestre.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os anos nos quais a disciplina de Oficina de Produção em Cultura esteve estritamente presencial, um modo de operação foi sendo construído ao longo dos semestres pelos professores que ela ministrava. A cada período, havia a possibilidade de adaptações, melhorias e inclusões de facilitadores de gestão de projetos culturais. Esse modo de funcionar e de desenvolvimento com os estudantes no decorrer do semestre sofreu alterações a partir da necessidade de acontecer virtualmente nos

últimos anos, alterando a experiência para todos os componentes.

Na Oficina, quando operava presencialmente, havia discussões em salas e produções pelos espaços da cidade. Inclusive, a própria experiência de ir atrás de quem fomentasse o projeto; ou o estudo da locação onde o evento fosse acontecer e como seria distribuído o espaço usado. Ou seja, trabalhava-se com necessidades que estavam relacionadas aquela realidade e preocupações como o tratamento dos convidados no antes e no depois do momento eram fundamentais. Outra questão era o quadro de riscos para o evento cuja composição tinha pontos diferentes daqueles quando os eventos passaram a ser remotos. Era, então, uma experiência muito mais próxima do que tem sido feito na área da produção há muito tempo com algumas adesões, como as ferramentas virtuais, que desde 2011 auxiliam os futuros produtores a potencializar o seu trabalho, não somente em gestão interna, como também na gestão com o público e na própria estratégia de marketing.

Decerto que, além das alterações de natureza na experiência para os estudantes, houve também uma dimensão nova para o público e comunidade artística que esses projetos acessaram. Na cena cultural movimentada de uma cidade como Salvador, cessar essa dinâmica foi duro. Pensar como atrair pessoas foi mais ainda. Dentre os retornos dos participantes nos projetos online em relação àqueles presenciais, o contato humano e a troca espontânea registrou a maior falta para quem participou. Para a disciplina, então, fica responder o questionamento se a retomada cultural trará um hibridismo ou o público anseia por eventos e experiências que possam olhar uns nos olhos dos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o agravamento do estado de pandemia de COVID-19 a partir de março de 2020, a Universidade Federal da Bahia assim como outros espaços tiveram de fechar as suas portas para minimizar as chances do vírus entrar

nas vidas de quem ocupava aquele espaço. A partir daqueles meses, começou-se a pensar o modelo que seria adotado para que as atividades retornassem de alguma forma. A saída encontrada foi o modelo remoto, uma formação bastante diferente e nova para toda uma comunidade de professores e estudantes. Um desafio para ambos.

Poderíamos pensar - com toda resistência ao mundo virtual - que se perderia muito com as experiências dentro da rede. Mas se, como aponta a historiadora Lilia Schwarcz em uma

entrevista dada a CNN Brasil: “a pandemia de coronavírus é o marcador da virada do século XX para o XXI” (CNN, 2020), a vivência do aprendizado online tem trazido algumas novidades a serem aderidas nos próximos momentos e dificuldades que começaram a serem pensadas com um outro olhar, como o financiamento para eventos remotos e as formas de captação de recursos. Um mundo novo no qual os teatros, auditórios e espaços deram lugar ao Zoom e StreamYard; as panfletagens se tornaram compartilhamentos via Instagram e a sala de aula deu lugar ao Google Meet.

REFERÊNCIAS

CNN (Brasil). ‘O século 21 começa nesta pandemia’, diz Lilia Schwarcz. **CNN Brasil**, Brasil, 04 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-seculo-21-comeca-nesta-pandemia-analisa-a-historiadora-lilia-schwarcz/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2003.

OLIVIERI, Cristiane Garcia. **Cultura neoliberal**: leis de incentivo como política pública de cultura. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

RUBIM, Linda. Produção cultural. In: RUBIM, Linda (org.). **Organização e produção da cultura**. Salvador: Edufba, 2005.

THIRY-CHERQUES, Hermano. **Projetos culturais**: técnicas de modelagem. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Faculdade de Comunicação. **Proposta de reforma curricular e de implantação de nova habilitação**. Salvador, 10 de jul. 1995.

CONHECIMENTO INTERCAPS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA (CICAPEF): A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE GRADUANDOS E PROFESSORES CONECTADOS COM A SOCIEDADE ATUAL

INTERCAPS KNOWLEDGE ON PHYSICAL EDUCATION (CICAPEF): THE IMPORTANCE OF EXTENSION FOR THE INITIAL AND CONTINUING EDUCATION OF UNDERGRADUATES AND TEACHERS CONNECTED WITH CURRENT SOCIETY.

Carolina Lopes Severino

Graduanda em Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista do projeto de extensão Conhecimento InterCAps sobre Educação Física (Cicapef). carolinalopes.cls@gmail.com

Lincoln Pinto Barros

Graduando em Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista do projeto de extensão Conhecimento InterCAps sobre Educação Física (Cicapef). lincolnbarros.tst@gmail.com

Marcelo da Cunha Matos

Doutorando em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenador do projeto de extensão Conhecimento InterCAps sobre Educação Física (Cicapef). prof.marcelomatos@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência apresentará o projeto de extensão "Conhecimento InterCAps sobre Educação Física (Cicapef)" que tem como objetivo proporcionar formação inicial e continuada a graduandos e professores de Educação Física atuantes na Educação Básica por meio de cursos que abordam e discutam novas metodologias e novos temas referentes à Educação Física Escolar. As ações do projeto proporcionam uma aproximação desta disciplina escolar com questões mais atualizadas e contextualizadas com a sociedade atual. Tais momentos são realizados por professores atentos às mudanças dentro da Educação Física e sediados, preferencialmente, em Colégios de Aplicação (CAps). Os resultados demonstram que o projeto tem contemplado temas relevantes à área, satisfazendo os cursistas participantes que são compostos, principalmente, por professoras da Rede Pública de Ensino.

Palavras-chaves: Educação Física. Colégios de Aplicação. Formação profissional.

ABSTRACT

This experience report will present the extension project "InterCAps Knowledge on Physical Education (Cicapef)" which aims to provide initial and continuing training to undergraduates and Physical Education teachers working in Basic Education through courses that address and discuss new methodologies and new themes related to School Physical Education. The project's actions

provide an approach to this school subject with more up-to-date and contextualized issues with today's society. Such moments are carried out by teachers attentive to changes within Physical Education and based, preferably, in Colleges of Application (CAps). The results show that the project has covered topics relevant to the area, satisfying the participating course participants, who are composed mainly of teachers from the Public Education Network.

Keywords: Physical Education, Application Schools, Professional qualification.

INTRODUÇÃO

Dentro da disciplina escolar de Educação Física, é possível percebermos inúmeras discussões acerca das denominadas abordagens pedagógicas¹. Essas, inclusive, se fazem muito presentes nas discussões sobre o ensino de educação física, ocupando uma quantidade expressiva de trabalhos acadêmicos da área e influenciando a formação de professores desde o início da década de 1980 (MATOS, 2016).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), as atividades curriculares da educação física escolar estão divididas em três blocos: Conhecimentos sobre o corpo; esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas. Recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (2018) apresentou aprendizagens essenciais para a Educação Física para a Educação Básica. Na Educação Infantil, a BNCC, embora não defina como Educação Física, menciona aprendizagens relacionadas ao corpo. No Ensino Fundamental elenca unidades temáticas importantes, tais como: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas corporais de aventura. O fomento de novas propostas pedagógicas para a abordagem de tais conteúdos no contexto escolar é importante para a formação e qualificação de docentes e futuros professores.

As Universidades, com seu tripé fundante entre ensino, pesquisa e extensão, gozam de autonomia didático-científica (BRASIL, 1988). Gadotti (2017, p.4) defende uma “universidade democrática, comprometida com a problemática da comunidade, fomentadora de transfor-

mações sociais.” Observa-se a importância da extensão universitária, que pode e deve ocupar esse espaço de produção, aproximando o ambiente acadêmico à sociedade.

A extensão contribui para uma formação integral e é importante para promover uma educação de qualidade (COELHO, 2014). Em sua relação universidade-sociedade, a extensão se mostra como uma via de mão-dupla e pode ser vista como instrumento pedagógico, cuja função não é transmitir, unidirecionalmente, o conhecimento da universidade para o público externo. Dessa forma, o presente relato discorrerá sobre os resultados, até o momento, do projeto de extensão “Conhecimento InterCAps sobre Educação Física (Cicapef)”, criado em 2018, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), vinculado ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ).

Concentrado na linha das Ciências Humanas e voltado para a área da Educação, o Cicapef propõe elaborar, divulgar e aplicar cursos de formação inicial e continuada na área da Educação Física Escolar, discutindo e fomentando entre estudantes e professores de Educação Básica novas metodologias e temas da área. Como lócus do projeto, defendemos a importância e a atuação dos Colégios de Aplicação (CAps) como espaços relevantes de intervenção por meio da extensão. O projeto, inicialmente composto apenas por docentes da UERJ, possui, desde 2019, também professoras do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), estabelecendo uma parceria entre ambas as instituições.

Considerando que a extensão é um pilar in-

¹ Contrapondo uma concepção médico-higienista e militar sobre Educação Física, as abordagens pedagógicas são estudos, pensamentos, reflexões apresentadas pelos seus idealizadores, cujos objetivos são descrever o papel da Educação Física na sociedade a partir da década de 80 a luz de estudos sobre Educação, Psicologia, História, Antropologia, Sociologia e Ciências da Saúde.

dissociável da experiência universitária, que a oferta de atividades científicas e de formação inicial e continuada são essenciais para professores e alunos de graduação, entendemos que os CAPs são lugares propícios e diretamente vinculados a esta perspectiva, pois "os colégios devem seu título a esta função: ser um espaço onde os estudantes de cursos de graduação que envolvem didática podem aplicar, numa situação real, os conhecimentos adquiridos em sala de aula" (SANTOMAURO, SCACHETTI & SCAPATICIO, 2012). Afinal, a participação em ações de extensão permite aos estudantes "aumentar seu engajamento social e desenvolver cidadania (...), qualificar-se profissionalmente, tendo, na interação com a sociedade, fonte de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades." (COELHO, 2014).

Além deste público, visamos também contemplar professores já atuantes no mercado de trabalho que desejam participar de uma formação continuada e estarem atentos aos novos olhares sobre a área dentro do campo educacional atual. Em sua página oficial, o CAP-UERJ explicita sua atuação perante a extensão:

constituir-se em campo de formação de estudantes dos cursos de Graduação (...), principalmente daqueles voltados à formação para o magistério da Educação Básica; propor, implementar e divulgar novas metodologias e abordagens para os diferentes níveis de ensino, através do desenvolvimento da pesquisa e da extensão; "promover formação integral a estudantes de educação básica (...); promover formação docente de qualidade, através da reflexão crítica sobre a prática pedagógica, a estrutura curricular e o ensino e o cotidiano escolar; estimular a cultura o conhecimento científico e a produção acadêmica e sua propagação social inclusive através da extensão universitária².

Recentemente, Antunes e Miranda (2017) ratificam o inestimável valor dos Colégios de Apli-

cação no livro lançado sobre a área de Educação Física e sua relação com tais instituições tão necessárias dentro das universidades. Segundo os autores, embora os CAPs sejam campo de estágio curricular para os cursos de licenciatura,

estas escolas foram se transformando em centros de excelência, dada a sua característica de lócus de aplicação dos conhecimentos produzidos no seio das universidades. Assim, destacando-se com ambiente de ensino inovador e de valorização da extensão e pesquisa. Neste sentido, o seu compromisso com a formação inicial e continuada de professores, somados a vontade de contribuir para a transformação da sociedade, se traduz em uma prática real.(ANTUNES & MIRANDA, 2017, p.9)

Num cenário ainda incipiente na oferta de cursos para este público-alvo, o Cicapef busca ocupar esta lacuna no espaço em que está inserido. Os resultados do projeto têm sido expressivos e elucidativos, ensejando perspectivas importantes para o decorrer desta caminhada extensionista.

METODOLOGIA

O projeto possui uma equipe de onze pesquisadores: sete pertencentes ao corpo docente da UERJ, dois da UFRJ e dois bolsistas de extensão. Em quatro anos de atividades, o Cicapef já elaborou dez cursos³, um evento⁴ extensionista e participou de sete eventos acadêmicos⁵. O projeto tem se tornado em um espaço contundente de apresentação, discussão e aplicação de novas metodologias e perspectivas para a Educação Física Escolar. Como local de realização, temos utilizado, preferencialmente, as instalações do CAP-UERJ e do CAP-UFRJ.

Os cursos têm duração de 8 a 15 horas, sendo realizado preferencialmente aos sábados. Embora a maioria deles tenha sido realizada

² Disponível em www.cap.uerj.br, visitado em 7 de agosto de 2022.

³ São eles: Esportes Alternativos (2018), Jogos Indígenas (2019 e 2022), Gênero e Sexualidade na Educação Física Escolar (2019), Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa (2019), Revisão sistemática: princípios básicos (2019), Educação Física na Educação Infantil (2019), Abordagem crítico-superadora na Educação Física: possibilidades pedagógicas (2019), Jogos Africanos e Educação Física Escolar (2019) e Natação mais segura (2020). Ao todo, já passaram pelas ações do Cicapef dez palestrantes, todos vinculados às universidades do Rio de Janeiro.

⁴ Com a necessidade do isolamento pela Covid-19, deflagrada em março de 2020, elaboramos um formato virtual para dar continuidade ao projeto, denominado de "Circuito de Lives: intervenções pedagógicas na Pandemia" (2020).

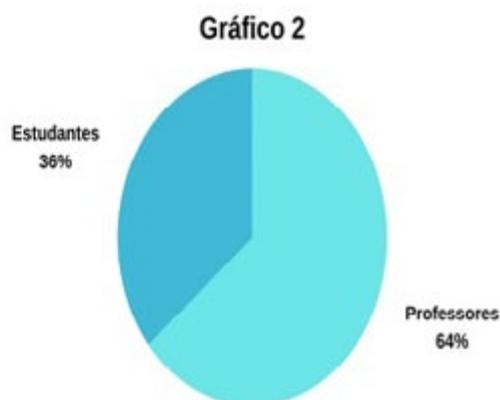
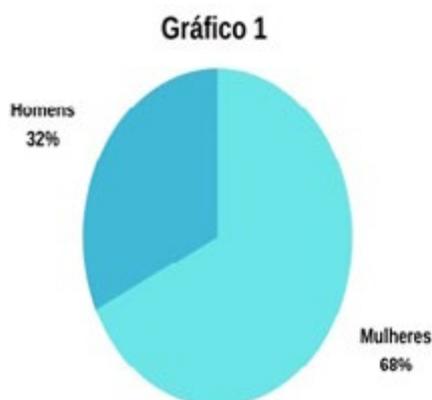
⁵ 28º e 29º UERJ sem muros (2018 e 2019), I Simpósio de Ações de Extensão da Faculdade de Educação da UFRJ (2019), VIII e XI Simpósio de Educação Física e Dança da UFRJ (2019 e 2022), IX Simpósio de Educação Física e Dança da UFRJ (2020) e IX Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (2021).

nas duas universidades fluminenses supracitadas, por já termos estabelecido esta parceria de maneira formal, temos desenvolvido e nos colocado à disposição para implementar ações em outras locais, constituindo pontes importantes com diversas instituições⁶ públicas e privadas. Tais parcerias, embora se constituam, num primeiro momento, em basicamente ceder o espaço físico e materiais específicos ao projeto, promovem também a extrapolação do conhecimento acadêmico para além dos muros da universidade. A convivência com outros espaços físicos e profissionais com as mais diversas experiências e demandas, agregam valor ao valioso campo da extensão.

Para se inscrever no curso, o interessado preenche um formulário eletrônico com dados básicos⁷. A partir das informações, seguem os dados estatísticos a seguir.

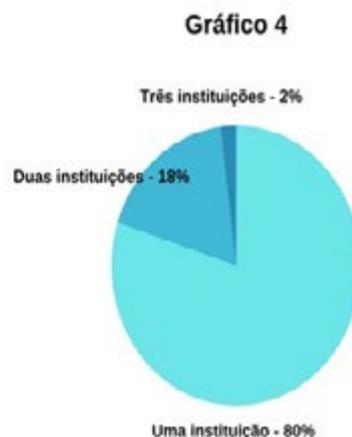
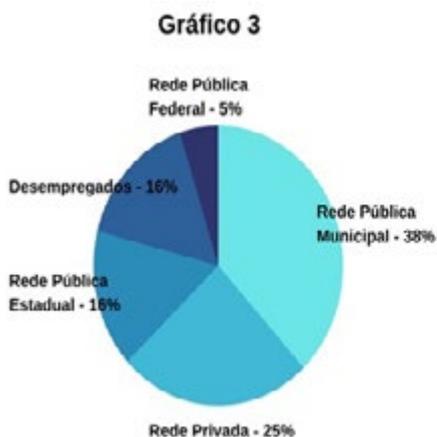
RESULTADOS E DISCUSSÕES

A participação nos cursos é majoritariamente de mulheres. Os professores também costumam ser maioria, em relação aos estudantes de cursos de graduação em Educação Física. As porcentagens são apresentadas nos gráficos 1 e 2.



Aos docentes que preencheram o formulário de inscrição foi perguntado sobre a rede de atuação profissional, como mostra o gráfico 3. A partir dessas informações, aferiu-se também quantos dos inscritos empregados trabalham em uma, duas ou até três instituições de ensino escolar simultaneamente, como ilustrado no gráfico 4.

Já aos estudantes, foi solicitado que revelassem a instituição de ensino superior que estudam (gráfico 5). Além disso, foi perguntado o período da graduação em que se encontravam naquele momento, como mostrado no gráfico 6.



⁶ Destacamos a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e estabelecimentos privados como colégios e academias de ginástica.

⁷ Tais como: nome completo, contato, formação acadêmica, se é professor ou estudante, a rede de ensino em que atua, a universidade e período em que está matriculado e como soube do curso.

Gráfico 5

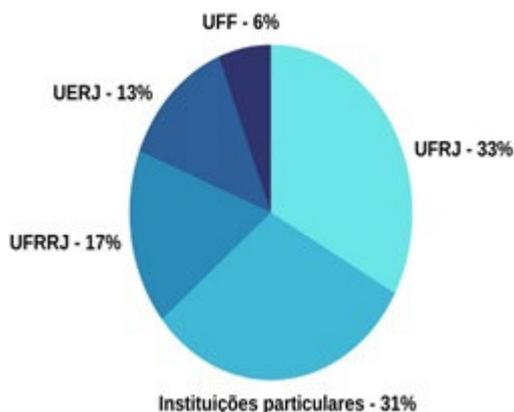
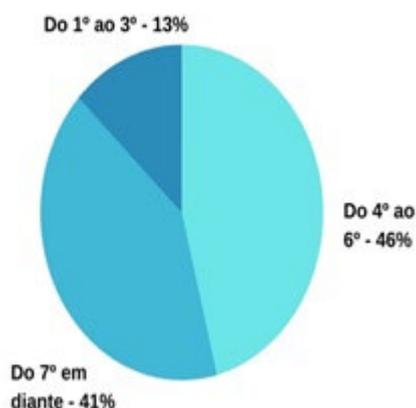


Gráfico 6



Após a conclusão dos cursos, além da certificação, é enviado aos cursistas um questionário de avaliação com perguntas referentes a divulgação do curso, ao espaço físico utilizado, ao material teórico apresentado pelo palestrante, às dinâmicas feitas, sobre o palestrante, se recomendaria o curso a um colega, se compreendeu a proposta do projeto e como ele avaliaria o Cicapef para a área da Educação Física.

A primeira questão, levantada no gráfico 7, foi

no tocante à satisfação com a divulgação dos respectivos cursos. Pelo gráfico 8, mostramos à satisfação em relação ao(s) espaço(s) físico(s) utilizado(s) durante os cursos.

O(s) material(s) usado(s) nos cursos para fins didáticos também foi avaliado pelos participantes, conforme o gráfico 9. A satisfação dos participantes sobre as dinâmicas e atividades práticas realizadas está representada no gráfico 10.

Gráfico 7

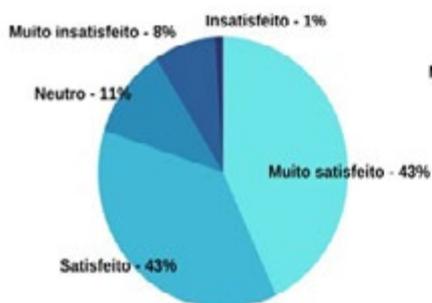


Gráfico 8



Gráfico 9

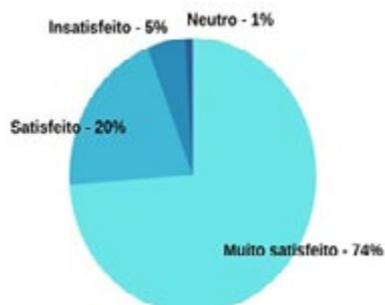
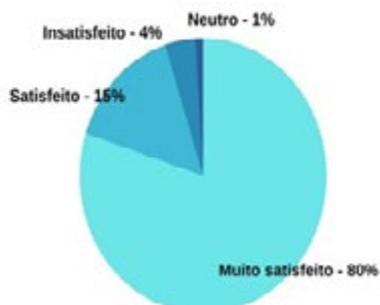


Gráfico 10



É válido destacar que o nível de satisfação dos cursistas em relação ao(s) palestrante(s) foi maior do que 90%. Além disso, a compreensão sobre a proposta do projeto por parte dos participantes foi uma questão também julgada pelos organizadores como importante de ser medida e essa foi igualmente bem avaliada.

Por fim, perguntamos aos cursistas como avaliavam a importância do projeto para a Educação Física. Numa escala de 1 a 5, em que 1 é considerado pouco importante e 5, muito importante, os respondentes assinalaram apenas a alternativa “4” e “5”.

A análise dos dados estatísticos gera um retorno valioso para os organizadores, colocando à luz diferentes perspectivas que possam ora reafirmar alguns dos processos experimentados, ora redirecionar outros deles. Partindo de uma noção colaborativa, pode-se aprimorar ainda mais as intenções do projeto e alcançar de maneira mais exitosa os objetivos desejados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito educacional, em um país que possui lacunas abertas no que tange a formação de professores, entendemos que os projetos de extensão ocupam uma parcela preponderante para as universidades brasileiras. Logo, o Cicapef tem a oportunidade de colaborar com a formação continuada de professores.

Da mesma maneira, entendemos a importância de complementar a formação inicial de graduandos por meio das ações extensionistas, cujos currículos são, de maneira contumaz, aprisionados em grades curriculares pouco atentas às inovações. O projeto, ainda que recente no cenário, tem demonstrado retornos interessantes e robustos que nos fazem seguir adiante. Os temas discutidos nos cursos buscam estar atentos aos sinais atuais da área, uma oportunidade para os cursistas se depararem com novos olhares sobre esta disciplina escolar, ainda muito enraizada numa perspec-

tiva biologizante e esportivista (DARIDO, 2003). Como exemplo, temos a preocupação com temáticas voltadas para uma educação plural, diversificada e menos eurocêntrica⁸. Deste modo, o Cicapef ratifica sua intenção em colocar-se como mais um caminho de formação do estudante e do professor de Educação Física.

Mostra-se imperativo o debate dentro da escola sobre a cultura identitária das minorias⁹. Na Educação Física não é diferente, por ser uma disciplina onde as tensões e conflitos de poder se mostram pelo meio corporal.

Percebemos que a maior procura pelas ações do projeto são de professoras, atuantes na Rede Pública de ensino. Entre os estudantes de Educação Física, recebemos, majoritariamente, graduandos matriculados em universidades públicas que estão na segunda metade da faculdade (a partir do 4º período).

O espaço físico utilizado é outro aspecto a ser refletido. Ainda que este ponto tenha sido bem avaliado em sua maioria, entendemos que os cursistas gostariam de usufruir de instalações mais bem estruturadas. No entanto, esta não é uma questão apenas do projeto. Tal problemática vai ao encontro da maioria das instituições públicas brasileiras. Apenas 27,3%¹⁰ das escolas de todo o país possuem espaço físico para a prática de atividades físicas. De todo modo, temos buscado, e já conseguimos, criar parcerias com instituições privadas, com o intuito de ampliar a possibilidade de termos acesso a uma variedade maior de espaços físicos.

Sobre o material teórico utilizado, ele é de responsabilidade do palestrante e sempre compartilhado com os cursistas ao final do curso. O conteúdo refere-se a uma explanação teórica e, quando necessário, a uma parte prática. É uma prerrogativa do projeto disseminar o conhecimento por meio deste material a todos que participam.

Os dados estatísticos gerados a partir da impressão dos participantes após a realização dos cursos, apontam para um caminho frutí-

⁸ A grande procura pelos cursos sobre Gênero e Sexualidade na Educação Física, a cultura corporal indígena e africana corroboram isso.

⁹ Tais como tais como indígenas, negros e LGBTQIA+.

¹⁰ Dado disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/faltam-instalacoes-esportivas-em-mais-de-70-das-escolas-municipais-do-pais-aponta-ibge.ghtml>. Visitado em 7 de agosto de 2022.

fero e promissor. Decerto, ainda há muito o que aperfeiçoar e, para isso, permaneceremos atentos às demandas e às possibilidades de alinhá-las com os ensejos do projeto.

Continuaremos a oferecer em nossos cursos temas que possam ampliar os horizontes da Educação Física escolar. Acreditamos, dessa maneira, não somente contribuir com estu-

dantes e professores, mas também para gerar tensões sobre as estruturas curriculares que criam, por sua vez, rachaduras para a permeabilização de conteúdos mais diversos e condizentes com a diversidade cultural do nosso país.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. M.; MIRANDA, M. **A Educação Física Escolar em Colégios de Aplicação**: múltiplos olhares. Curitiba: Editora CRV, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, MEC. 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2022.

COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2014.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola**: questões e reflexões. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária**: Para quê? Instituto Paulo Freire, v. 15, p. 1-18, 2017.

MATOS, M. C. Os sentidos de Educação Física na escola e seus impactos na formação do professor. **Revista e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 41-52, 2016.

SANTOMAURO, B.; SCACHETTI, A. L.; SCAPATICIO, M. Colégios de aplicação são ilhas de excelência no Brasil. **Revista Nova Escola**. Março, 2012. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1471/colegios-de-aplicacao-sao-ilhas-de-excelencia-no-brasil>> Acesso em: 7 ago. 2022.

ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO E DIREITOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DO IFRS - CAMPUS RESTINGA¹

ACCESSIBILITY, INCLUSION AND RIGHTS: AN EXPERIENCE OF AN EXTENSION PROJECT OF IFRS - CAMPUS RESTINGA

Helena Patini Lancellotti²

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga. E-mail: helena.lancellotti@restinga.ifrs.edu.br

Steicy Schirmann³

Estudante do curso de Informática do Ensino Médio Integrado do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga. E-mail: steicysilva62@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar um relato de experiência sobre o projeto de extensão “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga. O projeto foi uma parceria com o Comitê Deficiência e Acessibilidade (CODEA) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). O objetivo geral foi propiciar para a comunidade escolar e comunidade externa conhecimentos e reflexões acerca do campo de estudos sobre deficiência através de oficinas virtuais temáticas. Ao todo, foram realizadas seis oficinas virtuais acerca dos estudos sobre deficiência e suas interlocuções com as relações de gênero e sexualidade, raça e etnicidade, autismo e educação e movimento social das pessoas com deficiência. Como resultado, destacamos o grande alcance das oficinas, propiciando uma formação para fora dos muros da escola e da academia. Para concluir, destacamos a importância de projetos acerca dessa temática na constituição de uma sociedade mais plural, menos excludente e mais diversa.

Palavras-chave: Estudos sobre Deficiência. Diversidade. Educação.

ABSTRACT

The objective of the present work is to bring an experience report on the extension project "Accessibility, inclusion and rights: Reflections from disabilities studies" of the Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Restinga. The project was a partnership with the Disability and Accessibility Committee (CODEA) of the

¹ O projeto possuiu recurso do Edital de Ações Afirmativas do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e do Auxílio Institucional às ações de extensão 2021 do IFRS – Campus Restinga.

² Coordenadora do Projeto de Extensão “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga

³ Bolsista do Projeto “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga

Brazilian Association of Anthropology (ABA). The general objective was to provide the school community and the external community with knowledge and reflections about the field of disability studies through thematic virtual workshops. In all, six virtual workshops were held on disability studies and their interlocutions with gender and sexuality, race and ethnicity, autism and education and the social movement of people with disabilities. As a result, we highlight the great reach of the workshops, providing training outside the walls of the school and the academy. To conclude, we highlight the importance of projects on this theme in the constitution of a more plural, less excluding and a more diverse society.

Keywords: Disability Studies. Diversity. Education

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é apresentar um relato de experiência do projeto “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga⁴. O projeto foi uma parceria com o Comitê Deficiência e Acessibilidade (CODEA) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Teve início em julho de 2021 e finalização em janeiro de 2022. Possuiu recurso financeiro do edital de Ações Afirmativas do IFRS e contou com duas bolsistas⁵, ambas estudantes do Ensino Médio Integrado.

O objetivo geral do projeto foi propiciar para a comunidade escolar e comunidade externa conhecimentos e reflexões acerca do campo de estudos sobre deficiência através de oficinas virtuais temáticas. As ações e projetos de extensão, de maneira geral, objetivam a construção de um diálogo entre instituições educacionais e a comunidade externa, contribuindo para o compartilhamento de saberes, buscando também melhorias para a sociedade como um todo. Conforme a Política de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)⁶, a extensão é um:

[...] processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre as instituições, os segmentos sociais e o mundo do trabalho, com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, visando ao desenvol-

vimento socioeconômico, ambiental e cultural sustentável, local e regional.

Pensando a deficiência enquanto corpos dentro de uma estrutura social que não abarca as diversidades existentes, o projeto permitiu que os participantes pudessem compreender parte do conjunto de reflexões que têm sido elaboradas no que é conhecido como estudos sobre deficiência e suas interlocuções com debates sobre gênero e sexualidade, corpo, relações de cuidado, educação, movimentos sociais e direitos humanos. Essas discussões, por mais que estejam presentes no cotidiano profissional e da vivência escolar, nem sempre são objeto de reflexões mais aprofundadas, não alcançando as comunidades envolvidas com essas questões. Por essa razão, surge também a necessidade de uma compreensão mais teórica sobre esses fenômenos, buscando sensibilizar estudantes, docentes e demais profissionais para o tema, além de promover uma reflexão para repensar as práticas de acesso e inclusão no mundo a partir das lutas das pessoas com deficiência e as suas especificidades.

METODOLOGIA

Nos sete meses de execução do projeto foram ofertadas seis oficinas temáticas contemplando os estudos da deficiência. As oficinas foram ministradas em duplas ou trios, por antropólogos e antropólogas integrantes do CODEA e por pessoas com deficiência. As temáticas abordadas partiram de discussões iniciais

⁴ O Campus Restinga fica localizado na Restinga, um bairro localizado em uma região periférica de Porto Alegre/RS.

⁵ As estudantes Lara Barella (Egressa do curso de Lazer do Ensino Médio Integrado do IFRS) e Carolina Krum (Estudante do curso de Eletrônica do Ensino Médio Integrado do IFRS – Campus Restinga) também fizeram parte do projeto em distintas etapas.

⁶ Para ler a Política de Extensão do IFRS, acesse: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/Resolucao_058_17_Completa.pdf. Acesso em out.2010.

sobre modelo⁷ médico da deficiência versus modelo social⁸ (a primeira oficina) adentrando em discussões que contemplam os estudos da deficiência e outros marcadores, tais quais, corpo, cuidado e relações de gênero e sexualidade⁹, autismo e educação¹⁰, raça e etnicidade¹¹, concluindo com a última oficina: "Nada sobre nós, sem nós: os movimentos sociais de pessoas com deficiência no Brasil"¹².

A cada oficina a coordenadora do projeto se reunia com as bolsistas para pensar nas estratégias de divulgação, inscrições e acessibilidade das ações. A difusão das oficinas era realizada através de grupos de e-mails do Instituto Federal e das redes sociais do projeto – o Instagram¹³ e o Facebook¹⁴. Nossas redes sociais contavam também com o logotipo do projeto, criado pelas estudantes:

Figura 1: Logotipo do projeto de Extensão

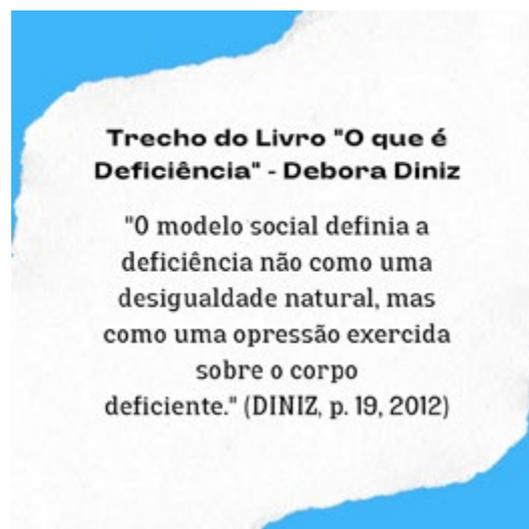


Fonte: Logotipo do projeto de extensão elaborado pelas bolsistas.

Essas redes sociais, administradas pelas bolsistas, também eram alimentadas com criação de conteúdo e reflexões provenientes da experiência com leituras sobre o tema. As postagens eram uma tentativa de aproximar os seguidores das nossas redes dos estudos sobre deficiência, seja através da divulgação de artigos e

livros, seja através de trechos explicando conceitos (conforme a figura 2). Uma preocupação era também por tornar as postagens acessíveis e utilizamos para isso os recursos de textos alternativos do Instagram e Facebook, descrevendo assim as imagens postadas.

Figura 2 – Postagem nas redes sociais do projeto



Fonte: Publicação elaborada pelas bolsistas para as redes sociais do projeto

Devido às condições da pandemia da Covid-19, as oficinas ofertadas foram no formato online. Este foi, inclusive, um dos desafios iniciais do projeto: como tornar esses espaços virtuais acessíveis? O trabalho das bolsistas foi central na pesquisa de como contornar essas dificuldades. Elas realizaram buscas na Internet por ferramentas e plataformas que atendessem demandas, como legendas e audiodescrição. Alguns dos recursos encontrados eram pagos ou não tão intuitivos como poderiam ser. Como exemplo, ferramentas que não possuíam legenda em tempo real, aplicativos que não geravam texto alternativo para suas imagens ou limitação no número de participantes nas salas.

Nos casos em que esses meios não eram adequados, alternativas viáveis precisaram ser

⁷ Oficina ministrada por Anahí Guedes e Helena Fietz

⁸ Oficina ministrada por Olivia von der Weid, Priscilla Isabel Menezes Dantas e Mônica Araujo.

⁹ Oficina ministrada por Julian Simões e Manoella Back.

¹⁰ Oficina ministrada por Valéria Aydos e Rita Louzeiro.

¹¹ Oficina ministrada por Iris Morais Araújo, Pedro Lopes e Natália Maria Alves.

¹² Oficina ministrada por Anahí Guedes e Marco Antônio Gavério.

¹³ Página do Instagram: <https://www.instagram.com/faid.ifrs/>

¹⁴ Página do Facebook: <https://www.facebook.com/faid.ifrs>

executadas. Como exemplo, oficinas que foram realizadas através do Facebook do projeto quando não havia ainda a possibilidade de legenda automática do Google Meet. Ao mesmo tempo que a interação entre oficinairos/as e participantes não foi tão efetiva nessas situações, a transmissão nesta plataforma permitiu que pessoas pudessem acessar o conteúdo da atividade em tempo real através das legendas. Além de que, um maior número possível de pessoas conseguiu acompanhar as atividades do projeto, pois não havia limitação do número de participantes na sala. Além dessa preocupação em tentar abarcar a diversidade dos corpos, todas as oficinas contaram com dois intérpretes de Libras, através da parceria com o IFRS – Campus Restinga e do recurso do edital de Ações Afirmativas do IFRS.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acreditamos que cada oficina contribuiu para que os/as participantes se distanciassem de noções ancoradas em um modelo médico da deficiência - que individualiza a deficiência e a apresenta enquanto uma lesão que necessita de intervenção biomédica (Diniz, 2007) - e de visões reducionistas sobre esse grupo populacional, possibilitando um contato com outras formas de pensar a temática, como o modelo social da deficiência. Nesta perspectiva, a deficiência é compreendida como “o resultado das interações pessoais, ambientais e sociais da pessoa com seu entorno” (De Mello; Nuernberg, 2012, p.638). Em outras palavras, “as experiências de opressão vivenciadas pelas pessoas com deficiência não estão na lesão corporal, mas na estrutura social incapaz de responder à diversidade, à variação corporal humana” (De Mello; Nuernberg, 2012, p. 638).

De maneira geral, o retorno do público foi positivo, excedendo até mesmo as expectativas da equipe do projeto. As oficinas transmitidas pelo Facebook – Conversando sobre Deficiência e Autismo e Educação – alcançaram, respectivamente, 135 e 543 pessoas. As demais oficinas, realizadas pelo Google Meet (quando o recurso de legenda foi habilitado) tiveram presenças que variaram entre 30 e 80 participantes online. Embora tenhamos tido desa-

fios na sua execução - como a acessibilidade no meio digital e limitação de público – ofertar as oficinas online favoreceu o alcance de um público muito maior do que o esperado pelas vias habituais. Contamos com inscrições e participação de pessoas de vários estados e áreas de atuação dispostas a participar das oficinas, com um público bastante heterogêneo: professores de diversas instituições e níveis de ensino, profissionais que atuam diretamente em instituições voltadas para pessoas com deficiência, estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação, pessoas com deficiência e suas redes familiares e integrantes de movimentos sociais.

Em cada oficina, era perceptível o entrosamento dos/das oficinairos/as com os interlocutores: os diálogos fluíam e as discussões rendiam ótimas reflexões a respeito dos temas abordados, não só por parte dos responsáveis pela oficina como também por parte de quem estava como audiência. Algumas vezes esse entrosamento ia para além das oficinas, que só fizeram ponto entre o conhecimento e o receptáculo, mas que não punham limite no alcance dessas informações.

Ainda que o formato do projeto tenha sido online, conseguimos apreender o engajamento dos participantes nas oficinas. Além de conseguirmos visualizar essa participação no momento dos debates promovidos pelos/as oficinairos/as, foi possível visualizar o alcance do público através dos formulários de avaliação de cada oficina. Nesses formulários, buscamos abarcar questões como sugestões de acessibilidade e indagações sobre como descobriram o projeto, o interesse em relação ao tema e o processo de aprendizagem durante as ações. De uma maneira geral, os/as participantes conseguiram absorver as temáticas abordadas nas oficinas e procuraram o projeto por interesses acadêmicos e pessoais. As menções também envolviam a problemática do tempo: por vezes as duas horas das oficinas não eram suficientes para contemplar todas as questões do público.

Além do retorno positivo quanto ao aproveitamento das falas dos/as oficinairos/as, também ocorreram manifestações sugerindo temáticas de interesse do público participante. Alguns

dos temas que apareceram nos formulários diziam respeito a questões de educação/aprendizagem e pessoas com deficiência, reflexões acerca de deficiência e maternidade/paternidade, relacionamentos afetivos, mercado de trabalho, deficiência e povos indígenas, dentre outros. Na nossa visão, esse engajamento do público demonstra a importância e relevância desta temática para futuras ações de extensão. Devido ao grande alcance do projeto e buscando fomentar o diálogo acerca da temática, uma última ação desenvolvida pelas bolsistas foi a criação de uma pasta no Drive¹⁵ com os artigos sugeridos pelos/asicineiros/as acerca das temáticas trabalhadas. Uma tentativa de expandir os diálogos e divulgar a produção científica e acadêmica dos estudos sobre deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expandir o diálogo sobre o tema da deficiência para além dos muros da escola, tendo como

fio condutor discussões produzidas por antropólogas e antropólogos e do lugar de voz de pessoas com deficiência, significa uma mudança na própria maneira de pensar a deficiência e pessoas com deficiência: como sujeitos de direitos e não enquanto corpos envolvidos por práticas e discursos de caridade. Significa ampliar noções enraizadas do que é considerado enquanto normalidade e dos mecanismos e discursos políticos que a constituem, fomentando uma sociedade mais plural, menos excludente e mais diversa.

Através dessas oficinas e da sua relação com a Antropologia e os estudos sobre deficiência fica evidente a importância de estudos antropológicos para comunidades de não antropólogos. Com este projeto de extensão, também tivemos a oportunidade de não apenas acessar os achados do trabalho de campo de acadêmicos, mas também trazer à tona o que as pessoas com deficiência tem a dizer sobre seus corpos e suas existências.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. Brasiliense, 2017.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 635-655, 2012.

¹⁵ Para acessar o material do Drive: https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1EOuiw81fIZ_vguWBJD20BCxppqKj69D4P

ENSINANDO E APRENDENDO ONTOLOGIA PELAS HQS: CURSO DE EXTENSÃO GEOLITERATURA E NONA ARTE, DIÁLOGOS FENOMENOLÓGICOS

TEACHING AND LEARNING ONTOLOGY THROUGH COMICS:
GEOLITERATURE AND NINTH ART EXTENSION COURSE,
PHENOMENOLOGICAL DIALOGUES

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro/SP.
E-mail: gcca99@gmail.com

RESUMO

O estudo da ontologia fenomenológica possui fundamentos que remontam a autores que vão da filosofia clássica grega ao nascimento do método fenomenológico, no século XIX. A partir de referenciais da filosofia, geografia e literatura, foi proposta uma formação interdisciplinar, de ensino e aprendizagem, dos fundamentos ontológico-fenomenológicos a partir das histórias em quadrinhos, representantes da Nona Arte. O principal objetivo do curso foi proporcionar um debate envolvendo os conceitos e categorias da Geografia e Literatura em diálogo com as expressões linguísticas em banda desenhada, também conhecida como Nona Arte, a partir da perspectiva metodológica da ontologia fenomenológica. Estudantes da graduação e pós-graduação da Universidade de São Paulo, principalmente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, bem como outras instituições do ensino superior, participaram da formação, realizada em 2021. O principal objetivo desta formação, como extensão universitária, foi o de difundir, aprofundar e propiciar novas formas de se conhecer e divulgar o ensino, aprendizagem e estudos da ontologia fenomenologia.

Palavras-chave: Ontologia. Fenomenologia. Nona Arte. Geoliteratura. Extensão.

ABSTRACT

The study of phenomenological ontology has foundations that go back to authors ranging from classical Greek philosophy to the birth of the phenomenological method in the 19th century. From references of philosophy, geography, and literature, it was proposed an interdisciplinary formation, of teaching and learning, of the ontological-phenomenological foundations from the comics, representatives of the Ninth Art. The main objective of the course was to provide a debate involving the concepts and categories of Geography and Literature in dialogue with linguistic expressions in comics, also known as Ninth Art, from the methodological perspective of phenomenological ontology. Undergraduate and graduate students from the Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, as well as other higher education institutions, participated in the training, held in 2021. The main objective of this training, as a university extension, was to disseminate, deepen and provide new ways

of knowing and disseminating the teaching, learning and studies of the ontology of phenomenology.

Keywords: Ontolgy. Fenomenology. Ninth Art. Geoliterature. Extension.

INTRODUÇÃO

Durante os dias 04 e 10 de outubro de 2021, foi ofertado o curso de extensão intitulado Geoliteratura e Nona Arte: diálogos fenomenológicos. A atividade foi realizada de modo on-line, com o suporte do serviço de cultura e extensão universitária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Os encontros ocorreram no período matutino, sob a coordenação do professor Júlio Cesar Suzuki e teve como ministrantes os professores Gilvan Charles Cerqueira de Araújo e Mariana Vicente Oliveira.

A metodologia de ensino utilizada foi a de aulas expositivas, ao longo dos quatro encontros, de forma síncrona com os inscritos. Em acréscimo a exposição dos conteúdos e temas nas aulas foram realizados debates e trocas de experiências didático-pedagógicas e acadêmicas sobre a Nona Arte. A forma de avaliação da atividade seguiu os preceitos estabelecidos pela FFLCH, neste caso específico, por meio da frequência dos inscritos em uma porcentagem mínima de 75% nas aulas do curso.

O principal objetivo do curso foi proporcionar um debate envolvendo os conceitos e categorias da Geografia e Literatura em diálogo com as expressões linguísticas em banda desenhada, também conhecida como Nona Arte, a partir da perspectiva metodológica da ontologia fenomenológica. A nona arte, também chamada arte sequencial, arte gráfica, é assim considerada por autores como Eisner (2005; 2010) e reconhecida em trabalhos já considerados clássicos para este tema como aqueles efetuados por Cagnin (2014), Cavalcanti (1977) e Eco (1993).

Esta arte sequencial une-se, na proposta do curso, com elementos epistemológicos e analíticos tanto do pensamento geográfico como da arte literária, especialmente na inserção de

princípios metodológicos já existentes da geoliteratura aplicados a diferentes obras e especificidades da nona arte. O imagético e pictórico, em associação ao textual, definem a arte sequencial ou nona arte de formas diversificadas de representações narrativas, elementos visuais e ambientações, dentre outros elementos que caracterizam a nona arte.

A partir de tais premissas, a interdisciplinaridade foi o meio pelo qual a aproximação teórica e metodológica entre geoliteratura e nona arte irá ocorrer, com possibilidades de abertura para outras temáticas próximas ao debate como o mercado das histórias em quadrinhos, a relação da nona arte com o cinema, o potencial didático-pedagógico na relação entre geoliteratura e nona arte etc.

1º ENCONTRO: SOBRE AS BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA GEOLITERATURA

No primeiro encontro do curso houve a divisão do conteúdo trabalhado em três partes: Da Geografia à Literatura; Da Literatura à Geografia e Epistemologias Geoliterárias. Os principais autores utilizados como referência foram como Alves (2018), Almeida (2003), Dimas (1985), Besse (2006), Blanchot (1987), Brandão (2013), Suzuki (2017), Castro (2016), Collot (2012; 2013) e Monteiro (2002) e Olanda e Almeida (2008).

Foram tratados temas como as conceituações presentes tanto na Geografia como Literatura, no sentido de ofertar uma reflexão sobre a Geoliteratura a partir das bases epistemológicas de categorias de análise como espaço, território, região, lugar, paisagem e princípios do raciocínio geográfico como escala, distribuição e extensão. Da arte literária, os autores escolhi-

dos como referência aproximam elementos da literatura ao olhar geográfico, passível de aplicação analítica em relação a nona arte como personagens, narrativas, texto, contexto, estilo etc.

De igual modo, foi proposto um debate sobre o papel das epistemologias geoliterárias a partir das quais o protagonismo da dimensão espacial é estruturado a partir das bases teóricas e metodológicas da Geografia e Literatura aproximando-as da nona Arte, na conjunção entre imagem e texto e a narrativa desenvolvida a partir da estrutura e singularidade das histórias em quadinhos.

2º ENCONTRO: FENOMENOLOGIA, LINGUAGEM E NONA ARTE

No segundo encontro do curso a divisão das temáticas trabalhadas também se deu em três partes: Ontologia e Fenomenologia; Três fenomenologias: Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty e Linguagem, arte geoliterária e ontologia fenomenológica. Escritos e obras de diferentes autores foram utilizados nesta fase da atividade, em especial aquelas que permitam a aproximação dialógica entre geoliteratura e nona arte como Bachelard (2008), Candido (2017), Cauquelin (2007), Compagnon (1999), Coutinho (1976) e Rama (2006).

No segundo encontro foram tratados algumas das principais bases da ontologia fenomenológica tendo como referência obras de e ideias dos filósofos Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty (HEIDEGGER, 2008; 2015; MERLEAU-PONTY, 2011; SARTRE, 2008). Cada um destes autores possui seu próprio desenvolvimento e estrutura epistemológica em relação à fenomenologia que, em todos os casos, possuem incursões e experiências de pesquisas pela Geografia, especialmente no papel da espacialidade como componente essencial do sentido da existência no mundo (BESSE, 2006; DARDEL, 2011; MARANDOLA JR. et al., 2012).

3º ENCONTRO: ILUSTRAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE NONA ARTE, GEOLITERATURA E FENOMENOLOGIA - PARTE 1

No terceiro encontro do curso foram trabalhadas obras e aplicações da relação entre geoliteratura e nona arte, especificamente, na obra de Will Eisner (2005; 2009; 2010). A urbanidade novaiorquina e nuances da existência do autor foi o foco do exercício analítico realizado. Autores da base bibliográfica do curso propõem bases geoliterárias que também foram aproveitadas neste momento da formação e reflexões propostas (RAMA, 2006; GOMES, 2008).

Como sarjetas e requadros podem ser signos passíveis de leitura? Esta foi a pergunta norteadora do terceiro encontro do curso, em continuidade aos elementos e debates já realizados até então. A obra e a sistematização da técnica construída por Will Eisner ilustram muito bem essa possibilidade. Estes elementos foram explorados na análise das obras do autor, bem como aspectos técnicos e imagético-textuais de sua narrativa gráfica e sua relação com os fenômenos socioespaciais.

4º ENCONTRO: ILUSTRAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE NONA ARTE, GEOLITERATURA E FENOMENOLOGIA - PARTE 2

Em continuidade à temática urbana, mas com foco mais centrado na singularização o sujeito em seus estares do devir vida, houve, no quarto e último encontro um trabalho de análise geoliterária da obra *Un peu de bois et'acier* de Christophe Chabouté (2018). Elementos da expressão do cotidiano na arte sequencial do autor formaram o foco da análise proposta, com o auxílio de autores como Certeau (1994),

Araújo (2020) e Halliday (1989).

Elementos como o silêncio, os detalhes das ações cotidianas, a passagem do tempo na escala do sujeito são algumas das características da obra de Chabouté como imagem-texto ou intervalos de ocorrências quaisquer do dia-a-dia de inúmeros transeuntes representados pelo autor. O banco de madeira e aço em uma localização qualquer representa muitas outras espacialidades, pelas quais a existência em seu acontecer perpassa, transpassa e marca suas grafias como situação de seu devir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nona arte é um dos campos de maior desenvolvimento de expressão da linguagem nas últimas décadas, passível de exploração de estudos acadêmicos para sua conceituação e reflexão da sua importância na sociedade contemporânea. A imagem e o texto somam-se em uma forma única de contar histórias pelos quadros intercalados dos quadrinhos,

base criativa a partir da qual é possível construir personagens, desenvolver situações de dramas, aventuras, fantasia e ficção científica.

Tendo essa premissa como ponto de partida o curso "Geoliteratura e Nona Arte: diálogos fenomenológicos" se propôs a promover uma reflexão envolvendo as bases teóricas e metodológicas da Geografia e Literatura, tendo como escopo epistemológico a ontologia fenomenológica, no sentido de envolver as diferentes temáticas e potencial de exploração geoliterário da nona arte.

A diversidade do público-alvo presente no curso, formado por graduandos, mestres e doutores favoreceu o enriquecimento da experiência formativa proposta. A interdisciplinaridade e possibilidade de aproximação com diferentes áreas de formação e atuação permite ao curso receber interessados voltados para temáticas geográficas, literárias, educacionais, filosóficas, comerciais, artísticas etc. A geoliteratura e nona arte, unidas às bases epistemológicas da ontologia fenomenológica contribuíram para a proposição de um percurso profícuo de reflexões e experiência formativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda & RATTS Alecsandro J. P. (orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia, GO: Alternativa, 2003, p. 71-88.

ALVES, Ida. A Literatura é uma Geografia?. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, São Paulo, n.1, v. 2, p. 20-34, 2018. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/140269>> Acesso em 16 de jan. de 2022.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. Cotidiano e facticidade: contribuições para uma geografia da escala mínima. **Revista Geografia, Literatura e Arte** v. 2, n. 2, p. 173-200, 2020. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/154781>> Acesso em 16 de jan. de 2022.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 2ª Ed. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia**. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os Quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial: linguagem e**

semiótica. São Paulo: Criativo, 2014.

CÂNDIDO, Antônio et.al **A personagem de Ficção**, 13a. Edição, São Paulo: Editora Perspectiva Ltda., 2017.

CASTRO, Júlia Fonseca. Geografia e Literatura: da aproximação ao diálogo. In: SUZUKI, J. C.; LIMA, A. P.; CHAVEIRO, E. F. (Org.). **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, p. 332-347, 2016. Disponível em: < <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/104> > Acesso em 16 de jan. de 2022.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAVALCANTI, Ionaldo de Andrade. **O mundo dos quadrinhos**. São Paulo: Símbolo, 1977.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes. v.1: artes de fazer.1994.

CHABOUTÉ, Christophe. **Um pedaço de madeira e aço**. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2018.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. In: **Gragoatá**, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2. sem. 2012. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006> > Acesso em 16 de jan. de 2022.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Trad. Ida Alves. Editora: Oficina Raquel, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COUTINHO, Evaldo. **O lugar de todos os lugares**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. **Nova York: a vida na grande cidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. 4ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GOMES, Paulo César da Costa; GOIS, M. P. F. **A cidade em quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos**. Cidades (Presidente Prudente), v. 5, p. 17-32, 2008. Disponível em: < <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/592> > Acesso em 16 de jan. de 2022.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaya. **Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **Marcas do Caminho**. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis RJ: Vozes, 2015.

KUNZ, Sidelmar Alves; ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira; Castioni, Remi. **Epistemologia e a pesquisa em política educacional**: vetores que orientam os pesquisadores do campo educacional. *Revista de Ensino de Geografia*, v. 8, p. 17-47, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39673> Acesso em 20 de out 2022.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos. A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. **A geografia e a literatura**: uma reflexão. *Geosul*. Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul/dez 2008. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7/11722> > Acesso em 16 de jan. de 2022.

RAMA, Maria Ingrid Gomez. **A representação do espaço nas histórias em quadrinhos do gênero super-heróis**: a metrópole nas aventuras de Batman. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Programa de Geografia Humana, 2006.

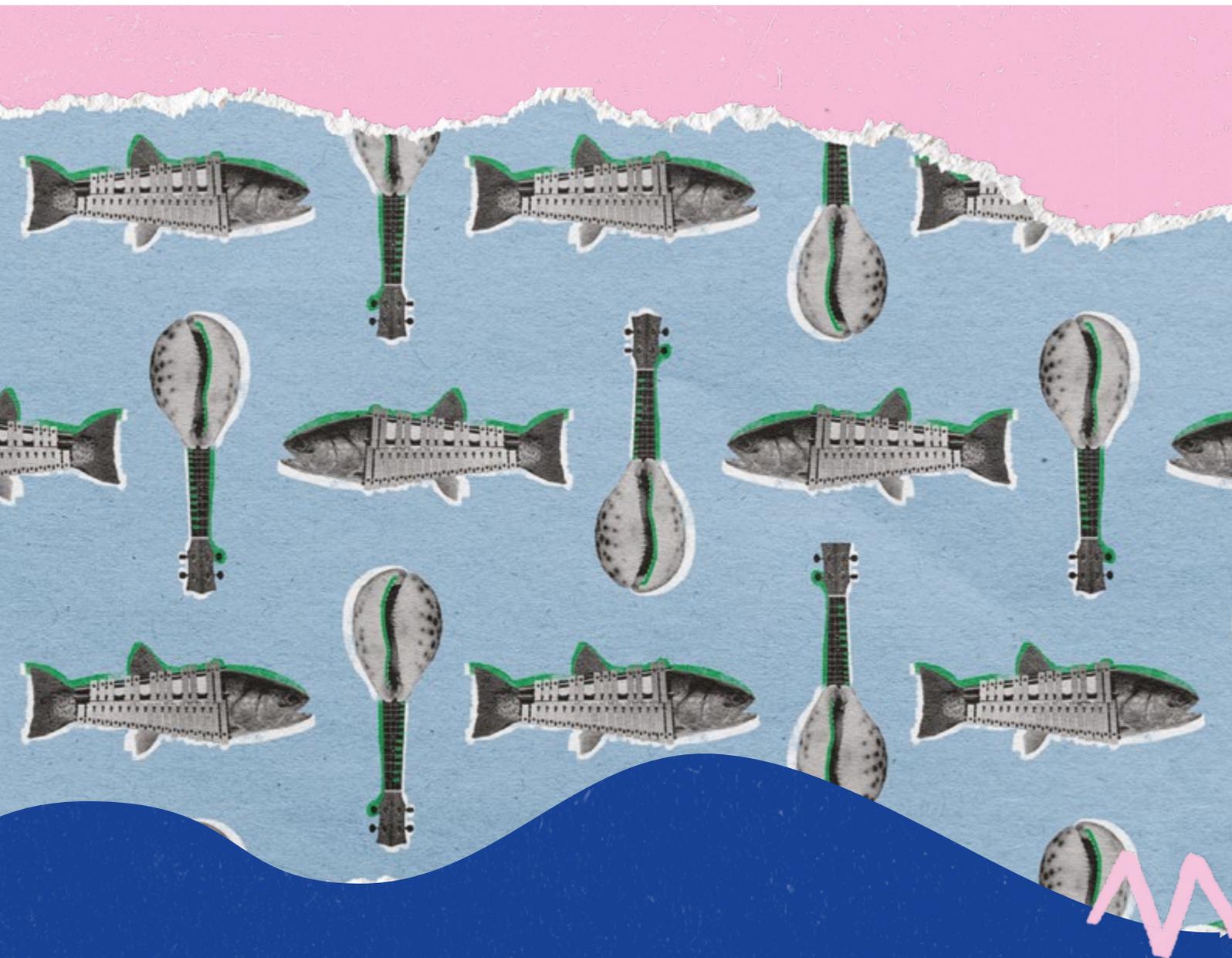
SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2008.

SUZUKI, Júlio Cesar. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. In: **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 5, p. 129-147, 2017. Disponível em: < <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e2...> > Acesso: 16\01\2022.

ISSN 2236-6784



ISSN (ONLINE): 2764-5878
ISSN (IMPRESSO): 2236-6784



Revista
extensão

Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura

UF^B
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia